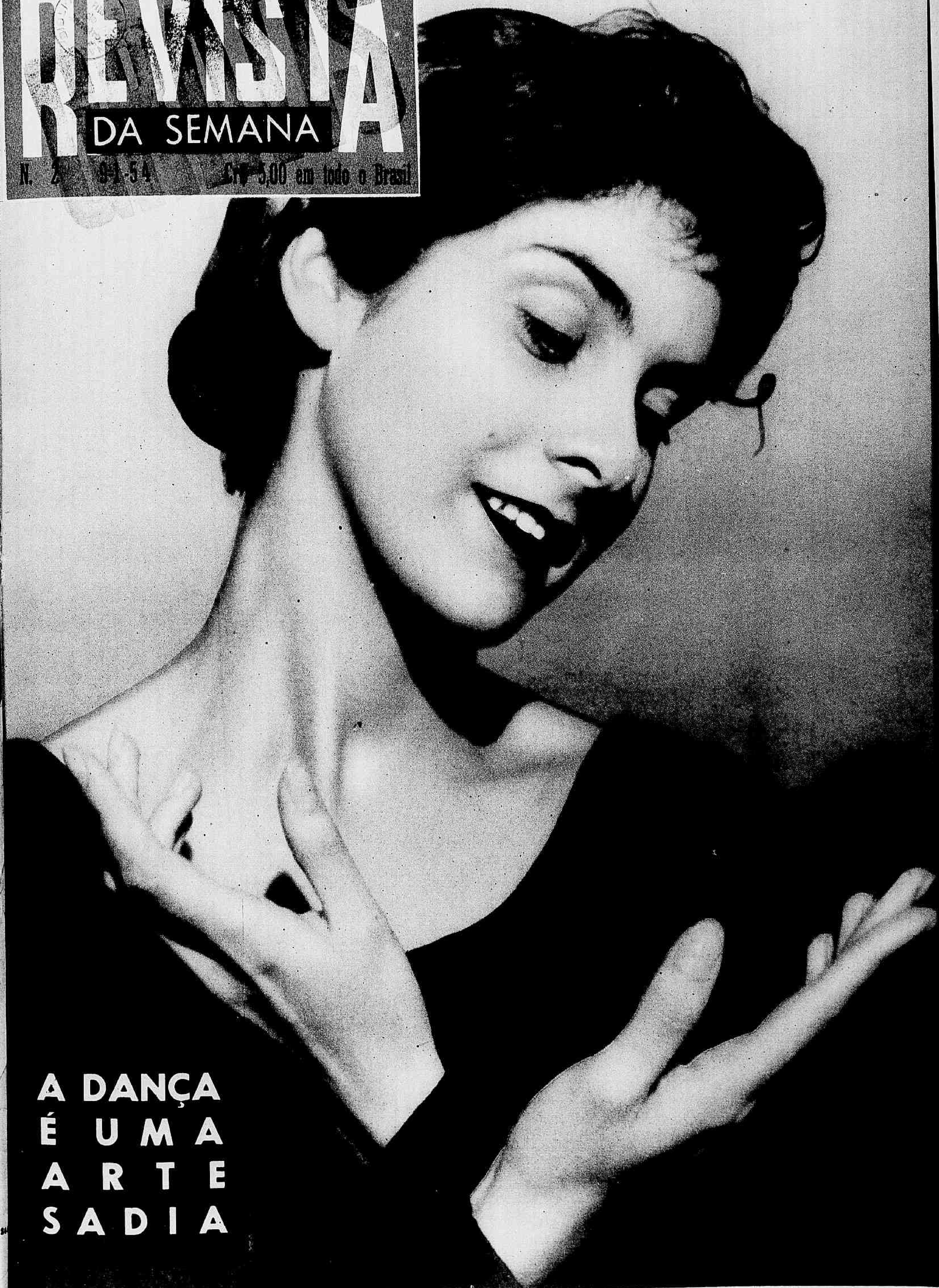

REVISTA
DA SEMANA
N. 2 9-1-54 Cr$ 5,00 em todo o Brasil
A DANÇA
É UMA
ARTE
SADIA

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as AGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de «Piscina do Boi», «Cascatinha dos Amôres», «Fonte Antiga», «Fazenda das Carpas», «Fazenda Retiro», «Fonte do Paiol», **«Fonte Vilena»**, «Pedra Balão» e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. A natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.

★

O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.

★

COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS

★

RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Aguas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelo telefone nº 20. Até 30 de dezembro 20% de desconto nos preços da tabela. AGUAS DA PRATA é servida pela magnífica Emprêsa de ônibus VIAÇAO COMETA S. A., que circula por centenas de cidades do país e que mantém 10 ônibus diários para São Paulo.



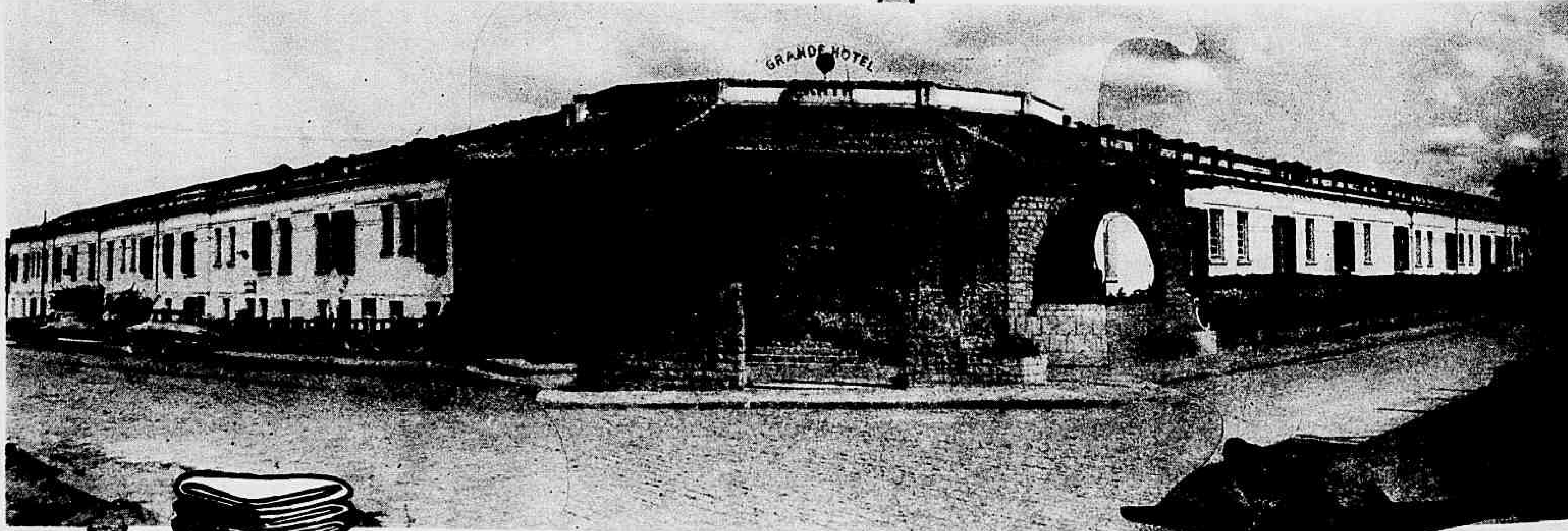
EXCELENTE BAR

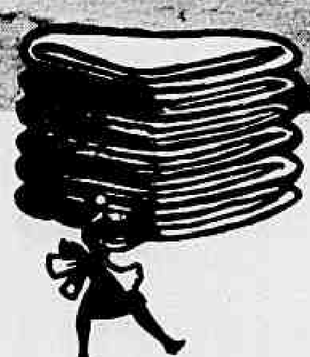


AMPLA VARANDA



SALÃO DE REFEIÇÕES





ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

«A VICHY BRASILEIRA»

AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Calda — via São Paulo
★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte
(do aeroporto a Águas da Prata 30 minutos de automóvel)

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 2 ★ 9/1/1954

SUMÁRIO

O Tempo é o grande inimigo .. 8/10
Como vejo Getúlio 12/13
Quinze dirigentes 14/17
A dança é uma arte sadia 28/32
Os paulistas federais 43/45
Os médicos tiveram mais trabalho 47/49
O que Timbaúba da Silva acha da Polícia 52/53
Jânio Quadros atira e rebate .. 20/21
Pingue-Pongue 3
Por êsse mundo de Deus 4/6
O Brasil fora da barra 7
Tio Mocho 19
Semana Literária 24/25
Femininas 38/39
Semana em Revista 54/55
Semana Política 56/57
Último Flash 58

Capa: MARA MENEZES, do Ballet da Juventude (veja páginas 28-32) Foto Alberto Ferreira

- Redator-Chefe: Joel Silveira
- Assistente: Hélio Abreu
- Paginação: Victor Tapajós
- Desenhos: Alberto Lima
- Publicidade: J. M. Costa Júnior

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da CIA. EDITÔRA AMERICANA.

- Diretor: Gratuliano Brito
- Assistente: Renato de Alencar

ENDEREÇOS E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires. Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

EM SAO PAULO

Distribuição: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Tel.: 34-1569
Publicidade: M. Gonçalves da Silva — Rua 15 de Novembro, 228, 5º andar, sala 517 — Tel.: 33-4811.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ...	Cr$ 250,00
Seis meses	Cr$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 400,00
Seis meses	Cr$ 200,00

O número avulso custa Cr$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 6,00.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 76 páginas.

Ping-Pong

JOEL SILVEIRA

— Você se considera um homem inteligente?

— Na quinta dose.

— E culto?

— Na oitava.

— A que partido pertence?

— Ao Socialista, 32ª ala à esquerda de quem vai.

— Se você não fôsse você, quem gostaria de ser?

— Eu mesmo com a renda do poeta Schmidt.

— Você acha que Getúlio passará à Posteridade?

— Dela êle não escapará.

— Qual o seu programa para 54?

— O mesmo de 53: comprar pelo crediário.

— O Brasil é mesmo o país do futuro?

— Disseram isso há quinze anos. Ficou provado que não era.

— Que acha da UDN?

— Entreaberta oposição, entrefechado govêrno, um pouco de Brigadeiro e um pouco de Zé Cândido.

— Que é que você sabe fazer bem?

— Jogar botão, selar promissória e botar título em reportagem. . . .

— Quem inventou essas entrevistas pingue-pongue?

— Não foi o José Sanz!

— Qual o maior acontecimento literário de 53?

— O Vilarinho.

— Que acha do esquema Aranha?

— Manobra solerte do govêrno visando à minha ruína pessoal.

— O que é que lhe deixa realmente orgulhoso?

— Ouvir um garção me chamar pelo nome.

— Qual o maior feito de sua vida?

— Um diálogo de três minutos, em italiano, com a Gina Lolobrigida, em Roma. Vou publicá-lo em livro.

— Qual o acontecimento brasileiro mais engraçado, em 53?

— Um artigo de Gilberto Freire, no "Cruzeiro", onde êle contava de como fôra convidado pelos doutores da Universidade de Heildeberg para resolver um impasse sociológico. E de como em não indo o impasse continua.

— Como você entrou em 54?

— Nervoso.

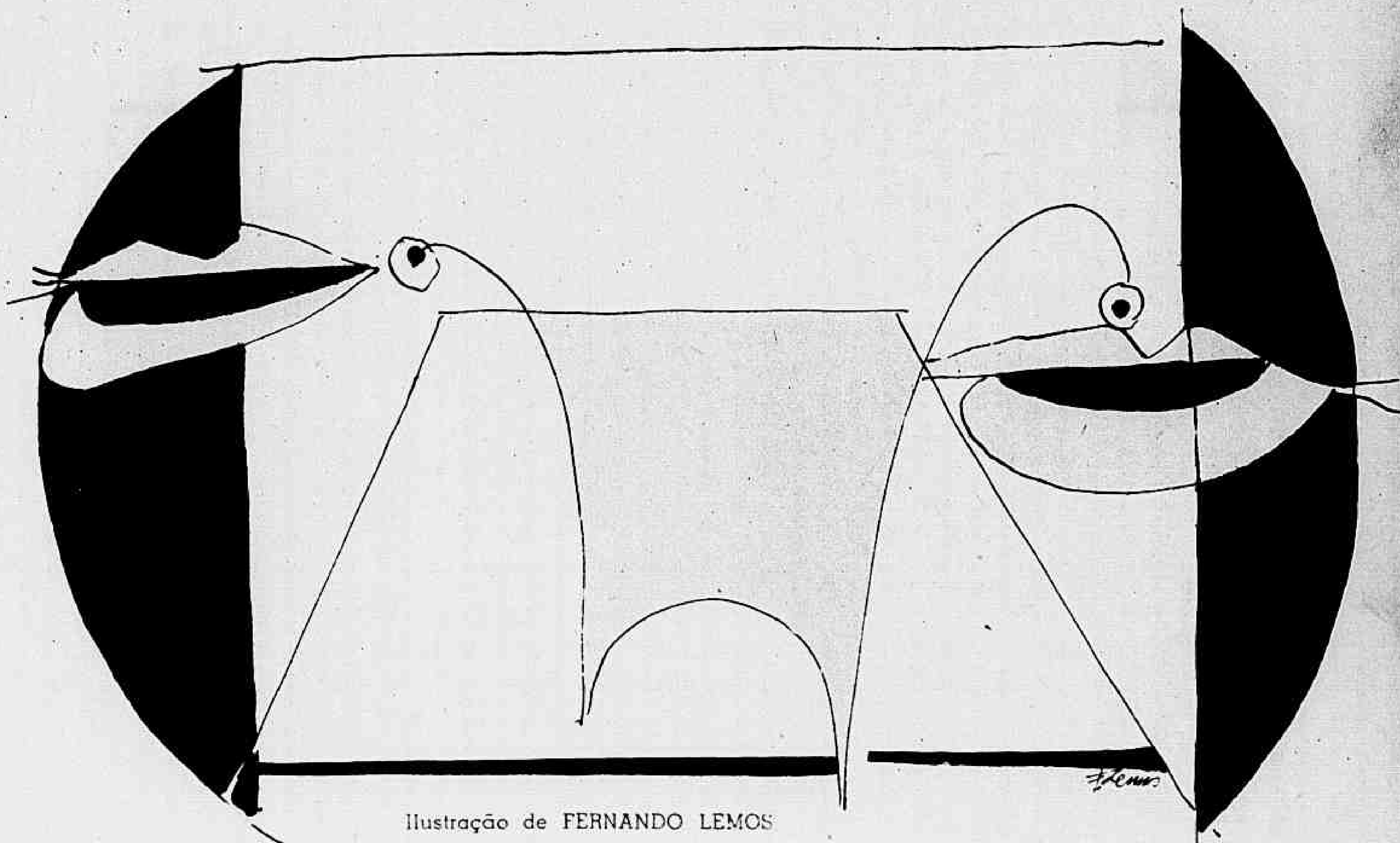


Ilustração de FERNANDO LEMOS



Por êsse Mundo de Deus

EM BUSCA DAS PERNAS PERFEITAS



● Após analisar (friamente...) algumas centenas de pares de pernas, o fotógrafo Peter Peck ainda continua na busca das «pernas perfeitas» que usarão o novo modêlo de meias Nylon. No Teatro Adolphi, o rapaz foi visto examinando detidamente as pernas que a foto acima exibe e que pertencem respectivamente (a partir da esquerda) às jovens Millicent Martin, 19 anos, de Londres; Antonia Palmer, 21, Londres; Claudia Carr, 18, Londres; Rosemary Cotter, 18, de Hampstead; e Susan Pardoe 16, de Barnet. (Foto Keystone).

O DESPERTAR DA BELA ADORMECIDA



● O Ballet Francês estreou no Stoll Theatre apresentando a bailarina Leslie Caron no papel principal de «A Bela Adormecida no Bosque». Na foto acima, Leslie num dos mais deliciosos instantes do bailado, quando despertava novamente para a vida, após a chegada do «Príncipe encantado» da lenda

Em Roma, durante manifestações populares sôbre a questão de Trieste, a embaixadora americana, sra. Clara Booth Luce, saiu à rua para ver com seus próprios olhos os últimos acontecimentos.



ESTA FOTO É PARA LEVANTAR O MORAL DOS QUE ACHAM QUE O BARRACO DE ZINCO É UMA TRISTEZA SOCIAL APENAS NO RIO DE JANEIRO: TAMBÉM NA ÁFRICA DO SUL ÊLES EXISTEM



Êste espetáculo estúpido, chamado «corrida livre», é assistido periòdicamente por milhares de pessoas, em Nimes e Arles. Na foto, o francês André Doulard no momento exato em que o touro Le Cigalier o enviava para uma temporada de vários meses em um hospital.



O diretor de cinema Pietro Mele não se contentou com o beijo de despedida à entrada do apartamento da atriz e milionária Brenda Kelly. Quis entrar, ela não deixou; insistiu, ela resistiu; Brenda chamou a Polícia; Mele resistiu à Polícia o que é positivamente um êrro.

OS PRESIDENTES DA FRANÇA
UMA ANEDOTA PARA CADA UM





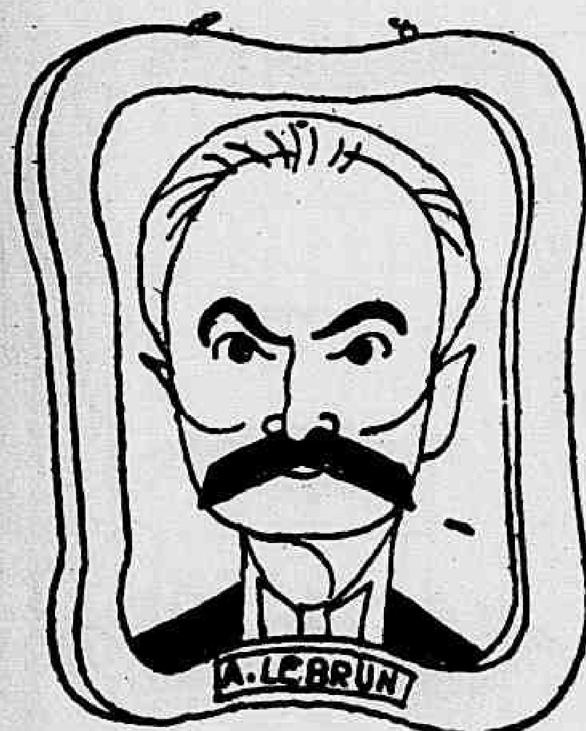
ALEXANDRE MILLERAND

A passagem dêsse homem da esquerda, mas que se tornou homem da direita, nada tem de particularmente marcante. Notemos, simplesmente, o gôsto particular do Presidente pelos sorvetes. Os gelados figuravam em todos os seus **menus**.

ALBERT LEBRUN

Quando aquêle que suas lágrimas e seus grandes pés tornaram célebre, acedeu, pela primeira vez, à magistratura suprema da França, Mme. Lebrun disse, segundo afirmam, estas palavras:

— Que pena! Êle teria podido fazer tão bela carreira!

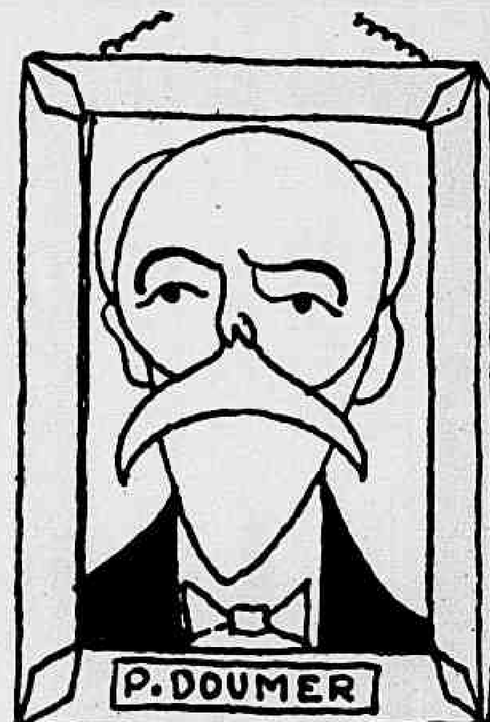


RENÉ COTY

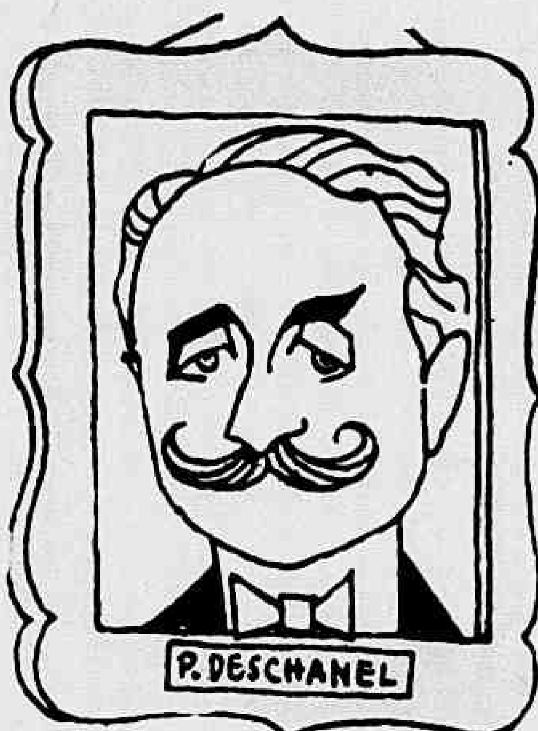
Vice-presidente do Senado da França, político conservador independente, nome quase desconhecido no país e ainda mais no exterior, foi eleito Presidente da República Francesa no décimo terceiro escrutínio, após tôda aquela ansiedade dramática em busca da maioria absoluta. Ei-lo feliz, sorridente. Uma anedota? Sua eleição pareceu, ela própria, uma anedota...

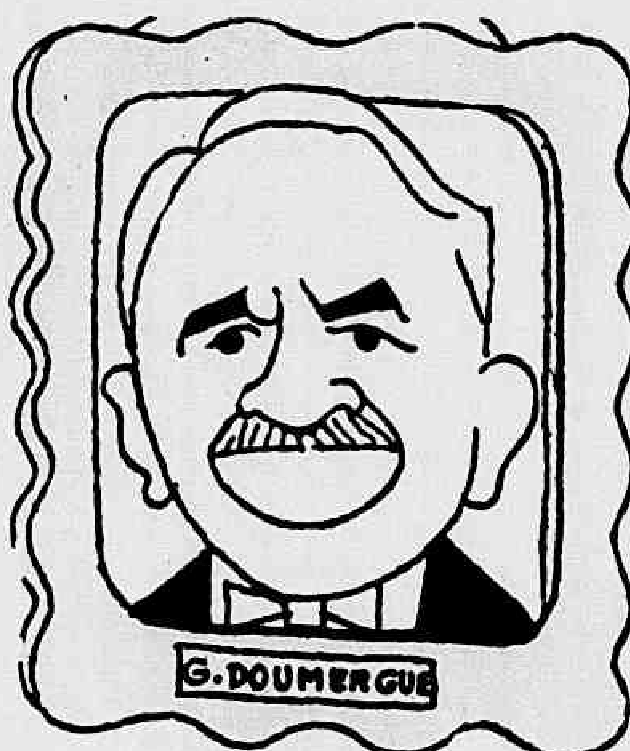
PAUL DOUMER

Êste digno Presidente, muito respeitável, cuja existência e morte foram marcadas por trágico destino, não oferece nenhuma anedota. Citemos, apenas, esta sombria superstição, que se realiza: era o 13° Presidente e fôra eleito a 13 de junho de 1931. Disse êle, então, em tom de pilhéria, a um dos seus familiares: «Com tais números, só poderei morrer assassinado».











RAYMOND POINCARÉ

Sua vida contém muitas anedotas. Mas esta se refere a Mme. Poincaré. Durante a primeira grande guerra um orangotango escapara do «Cirque d'Été», próximo ao palácio dos Campos Elíseos e entrara no jardim presidencial. A senhora Poincaré o viu. O macaco se aproximou, procurou enlaçá-la, ameaçando conduzi-la para o alto de uma árvore. A censura à imprensa não permitiu que se soubesse do atrevimento do símio.

PAUL DESCHANEL

A República teve seu Carlos VI na pessoa do brilhante Paul Deschanel, eleito contra Clemenceau. Um noite êle caiu, vestido num pijama, do trem presidencial. Um guarda-barreira o recolheu, mas não quis acreditar que estava socorrendo o Presidente da República. Mas, ao verificar que aquêle desconhecido de pijama tinha os pés limpos, asseados, caiu em si, e passou a cumulá-lo de considerações.

GASTON DOUMERGUE

Êste se decidiu casar-se secretamente, na ante-véspera de sua partida dos Elíseos. Fêz vir até sua presença o «maire» de sua circunscrição civil, deu-lhe tôdas as instruções para que tudo fôsse realizado sem publicidade. Mas, ao sair a autoridade, o gabinete foi invadido pelos funcionários do palácio, levando flores. O noivo berrou: «Quem os avisou?».

— A Embaixada da Inglaterra! — responderam.

VINCENT AURIOL

Um editor de dicionários, bastante conhecido, dirigiu, certo dia, um exemplar de sua última edição ao Presidente Auriol, que, dias depois lhe respondeu escrevendo assim: «Muito obrigado, caro senhor, pela excelente obra, que li do A até o Z». Conhecendo-se a natureza metódica do sr. Auriol, não é possível se tratasse de uma distração, mas de uma «bola» espirituosa.



O BRASIL *fora da barra*



CRISTIANO MACHADO

Vítima de um colapso cardíaco, morreu, em Roma, o sr. Cristiano Machado. A morte do embaixador do Brasil na Santa Sé verificou-se na noite de 26, pouco depois de recebido pelo Papa, a quem fôra transmitir os votos de feliz Ano Novo do govêrno brasileiro. Recorda-se que depois das eleições de 1950 passou por grave crise cardíaca. Restabelecendo-se, pôde atender ao convite para embaixador junto ao Papa.



● Nesta foto aparece Brian Fawcett, entre os Kalapagos, por ocasião de sua expedição a procura do pai e do irmão, quando encontrou a ossada não identificada, que era atribuída a seu pai. Mas êle pôs em dúvida que fôssem sequer os ossos de um homem branco. (Tempo).

● Uma revista italiana publica, agora, alguns capítulos do livro de Brian Fawcett, filho do coronel Henry Fawcett perdido nas selvas brasileiras. Tratam-se de suas cartas e narrativas de expedições fantásticas, em busca do Eldorado e de tesouros lendários. Éste livro, na Inglaterra, causou uma grande emoção, vendendo cem mil em poucas semanas. Durante vinte e cinco anos a senhora Fawcett esperou a volta do marido. Por fim, encarregou Brian do trabalho da coleta e publicação de suas cartas. O primeiro capítulo publicado no semanário italiano — serão três, ao todo — narra uma expedição à Amazônia, em 1909.

● O «BOOKS REVUE», SEÇÃO DE CRÍTICA LITERÁRIA DO «NEW YORK TIMES», ESTÁ ENTREGUE A ÉRICO VERÍSSIMO, ROMANCISTA GAÚCHO.

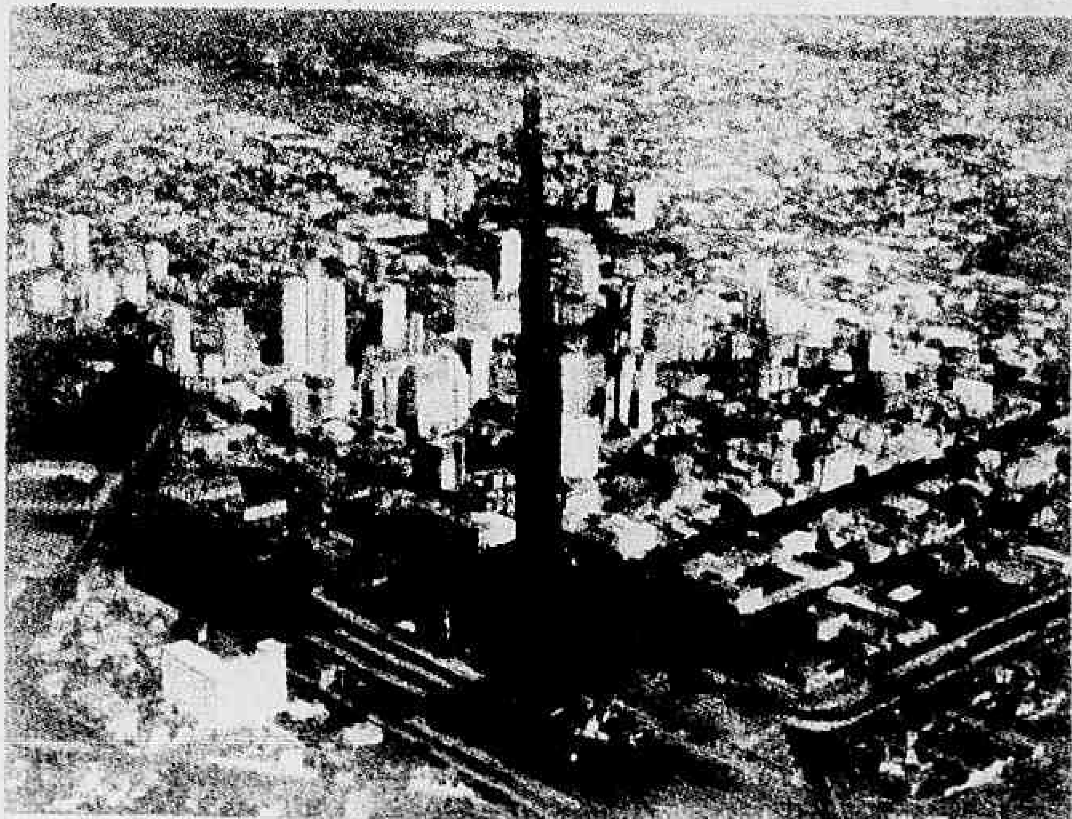
BELO HORIZONTE E SÃO PAULO NO "TIME"

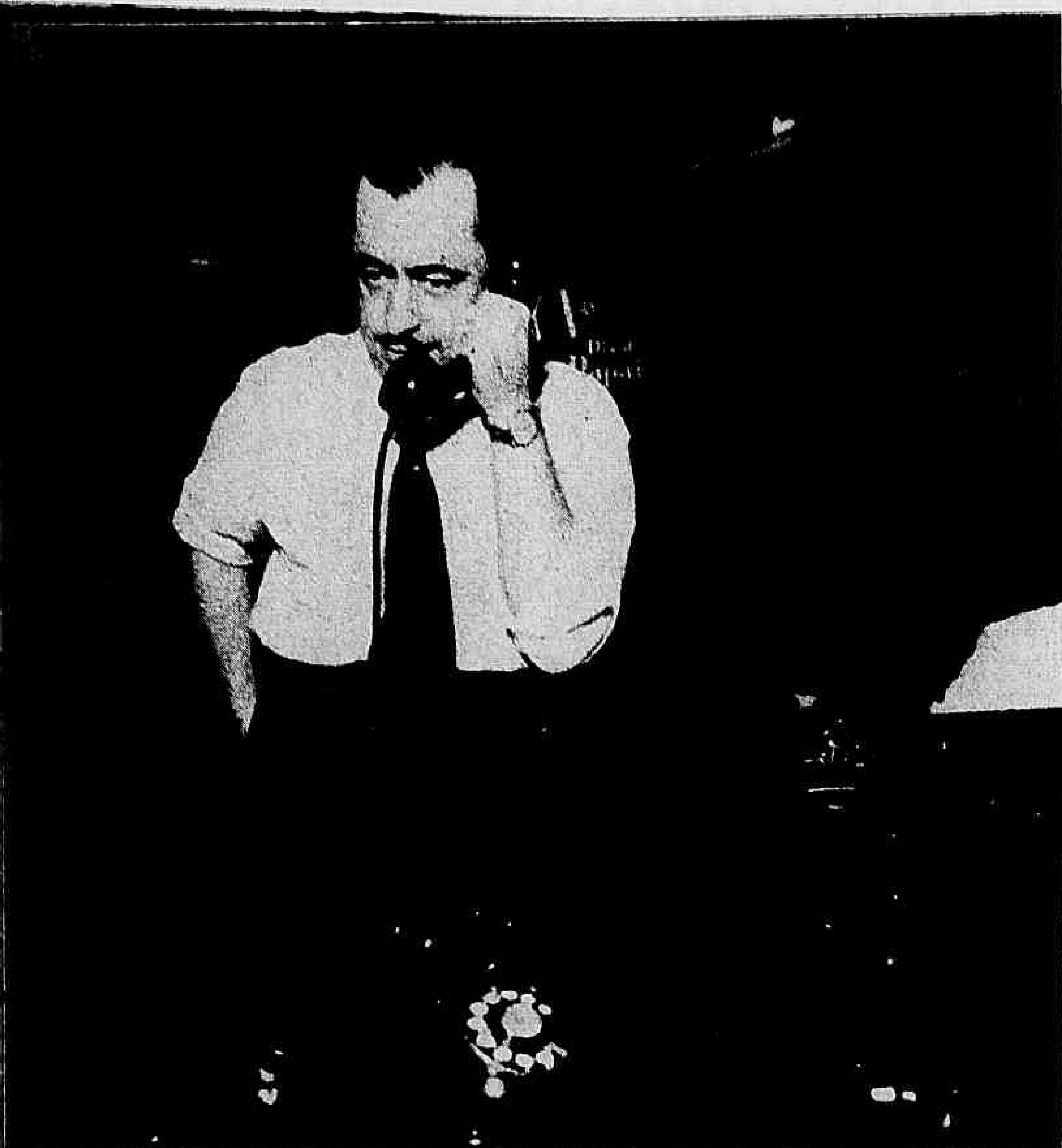


● O «TIME» faz um comentário historiado, a respeito do incidente da CEXIM, observando que sendo êste um dos escândalos do govêrno Vargas, o Presidente viu-se obrigado a perder um de seus homens de confiança, o ex-chefe de polícia Coriolano Góis. Na mesma página temos uma nota sôbre o «Novo homem nas montanhas», que vem a ser Juscelino Kubitschek, com longas observações sôbre suas realizações nas construções de estradas, programa de eletrificação, etc. Logo o comentário cai sôbre Belo Horizonte, fazendo notar que embora sendo novíssima, já é uma cidade de 400.000 habitantes, o que equivale ao dôbro da população de dez anos atrás. Refere-se, também, às suas largas ruas, suas 129 praças e parques, ao aparecimento de arranha-céus, como o do Banco da Lavoura, com 24 andares, o elegante Hotel Normandy e o prédio de apartamentos, de 35 andares, desenhado pelo famoso arquiteto Oscar Niemeyer. Termina mencionando novamente as estradas de Juscelino, e lembrando suas palavras com relação a elas: «Assinei uma promissória para os eleitores e tenho que pagá-la». A última nota é a respeito da Bienal de S. Paulo, a maior mostra da América do Sul, que reúne 4.000 trabalhos de artistas de 39 nacionalidades. O crítico britânico Sir Herbert Read declarou esta exposição melhor do que a de Veneza, com o que concordou Rodolfo Pallucchini, da Bienal de Veneza. Éste sucesso trouxe ao povo paulista tranqüilidade quanto ao provável sucesso do seu próximo centenário.



«Nos famosos candomblés, rito negro que mantém 300 locais de culto no Rio e que ocupa um grande lugar na vida dos habitantes do Estado da Bahia, aparece um dançarino saltador que com seus gestos personifica Oxalá, o deus supremo.» — «L'ILLUSTRE».







6 HORAS: A atividade na redação começa às primeiras horas do dia, já dentro de uma incrível pressa. Há grande movimento de assuntos e pessoas. Dali sai a matéria para a impressão.

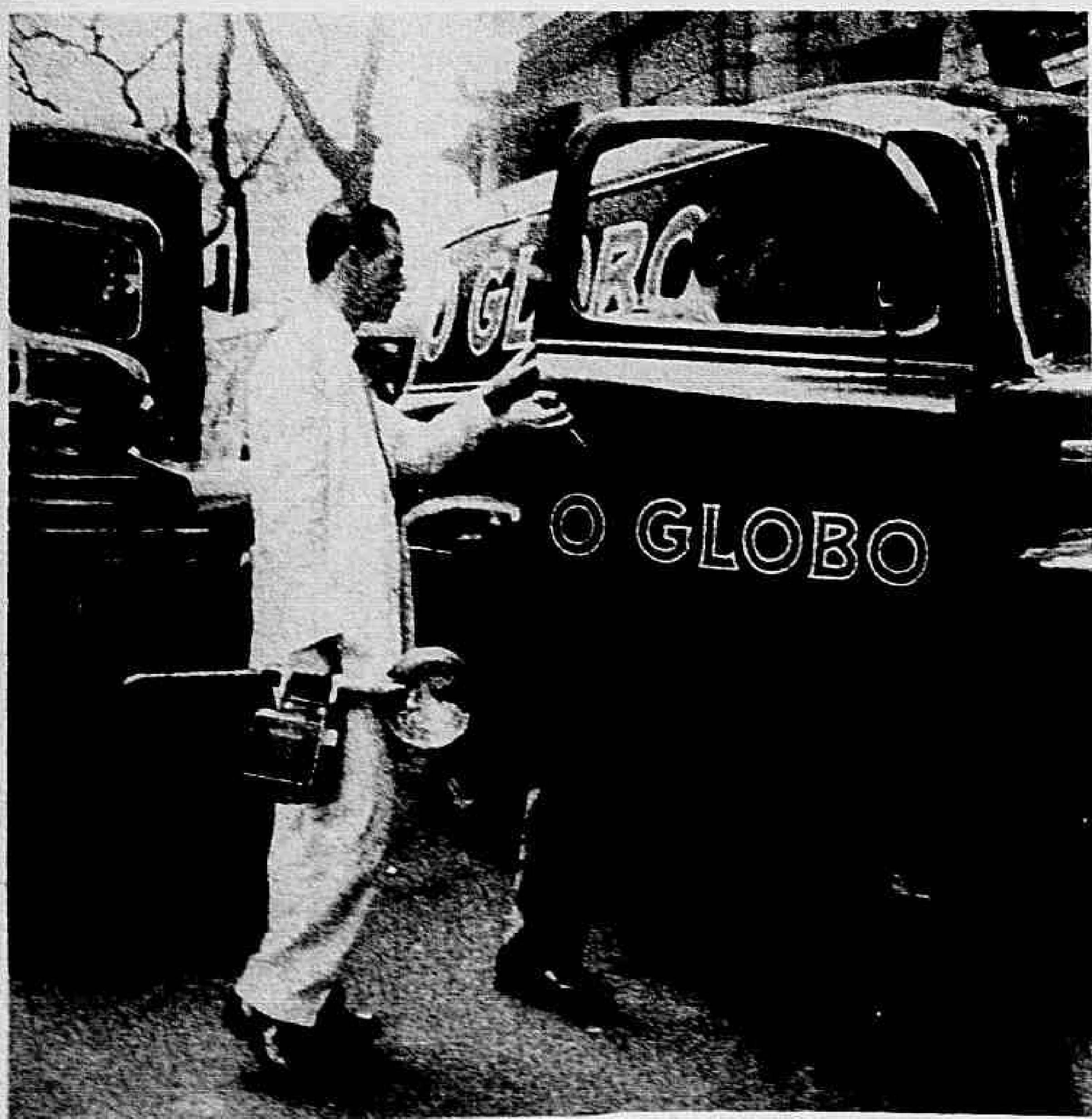
NA BATALHA DAS NOTÍCIAS

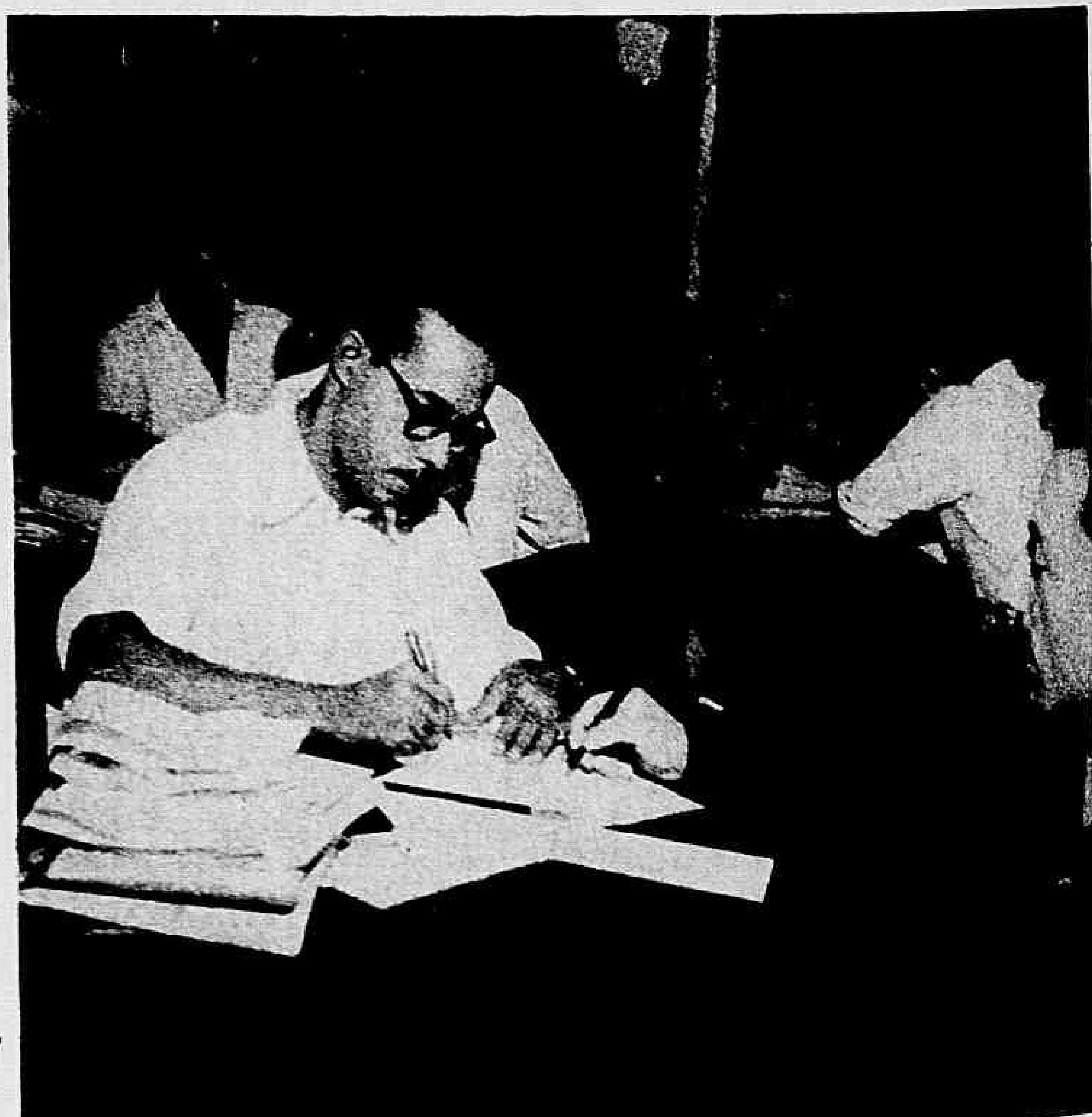
O TEMPO É GRANDE INIMIGO

DAS CINCO DA MANHÃ AO MEIO-DIA, A REDAÇÃO E AS OFICINAS DO GRANDE JORNAL LUTAM CONTRA O IMPIEDOSO AVANÇO DOS PONTEIROS ★ UM SEGUNDO PODE ANULAR UM "FURO", E AS BANCAS VENDEDORAS SÃO, EM RELAÇÃO AO TEMPO, TÃO SENSÍVEIS QUANTO UM MECANISMO DE RELÓGIO ★ UM ESTADO-MAIOR BEM SINTONIZADO E TREINADO DO QUAL O COMANDANTE DE OPERAÇÕES É O CHEFE DE REPORTAGEM.

Reportagem de **MARITA LIMA**

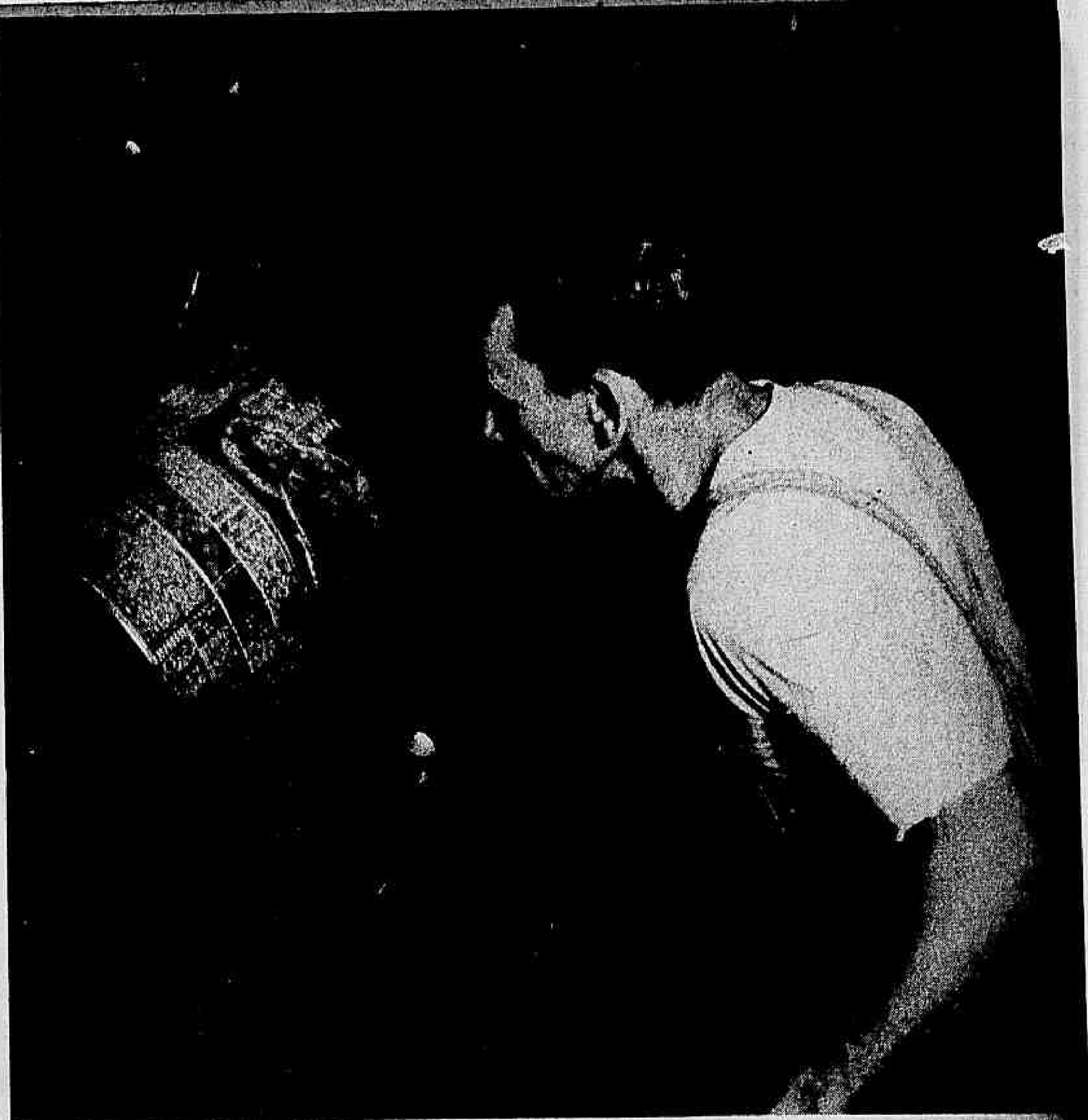
Fotos de **ALBERTO FERREIRA**





10 HORAS: Na rua, o movimento não é menor. Os repórteres vão e vêm, atrás dos últimos acontecimentos, que são logo redigidos. Por vêzes, notícias de última hora requerem primazia.





9 HORAS:

Sejam quais forem as dificuldades ou problemas, o jornal tem que rodar daqui a pouco. Apesar de sua responsabilidade técnica, a oficina deve ser absolutamente pontual.

RECENTEMEMENTE, um inquérito feito nos Estados Unidos procurou saber o que faz vender mais um jornal: Reportagens dinâmicas e movimentadas? Reportagens policiais? Serviço telegráfico? Notícias de crimes? Campanhas? Esporte? Política? Campanhas de benefício público feitas pelo próprio jornal? Fotografias de pequenas em maiô? O que, finalmente? E a resposta foi simples. Tudo está ao alcance de todos. A cidade está aberta para todos os repórteres, de todos os jornais. Êles dispõem de todos os assuntos, igualmente. No entanto, a maneira de apresentá-los e o equilíbrio que o jornal oferece fazem com que êle seja mais ou menos vendido. A grande responsabilidade é do diretor, que funciona diante dos fatos, com o seu ponto de vista, como uma câmara cinematográfica, em ângulo diante de uma cena.

A idéia geral, do público, é de que o que faz um bom jornal é «o furo». Mas, perante o resultado dêste inquérito, compreendemos que «o furo» são muitos. Tôdas as seções, equiparadas em importância, têm que dar as últimas notícias. E os redatores, de todos os assuntos, são igualmente lidos.

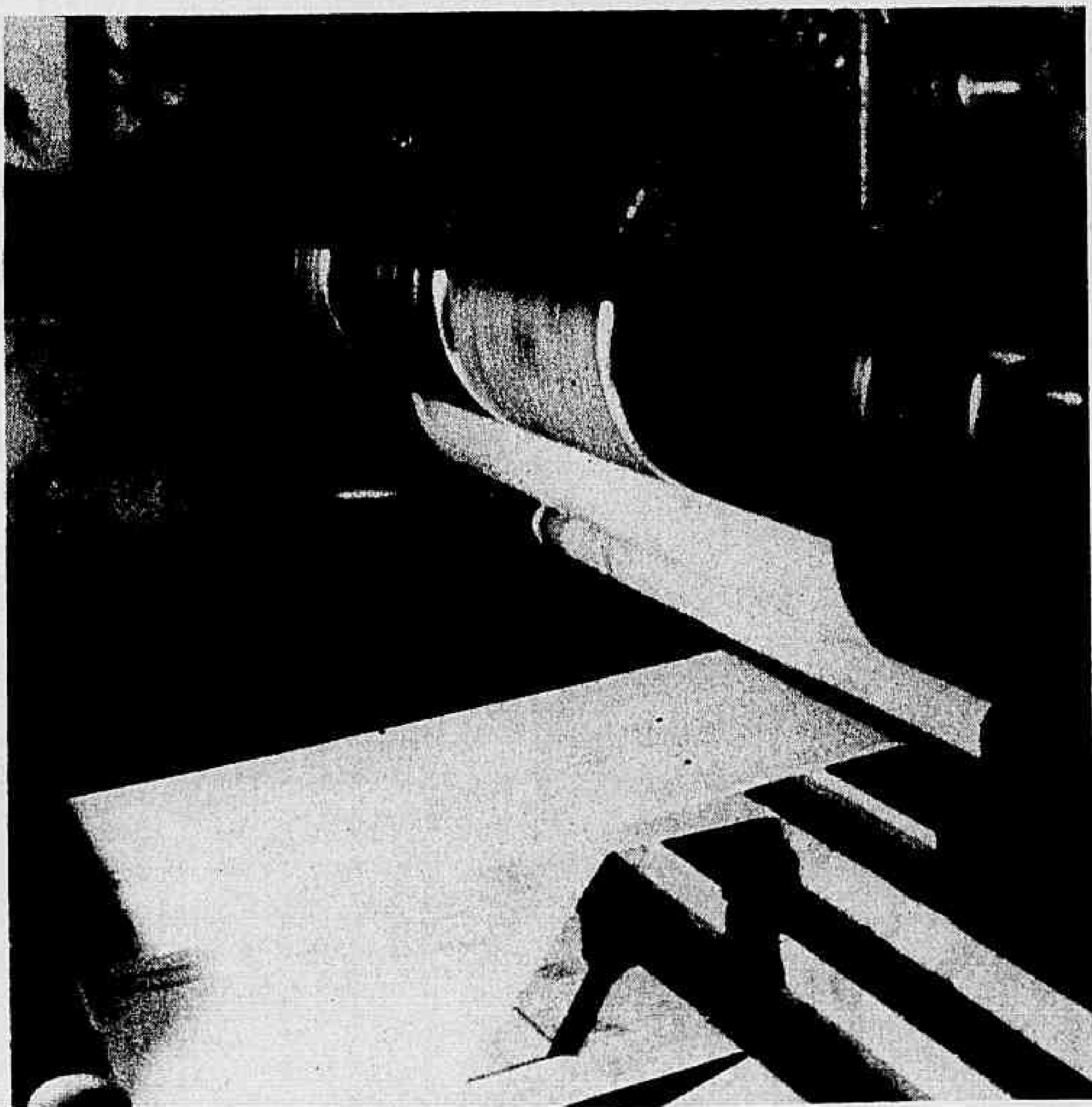
Onde «o furo» impera, verdadeiramente, é nos vespertinos. Sendo entregues nas bancas às primeiras horas da tarde, já trazem farto noticiário do que se passou naquele mesmo dia, pela manhã, ou no fim do dia anterior.

Realmente, o que ninguém calcula, a menos que esteja familiarizado com o assunto, é o dinamismo, a atividade incrível, o gigantesco corre-corre que se processa, desde a madrugada até uma hora da tarde, quando a fôlha está pronta. E' bem verdade que algumas notícias vêm de véspera. Além disso, há diversas seções, num jornal, que podem ser feitas pacatamente, como é o caso dos cronistas. Êstes nem precisam se locomover e ir atrás dos fatos, nem escrever à última hora. Escolhem seus assuntos e entregam, sossegadamente, a coluna de véspera.

Mas a grande corrida começa às seis horas da manhã.

PRIMEIRAS HORAS

As notícias das fôlhas internas, ou do segundo caderno, no caso dos jornais maiores, já dormem espalhadas pelas mesas e gavetas. Começam, então, a ser dis-





13 HORAS:

Quando a máquina roda, imprimindo, inclusive, farto noticiário daquele mesmo dia, lá em cima, o mesmo dinamismo continua, preparando as notícias para amanhã.



17 HORAS: **Finalmente, depois de algumas horas de trabalho ininterrupto e acelerado, o jornal é distribuído e entregue ao público. Minutos de atraso representam horas de prejuízo.**

NA BATALHA DAS NOTÍCIAS

tribuídas, revisadas ainda, e entregues na oficina. Começa o trabalho de uma equipe incalculável. Já às primeiras horas, começam a se enfileirar os tabuleiros — «mármore» — de páginas prontas, rutilantes em chumbo novo. Os linotipistas batem em suas máquinas, outras provas são entregues aos revisores, o secretário do jornal — que no caso de nossa reportagem é «O GLOBO» — vai paginando e arrumando novos «mármores». Enquanto isto, noutra sala, tiram-se fotografias de desenhos e fotos, para fazer os clichês. Na rua, incessantemente, os carros do jornal cruzam os bairros, com o repórter e o fotógrafo que vão atrás dos acontecimentos. Os telefones não param. Na redação, um borbulhar de conversa, de máquinas de escrever, de gente que chega e que sai. Outras páginas, lá em baixo, na fundição, já fazem as «telhas», que daí a pouco irão para a rotativa, imprimir. Algumas já estão prontas, mas esta ou aquela depende ainda de Fulano que foi para tal lugar, noticiar alguma coisa. Homens e máquinas se misturam numa atividade precisa e constante. E eis que aparece um «furo» e outro, tirando a primazia de qualquer notícia, tomando seu lugar e requerendo nova paginação, nova arrumação da fôlha do dia.

O secretário do jornal, elemento de ligação, anda sem parar da redação para as oficinas. Um repórter, ao canto, dedilha impiedosamente sua máquina, passando diretamente às mãos do revisor lauda por lauda do que escreve, pois tem apenas minutos para completar a notícia. Página por página vai-se transformando em «matriz» e descendo para a fundição, onde se tornará clichê, pronto para a impressão. O tempo vai-se escasseando. Lá em baixo, na sala das rotativas, vai-se formando aquela tensão diária, da hora de imprimir. Todos ali saber do andamento do jornal. Todos acompanham os trabalhos lá de cima, ansiosos pela pontualidade. O tempo, o minuto, o atraso, êste inimigo comum, faz-se sentir.

A GRANDE CORRIDA

O chefe da reportagem é, no momento, o homem mais importante. Não parece humano. Dispende uma atividade inacreditável, telefonando sem parar, recebendo notícias, dando ordens, mandando seu pessoal para a rua, à caça de mais alguma notícia.

Aos poucos, porém, as páginas vão-se completando. A manhã já vai alta, está quase na hora de «rodar». As «telhas», arqueadas, prendem-se às rotativas. O papel, distendendo-se num incrível percurso de elaboração mecânica, mantém-se alvo e imóvel, na espectativa da impressão. Mas, lá em cima, continua o mesmo movimento. Esta ou aquela notícia fica para amanhã, porque hoje já é muito tarde. E os repórteres continuam saindo e chegando, e a cidade vivendo lá fora.

Por fim, o relógio, implacável, marca treze horas. A rotativa, gigantesca ruge, move-se lentamente, e depois, ganhando ritmo, roda. Imprime, corta, dobra e por uma bôca que é uma verdadeira caverna metálica de braço de aço, arruelas, engrenagens, despeja o jornal impresso.

A sala, imensa, é atordoante. A máquina, o coração do jornal, pulsa com um barulho tremendo. Tudo trepida. Um calor abafado oprime, e o cheiro da tinta impregna tudo. Por fim, o jornal sai. Lá estão as notícias, as fotografias, as histórias em quadrinhos, os crimes, os discursos, os noivados, os naufrágios, tudo. Cinco horas de trabalho. Uma fila de homens vai transportando pilhas enormes para a flotilha de camionetes, que partem imediatamente, distribuindo pelas bancas. E quando há atraso, seja êle de dez minutos, na redação, na oficina, na impressão, as camionetes já não alcançam as bancas, os trens do subúrbio, os aviões para os Estados. E êste atraso de dez minutos representa, por vêzes, horas de espera por outra condução, o que vem a ser um prejuízo de centenas de exemplares na venda diária.

Lá em cima, na redação, já vão chegando as crônicas para amanhã, e os repórteres continuam sua caçada ao fato. O trabalho não pára. As turmas de trabalhadores se sucedem, mas as máquinas não têm descanso, para imprimir seus 130.000 exemplares diários.

os olhos do mundo

estarão voltados para São Paulo em 1954

PROGRAMA DOS FESTEJOS DO IV CENTENÁRIO DA CIDADE

Além da grande Exposição do IV Centenário e I Feira Internacional, importantes certames de caráter cultural e artístico serão realizados:

Manifestações musicais

Concertos da Orquestra Sinfônica do IV Centenário. Apresentação de conjuntos musicais de São Paulo e de solistas de renome. Criação e apresentação de um côro infantil nacional. Composição de peças especiais para o IV Centenário.

Bailados

Apresentação de um conjunto de bailados do IV Centenário.

Manifestações teatrais

Exibição de conjuntos estrangeiros, especialmente da Itália, França, Portugal e Grã-Bretanha. Apresentação de peças que demonstrem a evolução do teatro no Brasil.

Exposições de caráter cultural

Artes plásticas

Grande exposição retrospectiva de arte brasileira. Exposição Internacional de Arte-Moderna. II Bienal de São Paulo. Exposições Internacionais de Artes Plásticas. Exposição Internacional de Arquitetura.

Outras Exposições

Exposição de História de São Paulo, no quadro da História do Brasil. Exposições Internacionais de Filatelia e Numismática.

Folclore

Exibição de conjuntos folclóricos. Grandes festas folclóricas nacionais. Exibição de arte folclórica e arte popular.

Publicação da "Biblioteca do IV Centenário"

Congressos Culturais e Científicos

Serão realizados 21 congressos Internacionais, 9 congressos Panamericanos, 4 congressos Sul-Americanos e 15 congressos Brasileiros.

Comemorações religiosas

A participação da Igreja Católica nas comemorações do IV Centenário, compreenderá varias solenidades religiosas no decorrer de 1954, salientando-se a inauguração do culto na nova Catedral de São Paulo e o I Congresso Mariano Nacional.

Certames esportivos

Campeonato mundial de Bola-ao-cesto. Campeonato americano de ciclismo. Campeonato sul-americano de natação, atletismo, esgrima e remo. Torneios brasileiros e internacionais de box. Torneios internacionais de futebol, automobilismo, tiro, ciclismo, tenis, polo, equitação etc. Torneios universitários.

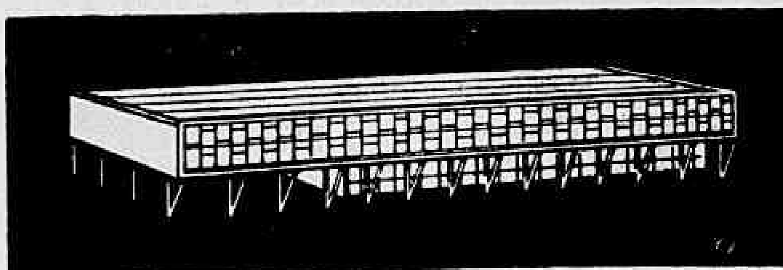
Divertimentos populares

Participação popular em tôdas as manifestações musicais, de bailados, teatrais, esportivas etc. Representações folclóricas de várias regiões do país. Festas de carnaval e outras de caráter típico e popular.

OBRAS DO PARQUE IBIRAPUERA

Palácio dos Estados

Neste pavilhão, com 2 pavimentos e 12.800 mts2 de área, os Estados da União apresentarão seu potencial econômico, industrial e cultural.



COMISSÃO DO IV CENTENÁRIO DE SÃO PAULO

O BRASIL FESTEJARÁ COM SÃO PAULO QUATRO SÉCULOS DE VIDA, TRABALHO E PROGRESSO SOCIAL



ESTAMOS À SUA ESPERA

COMO VEJO

GETÚLIO

CASTELLO



«Dos seus discursos do Estado Novo, guardo uma lembrança penosa. De uma maneira geral, ao ouvi-lo perseguia-nos um desagradável complexo de culpa, pois não podíamos deixar de identificar no íntimo alguns dos sentimentos e ideais que os discursos dêle expunham à execração pública e que a Polícia, mais objetiva, punia com rigor apavorante».

CADA um de nós já se sentiu tentado, uma vez na vida, a levar Getúlio a Muzambinho. Tanta volta dá o homem, que termina passando um dia ao nosso lado. A tentação é inevitável. A diferença é que alguns resistem; a maioria, não. E' difícil divergir de quem surge defendendo nossas idéias.

Afora isso, devo honestamente confessar que me agrada no estilo getuliano uma certa moleza, uma falta de iniciativa, um jeito de gosar a caveira do próximo que farão sempre do seu govêrno, ainda que êle fizesse um bom govêrno um govêrno que não seria bom. Os extremos se tocam: a coisa mais próxima de uma ditadura é um bom govêrno.

Já que o clima é o das confissões, vá que diga que, na adolescência, lisonjeava-me a presença de Getúlio no Catete. Aceitei desde cedo os meus 159 centímetros de altura como uma verdade familiar e individual, incorporando-me sem qualquer constrangimento à classe dos homens pequenos. Getúlio no poder, o Pequenino, dava-me substância e em júbilo recebia a minha parte dos elogios que lhe faziam a partir das suas pernas curtas. Rui (as melhores essências se encontram nos menores vasos) justificava os elogios que exaltavam a minha então gloriosa estatura.

Mais tarde, já na Ditadura, quando os bajuladores, procurando indícios da Providência no golpe de 37, lembravam as mãos curtas — mãos de ditador — de Getúlio, não deixavam também de suscitar em mim secretas ambições de mando. Ainda hoje, olhando minhas mãos pequenas, duvido se não virei a exercer um poder ditatorial.

Em 1937, entretanto, já conseguia dêle divergir, num movimento de repulsa que os anos foram acentuando. Atrás de cada «tira» que manjava nossas conversas de estudante, na escola e nas mesas de café, onde uma vaga inclinação boêmia se confundia com uma nascente inquietação política, via a cara fria de Getúlio.

Dos seus discursos do Estado Novo, guarda uma lembrança penosa. De maneira geral, ao ouvi-lo, perseguia-nos um desagradável complexo de culpa, pois não podíamos deixar de identificar no íntimo alguns dos sentimentos e ideais que os discursos dêle expunham à execração pública e que a Polícia, mais objetiva, punia com rigor apavorante. Mas a lembrança penosa vem-me do famoso discurso de bordo do «Minas Gerais», que ouvimos numa tarde, sentados num café de esquina na vastíssima Avenida Amazonas, de Belo Horizonte. A impressão era de que tudo se acabava. Íamos para o nazismo e a guerra, não havia a menor esperança de libertação. Um de nós pagou apressadamente o café e saímos a perambular, sileciosos e oprimidos.

De um outro discurso de Getúlio guardo uma recordação diferente. Havia estourado o movimento de libertação. A guerra contaminara a todos de um vago idealismo internacionalista e nada nos parecia mais natural do que o Departamento de Estado que sustentava a Ditadura de Vargas mudasse de orientação, ajudando-nos a deitar fora um jugo que ajudáramos a destruir no exterior. Combatia-se quase abertamento pelo que se chamava a retirada do apoio dos Estados Unidos a Vargas (nome que Getúlio conquistou no noticiário de guerra). Êsse era um ponto essencial da luta que nos encarregaríamos internamente de levar a bom têrmo. O embaixador Berle pareceu atender a essa espectativa no seu famoso discurso de Quitandinha. Mas, assim ouvido e interpretado, o discurso, pelo qual esperávamos, não deixou de causar uma vaga inquietação. Pois bem, no dia seguinte, Getúlio respondeu a Berle. Nossa causa estava em jôgo, mas quando êle respondeu repeliu frontalmente o que parecera uma intervenção da embaixada dos Estados Unidos, senti, confesso que senti, um arfar de peito. Era como se êle estivesse lavando a nossa honra.

Dêsses sentimentos contraditórios, dessa confusão de espírito é que Getúlio sabe como ninguém tirar proveito.



Entrevi Getúlio pessoalmente em 1932 quando êle estêve no norte. Nessa época interessava-me mais por seu companheiro de viagem Juarez Távora, herói da minha infância. Fui vê-lo pròpriamente em 1947 no Senado, num fim de sessão, onde pude ouvir dêle algumas frases e reter o aço mareado dos seus olhos. Eleito presidente, vi-o novamente no Monroe, no dia em que, rotundo, rolava de sala em sala entre uma multidão de funcionários excitados dos quais se despedia. A excessiva gordura deformara-lhe o aspecto. Estendeu-me a mão pequena e gorda. Não eram mãos de ditador, mas de camponês. Outra mentira do DIP.

No dia da posse — última vez em que o vi — pela manhã, no enorme jardim do senador Epitacinho, houve a entrevista coletiva. Advertiram-se de que à sua frente, à esquerda, se concentravam os repórteres da imprensa oposicionista. Durante todo o tempo, Getúlio lançou para o nosso lado olhares de simpatia e compreensão...



GETÚLIO ENTRE A LUZ E A SOMBRA



QUINZE DIRIGENTES no primeiro pelotão sindical

NADA menos de 15 dirigentes sindicais já são candidatos (alguns em potencial) a cargos eletivos, sòmente no Rio, número que poderá triplicar com a aproximação das eleições. O total inclui candidatos da maioria dos sindicatos, estando representados os mais importantes: bancários, marítimos, carris urbanos, metalúrgicos, comerciários, garçãos, aeronautas, aeroviários, tecelões e portuários.

A transformação das categorias profissionais em fôrças eleitorais com candidatos próprios, não obedece a nenhum esquema com «comando central», de ação uniforme ou planejamento que transcenda à ação sindical pura e simples: é o prolongamento natural de um movimento sindical que começa a conhecer líderes de fora da órbita do Ministério do Trabalho, já se mostrando capaz de subjugar a quem tente (e continuam tentando) subjugá-lo para uso pessoal.

> BANCÁRIOS, MARÍTIMOS, TRABALHADORES EM BONDES, METALÚRGICOS, COMERCIÁRIOS, GARÇÃOS, AERONAUTAS, AEROVIÁRIOS, TECELÕES E PORTUÁRIOS NAS PRÓXIMAS ELEIÇÕES.

Reportagem de NEWTON CARLOS

Todos os candidatos aqui alinhados perten cem aos partidos socialistas e trabalhistas, o únicos a compreenderem, até agora, o val político de uma atuação no meio sindical. única manifestação trabalhista da UDN é u «Frente Marítima», cujo programa se resum em missas anuais, no aniversário do brigadei Eduardo Gomes. O Departamento Sindical d PSD, organizado recentemente, permanece l tra morta.

Alguns dos candidatos que revelamos sã pelegos. Outros, apontados como comunista Mas como evitar pelegos, se êles são produ da estrutura sindical em vigor? E como evit comunistas, se pretendemos viver numa Dem cracia? Isto é uma reportagem: não pode fug aos fatos.



BENJAMIN SOARES DÁVILA

1 Presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Carris Urbanos, com grande tradição de luta. Formará dupla com o secretário José Lopes Vera, candidatando-se a vereador pelo Partido Socialista Brasileiro.

Como dirigente sindical, tem participado de vários movimentos populares. Há quem afirme que o teu tutor político é o senador Domingos Velasco, a quem está estreitamente ligado através do «Movimento Nacionalista Popular».

Muito pouca atuação política. Foi para o Partido Socialista mais por influência de companheiros, passando de simpatizante a militante pro-forma. A sua candidatura interessa ao partido, por ser elemento de prestígio entre os trabalhadores em bondes, podendo, além de eleger-se, reforçar a legenda partidária.

Não parece interessado, entretanto, em fazer campanha política muito intensa.



PAULO TÔRRES

2 Presidente demissionário do Sindicato dos Bancários e candidato a deputado pelo PR, do qual é dirigente carioca. E' um dos melhores do bloco sindical.

Embora ocupando posição de mando no City Bank, vem sendo há muitos anos elemento de proa nas campanhas de reivindicações dos bancários. O seu trabalho, dos mais cansativos, é sempre o levantamento estatístico das condições de vida da classe, jogando com a situação econômica dos bancos, base de muitas vitórias em campanhas de aumento de salários. Isto, revela o seu temperamento avesso à demagogia.

No último pleito, como candidato do «Movimento Democrático», derrotou a chapa comunista. Agora, prevendo a sua candidatura, pediu demissão, alegando incompatibilidade do cargo com os planos políticos que tem. Mas, participa dos movimentos bancários, como sindicalizado.



FERNANDO ARRUDA

3 Presidente do Sindicato Nacional dos Aeronautas. Será um dos candidatos a deputado do PSB, com possibilidades de vitória, reforçando ainda a legenda partidária.

Apareceu na greve de 51, quando o sindicato estava pràticamente acéfalo. Terminada a greve foi eleito presidente encabeçando chapa únicca. Daí para cá, sua popularidade aumentou.

Atividade política e sindical intensa. Na última convenção socialista, liderando um grupo de dirigentes sindicais, jogou por terra o princípio de pluralidade sindical, até então incorporadas às diretrizes do partido. Com José Lopes Vera e Osvaldo de Almeida, foi conduzido ao diretório naciinal, onde ali figura com certo destaque.

Foi o único dirigente sindical a telegrafar ao Presidente da República, protestando contra as violências da polícia no Sindicato dos Marinheiros.



OSVALDO DE ALMEIDA

4 Secretário sindical da seção carioca do Partido Socialista e associado do Sindicato dos Empregados em Hotéis, Restaurantes e Similares. Será candidato a vereador. Líder sindical autêntico, pela honestidade de propósitos e de princípios, há muitos anos comanda a oposição no seu sindicato, numa luta contra pelegos e comunistas. O antigo administrador nomeado pelo Ministério do Trabalho, Manoel Silvério, hoje transformado em presidente em chapa comum com os comunistas, teve e continua a ter nêle o seu maior adversário. Na última greve (garçons), Osvaldo foi quem secretariou o «Comando Geral de Greve», além de supervisionar o trabalho de piquetes — foi, na realidade, o líder da greve. Velho militante sindical e também velho lutador pela libertação dos nossos sindicatos, ainda hoje sujeitos a uma legislação criada por Mussolini.



ASTROGILDO PEREIRA

5 Não confundir com o homônimo, jornalista. Trata-se de Astrogildo Pereira, procurador do Sindicato dos Tecelões e figura obrigatória de «shows» eleitorais. Deverá candidatar-se a vereador, pelo Partido Trabalhista Brasileiro, apoiado no núcleo tecelão da Gávea, onde dirige uma cooperativa.

Pouco se conhece de Astrogildo Pereira. Com os demais companheiros de diretoria, fêz aquela greve desastrada, de 53 dias e nenhum resultado, revelando surpreendente imaturidade como dirigente sindical — o conceito também se aplica aos demais.

Está em fim de diretoria. Não se candidatou à reeleição. Mas movimenta a todo pano os seus propósitos políticos, numa antevisão de candidato agitado.



EURÍPEDES AIRES DE CASTRO

7 Presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, com base territorial que se estende ao Estado do Rio. Pretende candidatar-se a deputado. Pertence ao Partido Trabalhista Brasileiro, do qual é suplente de vereador. A sua luta pela presidência do Sindicato durou anos consecutivos, sempre inutilizada pelas artimanhas de um administrador nomeado pelo Ministério do Trabalho, que anulava tôdas as eleições. Com Jango Goulart no Ministério, entretanto, tomou posse em dois tempos, sendo por muitos acusado de elemento inteiramente submisso à política do atual Ministro do Trabalho.

Dentro em breve, iniciará a campanha de aumento de salários da classe, ocasião sempre favorável a uma propaganda pessoal mais intensa. No momento, faz parte de uma comissão ministerial que estuda o racionamento de energia, com processos demagógicos preterindo por completo os processos técnicos. Sereno e persistente, tem a colaboração de elemento experimentado em lutas sindicais, até há bem pouco tempo membro do PCB: Izaltino Pereira. Terá sua colaboração na campanha eleitoral.

BAETA NEVES

8 Poucos comerciários sabem quem é o sr. Baeta Neves. No entanto, é êle o presidente da Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio, entidade que, legalmente, representa todos os comerciários do país, através de 10 federações e 299 sindicatos. E nem por isto perdeu o lugar de interventor governamental na Bayer.

E' petebista antigo, membro do diretório nacional, deputado na legislatura anterior. Pela segunda vez, insistirá na volta à Câmara.

Baeta Neves é velho militante sindical. Com a nova estrutura imposta pelo Estado Novo, foi dos primeiros a aderir e por muito tempo formou ao lado de Calixto Duarte Ribeiro, que fêz com Holanda Cavalcânti a dupla de pelegos mais tradicionais do país. Com a morte de Calixto Duarte Ribeiro, ocupou a presidência da Confederação, tendo sido reeleito recentemente.

Dos velhos pelegos, é um dos poucos que conseguem conservar o prestígio oficial, estando nas boas graças de Jango Goulart. Os demais, são hostilizados.

DUQUE DE ASSIS

9 Mais aventureiro político do que dirigente sindical, escorado no prestígio conseguido junto a Jango Goulart. A proteção do jovem ministro chegou ao ponto de conduzi-lo ao diretório nacional do PTB, onde se aboletou sem nenhuma tradição partidária. E' o presidente da União dos Servidores do Pôrto, entidade que não conseguiu transformar em sindicato, apesar do esfôrço que fêz e da proteção que tem. A sua União, prestigiada pelo Ministério do Trabalho, é precária e sofre, no momento, forte oposição de um grupo de portuários independentes. Por lei, a entidade dos portuários é a União dos Portuários do Brasil (UPB), agora em fase de recomposição, para voltar à liderança abandonada num hiato de alguns anos, fato que deu oportunidade aos arrivistas.

A carreira de Duque começou com a greve dos portuários, quando conseguiu reunir tôda a classe em tôrno de reivindicações comuns. Mais tarde, quando um grupo mais esclarecido notou que o seu objetivo era político, começou a oposição, que se desenvolve dia a dia. Ficha na polícia: traficante de maconha. Tudo indica que será candidato a deputado.

EMÍLIO BONFANTE DEMARIA

6 Líder da greve dos marítimos, em julho, não conseguiu repetir a façanha em outubro. Muitos afirmam que conseguiria nova paralização geral, outros que não, mas um só fato prevalece: a polícia, agindo com violência, não permitiu que colocasse o seu prestígio à prova, dissolvendo o movimento a pauladas. Até que provem o contrário, portanto, continua líder dos marítimos, sendo um dos líderes sindicais mais discutidos dêstes últimos anos.

Bonfante tem apenas 29 anos. Vai agora, pela primeira vez, disputar a presidência do Sindicato Nacional dos Oficiais, depois de ter dirigido um «Comando de Greve» com 48 membros Começou a carreira na greve de julho, para depois atingir a um ponto em que a vaidade parecia superar o líder autêntico, perdendo-se parcialmente em atitudes de exagêro. Parece, no momento, em fase de recuperação, lenta, mas que poderá resultar num dirigente já maduro, menos fogoso, mais útil.. Bonfante não pertence a nenhum partido político. Falou-se no PSB. E foi anunciado que o PR lhe oferecerá legenda. Não há dúvida de que se candidatará a deputado.

LINÍTEO ISAAC DOS SANTOS

10 Presidente do Sindicato Nacional dos Oficiais de Máquinas, da Marinha Mercante. Será candidato a deputado pelo Partido Trabalhista Brasileiro, prestigiado por Jango Goulart.

A carreira política de Liníteo começou na greve dos marítimos de junho, da qual participou como tesoureiro do «Comando Geral». Macio e cauteloso, de um grande senso político, percorria os gabinetes mais importantes do Ministério do Trabalho várias vêzes por dia, sem ser notado — e sem ser notado, foi aos poucos ganhando a intimidade do ministro, terminando a greve como membro do diretório nacional do Partido Trabalhista Brasileiro.

Acabada a greve e separados os dirigentes marítimos em dois campos opostos, transformou-se no mais enérgico arauto da política ministerial, ao ponto de assinar longa denúncia da existência de um «complot» comunista na Marinha Mercante. Como dirigente, conseguiu que os oficiais de máquinas não aderissem à greve de outubro, dissolvida a pau pela polícia.

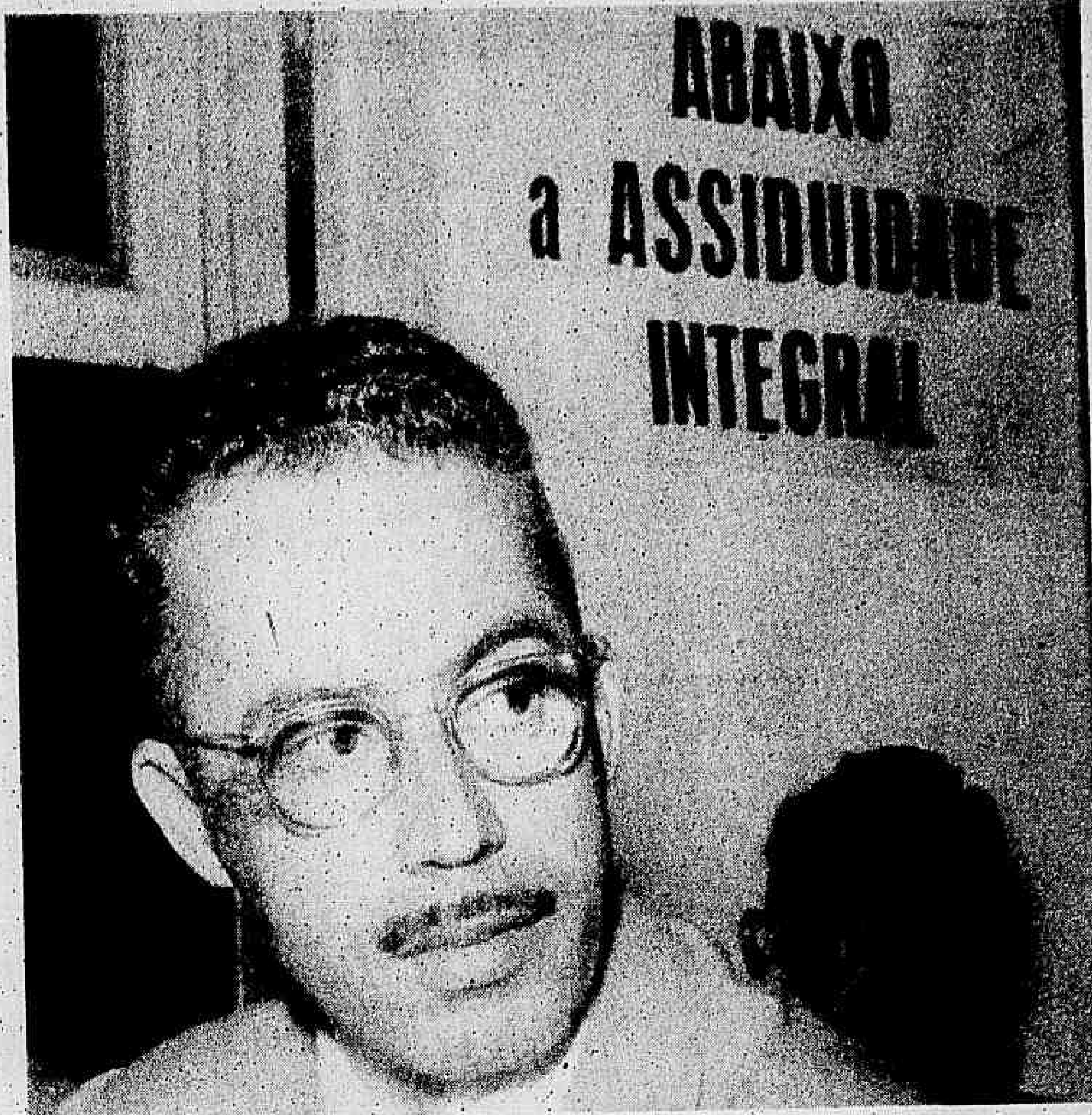


VALDEMAR VIANA

11 Presidente do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Cerveja e Bebidas em Geral. Não sabe ainda se será candidato a vereador ou a deputado, pelo Partido Trabalhista Brasileiro.

Elemento perigoso, pela facilidade com que insulta, numa oratória viciada e ao gôsto das massas amorfas, já insufladas pelo ambiente de intranqüilidade e desespêro — obra do govêrno Vargas. Ninguém melhor do que êle se presta às campanhas demagógicas de fundo político, repetindo na cólera estudada todos os chavões do ABC da agitação.

Não pára nunca, no seu trabalho de mistificador permanente, atuando sempre como apêndice do partido ao qual pertence, o partido de Jango Goulart. São as campanhas «contra a carestia da vida» os movimentos de articulação das cooperativas e a obcessão de uma «central sindical» que ponha em evidência o seu nome.



ORIVAL DE CARVALHO

12 Presidente do Sindicato Nacional dos Aeroviários. Pretende candidatar-se a vereador, com a legenda do Partido Socialista Brasileiro. Antes da greve de 51, era um dirigente sem expressão, à frente de um sindicato igualmente sem expressão, que ressurgia depois de longo período de intervenção. Chegou a presidente formando dupla com Gilberto Machado, um dos precursores do movimento de Economia e Humanismo no Brasil, ambos dispostos a dar vida nova ao sindicato. Fêz a greve, firmou-se como dirigente e conseguiu reeleger-se em pleito disputadíssimo. Tem um mérito da maior importância: iniciou movimentos de aproximação de dirigentes sindicais, conseguindo realizar o primeiro congresso de cunho sindical realmente livre, depois do Estado Novo — a Convenção Nacional Contra a Assiduidade Integral. Atua como fôrça profilática, em oposição constante a pelegos e comunistas.



JOSÉ LOPES VERA

13 Secretário do Sindicato dos Trabalhadores em Carris Urbanos. Pretende candidatar-se a vereador. Pertence ao Partido Socialista Brasileiro, tendo sido eleito membro do diretório nacional na última convenção.

Nas assembléias sindicais, é o porta-voz da diretoria, respondendo a tôdas as críticas a ela feitas ou dando conhecimento aos associados do seu pensamento sôbre determinada questão. Sem grande trato gramatical, seus discursos são, no entanto, corridos e bem explicados, todos com conhecimento perfeito e posição definida diante do tema em debate.

Tem sido, até agora, o único membro da diretoria do sindicato a enfrentar com êxito o vereador comunista Eliseu Alves, ex-condutor de bondes e ainda líder da sua facção entre os trabalhadores em carris. E', por isto, um dos dirigentes sindicais mais visados pela «Imprensa Popular».



LUÍS GUIMARÃES

14 Presidente do Sindicato dos Comerciários, categoria profissional com 150 mil empregados, sòmente no Rio. Ainda não se definiu quanto a partido, mas é certo que se candidatará a deputado ou vereador. Difere da maioria dos dirigentes sindicais. Embora trabalhador, aparenta irresponsabilidade, tendo transformado a ambulância do sindicato em carro particular. Socialmente, o seu sindicato é o mais desenvolvido. Está em briga permanente com os presidente da Confederação (Baeta Neves) e da Federação (Nelson Mota). Não tem tradição sindical, sendo empregado de bom ordenado. Passou a maior parte dêste ano em visita aos Estados Unidos, tendo feito um curso para dirigentes sindicais em Pôrto Rico. Agora, de volta, não deixa as gravatas berrantes e as camisas de sêda,como se revelasse aquilo de que mais gostou, na viagem. E', no entanto, o que costumamos chamar de uma boa praça.

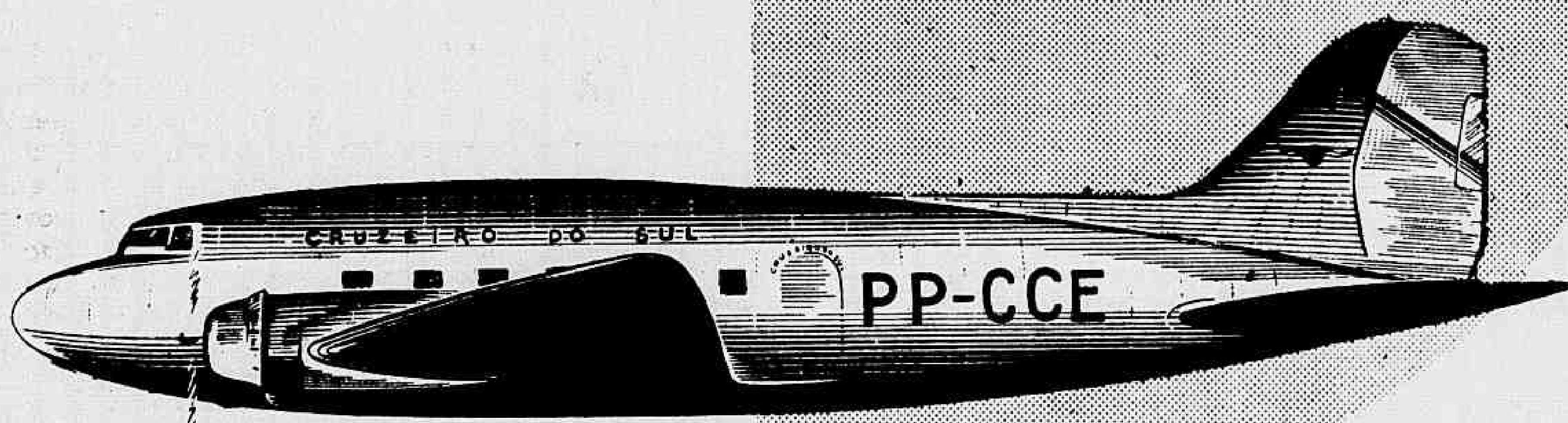


IVAN ALKIMIN

15 Secretário do Sindicato Nacional dos Aeronautas, tendo surgido com Arruda, na greve de 51. O Partido Socialista, do qual faz parte há alguns meses, pretende apresentá-lo como candidato a vereador. Sendo rádio-telegrafista de bordo, projetou-se como benemérito da classe, formando na vanguarda da luta contra o projeto que suprimia o rádio-telegrafista das tripulações de aviões comerciais. Como secretário do sindicato, faz as vêzes de presidente, na ausência de Arruda. Quando dos preparativos das manifestações a Jango Goulart, de volta do Norte, foi o único dirigente sindical a não voltar, colocando os aeronautas de fora do foguetório dirigido. E' um entusiasta do sindicalismo livre. Um pouco empolgado, às vêzes se excede em conceitos primários, revelando uma imaturidade própria a todo dirigente sindical em início de carreira. Prima pela honestidade de propósitos.

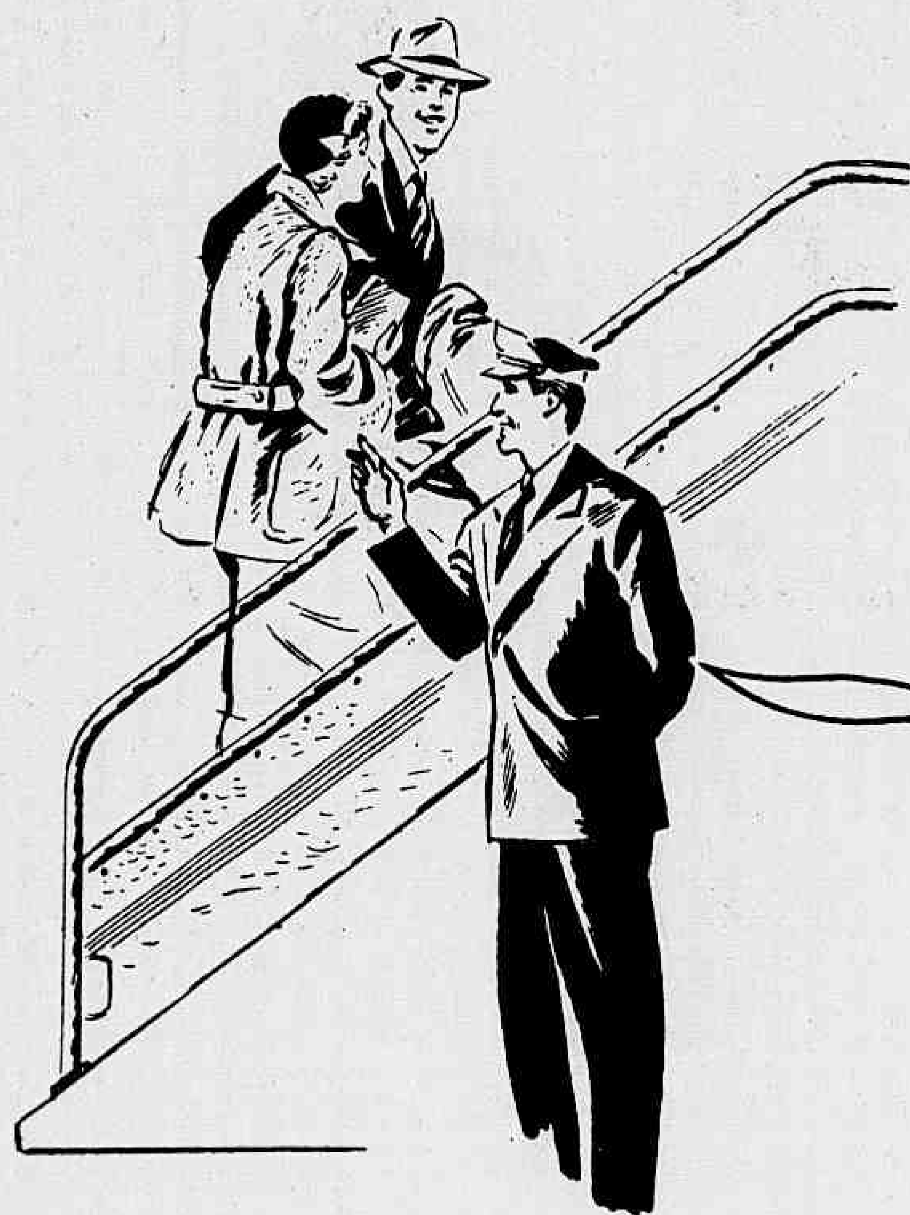
Para honrar o Brasil

A Mais Vasta Rede Aérea Doméstica Do Mundo!



Abrangendo a totalidade do território nacional

linhas regulares para todos os Estados e Territórios Nacionais, inclusive as capitais respectivas, afóra derivações para Argentina, Bolivia, Venezuela, e Guianas Inglesa e Francesa



Serviços Aéreos

CRUZEIRO DO SUL

AV. RIO BRANCO, 128 — TEL. 42-6060
AV. NILO PEÇANHA, 26-A — TEL.: 32-7000

Tio Môcho

ÁLVARO MOREYRA

ERA um homem esguio, taciturno, sinistro. Vestido sempre de negro, dentro de uma velha sobrecasaca, perambulava pelas ruas em silêncio, gravemente. Nunca se lhe escutara a voz. Nunca um sorriso lhe aparecera na bôca. Tinha os olhos duros, cheios talvez de ressentimento, de queixas. As mãos, muito magras, muito amarelas, tombavam ao fim dos braços, hirtas, agoureiras. Mãos de esqueleto. No bairro, onde habitava o quarto menor de uma casa de cômodos, todos o conheciam pela alcunha de **Tio Môcho.** Contavam que havia sido de uma repartição qualquer e estava, desde longos anos, aposentado. Nada mais se sabia de **Tio Môcho.**



● Certa manhã, quando o criado entrou com o café, **Tio Môcho**, de fisionomia fúnebre, arquejava.

O criado, apreensivo, foi chamar a patroa. Alarma! O pobre agonizava. Mandaram, às carreiras, buscar um médico. Um padre, que morava na casa, logo se preparou para absolver e ungir o moribundo. O quarto apinhou-se. Os hóspedes mais ou menos estimavam aquêle homem triste e calado, e queriam rodeá-lo nos minutos finais de mundo, a êle que vivera sem ninguém, só, isolado na sua melancolia e na sua sobrecasaca.

Tio Môcho levantou as pálpebras, lento, a custo; fixou em tôrno: o médico, o padre, a patroa, o criado, os outros, as outras. Então, um sorriso, o primeiro, o último, lhe subiu ao rosto, ao mesmo tempo que os seus lábios balbuciavam as primeiras, as últimas palavras:

— «Boa pilhéria, a vida...»

E morreu.

ENTREVISTA "PING-PONG"



Para o carnaval nem um niquel sairá dos nossos cofres. Quem quiser festas que pague as despesas.

JÂNIO QUADROS ATIRA E REBATE

COMEÇA A TRABALHAR ÀS SEIS DA MANHÃ, JÁ DEMITIU 800 FUNCIONÁRIOS, NÃO VAI DAR UM TOSTÃO PARA AS FESTAS DO IV CENTENÁRIO E NEM QUER OUVIR FALAR EM CARNAVAL ★ NASCEU EM CAMPO GRANDE, MATO GROSSO, É POLITICO PAULISTA E CIDADÃO DO BRASIL INTEIRO.

Texto de **HÉLIO ABREU** — Fotos de **RUI COUTO**

JÂNIO Quadros surgiu, para o cenário nacional, com o pleito de 22 de março onde, com a fôrça de um tremendo trabalho de catequese e aliciamento, derrotou a maior coligação política que Piratininga já conheceu. Moreno, pálido e mesmo quase esquálido, usa, ou melhor, carrega por sôbre o nariz óculos de tartaruga e anda invariàvelmente de barba grande. É feio, porém seus amigos afirmam ter um coração bonito.

★

P. — V. S. é candidato ao govêrno do Estado de São Paulo?

R. — Não sei. Pelo visto ninguém quer a minha candidatura. Não sou comportado bastante. Engraçado é que todos concordam que sirvo para eleger outro, mas não sirvo para ser eleito. Na verdade não faço questão. Ando enojado disto tudo.

P. — Que pensa de Getúlio?

R. — É o Presidente Constitucional do país. Pode e deve ser combatido mas deve ser respeitado e sobretudo terminar o mandato em paz.

P. — E sôbre o governador Garcez?

R. — Um homem vale pela sua equipe, e a do governador tem sido sempre má. Entretanto, identifico nêle esforços para atender e acompanhar o povo. É um homem inteligente, culto e honesto e tenho a impressão que não se chocará com o espírito de 22 de março. (Data em que Jânio foi eleito).

P. — E Ademar, que acha dêle?

R. — Passemos a pergunta seguinte.

P. — Onde nasceu?

R. — Em Campo Grande, no Estado de Mato Grosso, porém sou um cidadão de todo o país, isto é, sou brasileiro.

P. — Quando nasceu?

R. — Tenho 36 anos.

P. — Desde que se empossou, quantos funcionários já demitiu?

R. — Cêrca de 800, entre êles malandros e ladrões. Comigo não há lugar para sinecuras e roubalheiras.

P. — E quantos novos servidores já admitiu?

R. — Mais de 600, porém todos trabalhadores braçais. São Paulo terá que ser uma cidade limpa, custe o que custar.

P. — Quantas horas trabalha diàriamente?

R. — Horas de trabalho? Não as tenho. Trabalho, sim, mas todo o tempo, sempre que a necessidade de serviço o exige.

P. — A que horas chega ao gabinete de trabalho?

R. — Às 6, 7, ou mesmo mais tarde. O que não tenho é hora de sair.

P. — A Prefeitura ornamentou a cidade para o Natal?

R. — Sim. O Natal é uma festa sagrada e mereceu, como tal, o amparo da municipalidade para que fôsse, em São Paulo, comemorado condignamente.

P. — E em relação ao carnaval, procederá V. S. da mesma maneira?

R. — Para o carnaval nem um níquel sairá dos nossos cofres. Quem quiser festas que pague as despesas.

P. — O IV Centenário e suas festividades serão patrocinados, também, pela Prefeitura?

R. — Nem um tostão gastaremos, pois a Comissão do IV Centenário possui Cr$ 600 milhões. Ela que pague tudo, inclusive o que os turistas devem ver.

P. — Quantas pessoas recebe por dia?

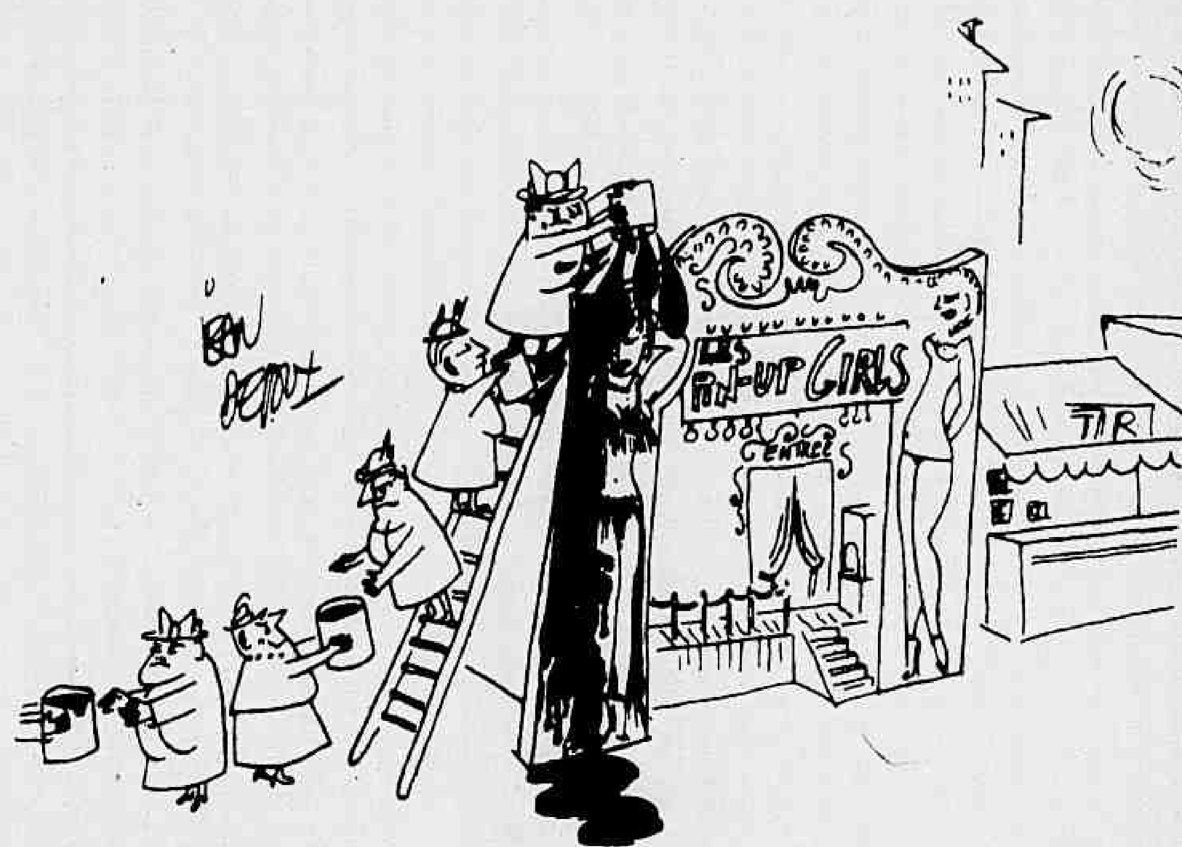
R. — Tôdas as que têm um assunto de interêsse do município são recebidas por mim. Quem anda atrás de emprêgo público que vá bater noutra porta. Aqui não temos, repito, sinecuras para ninguém.

P. — Acha que já falou (ao repórter) demais?

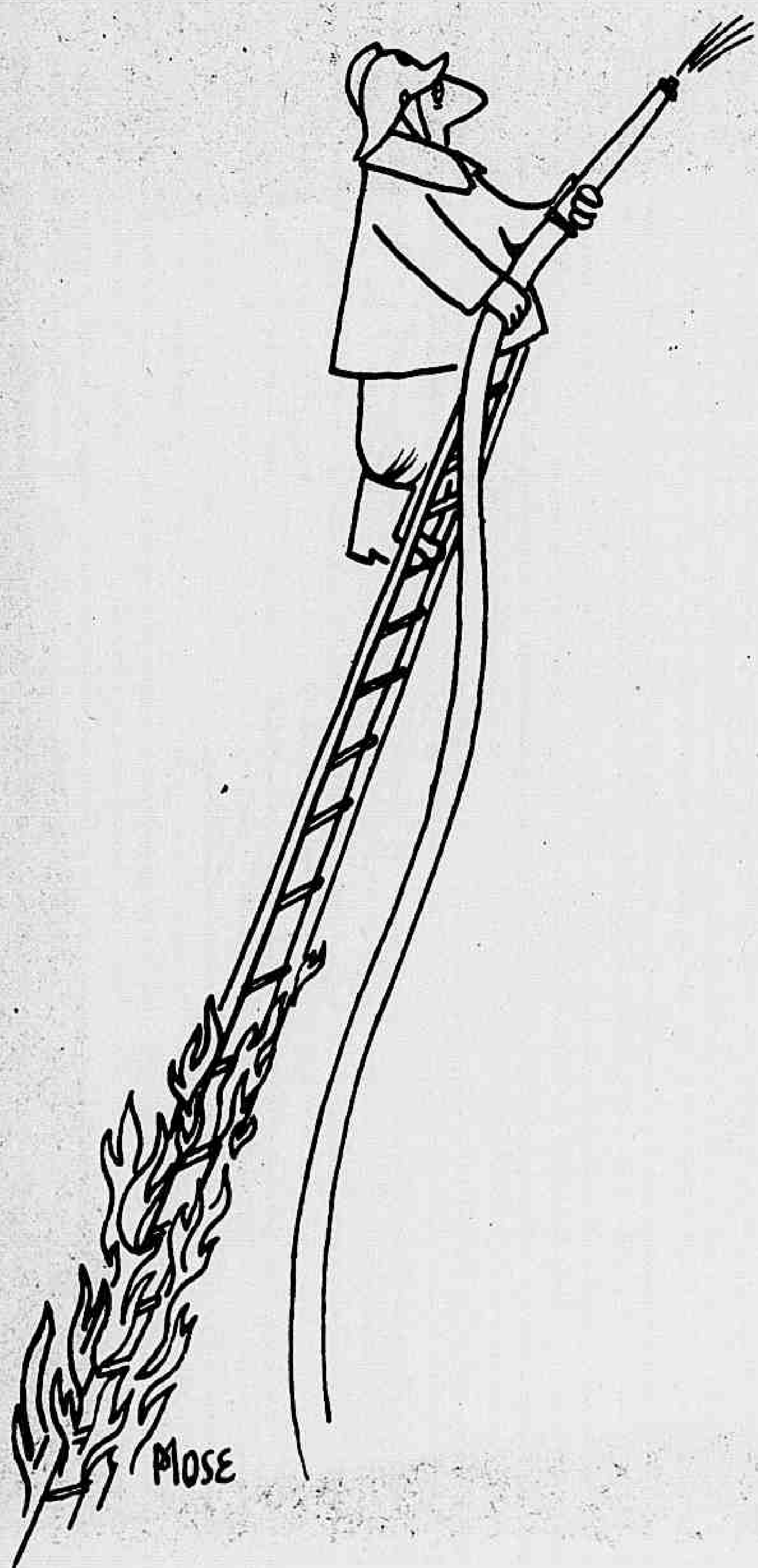
R. — Acho.

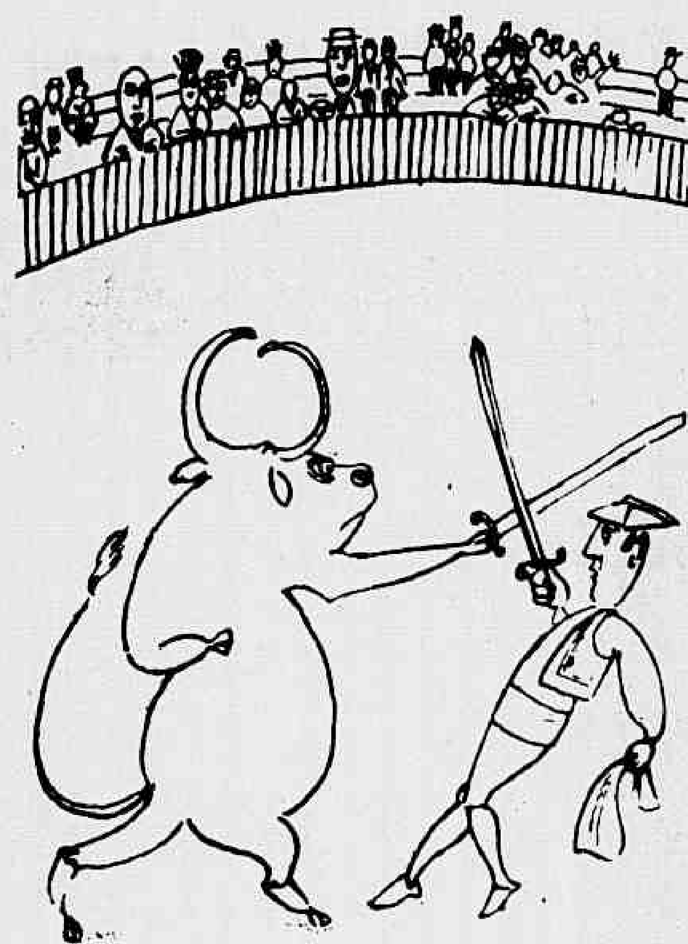
Êste cartaz, de tom categórico, é visto na sala onde o prefeito Jânio Quadros [illegible]cha e recebe



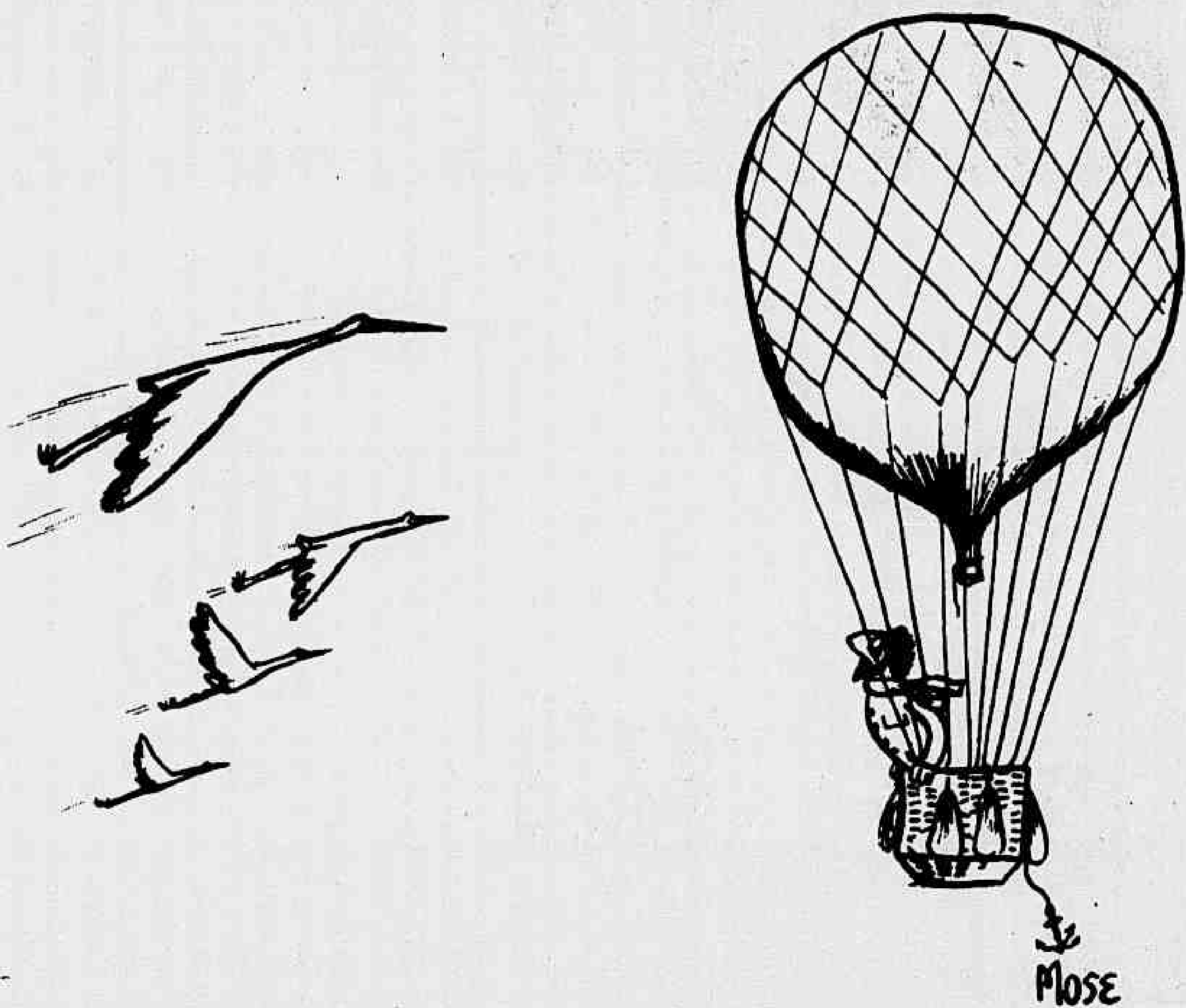


O RISO DOS OUTROS

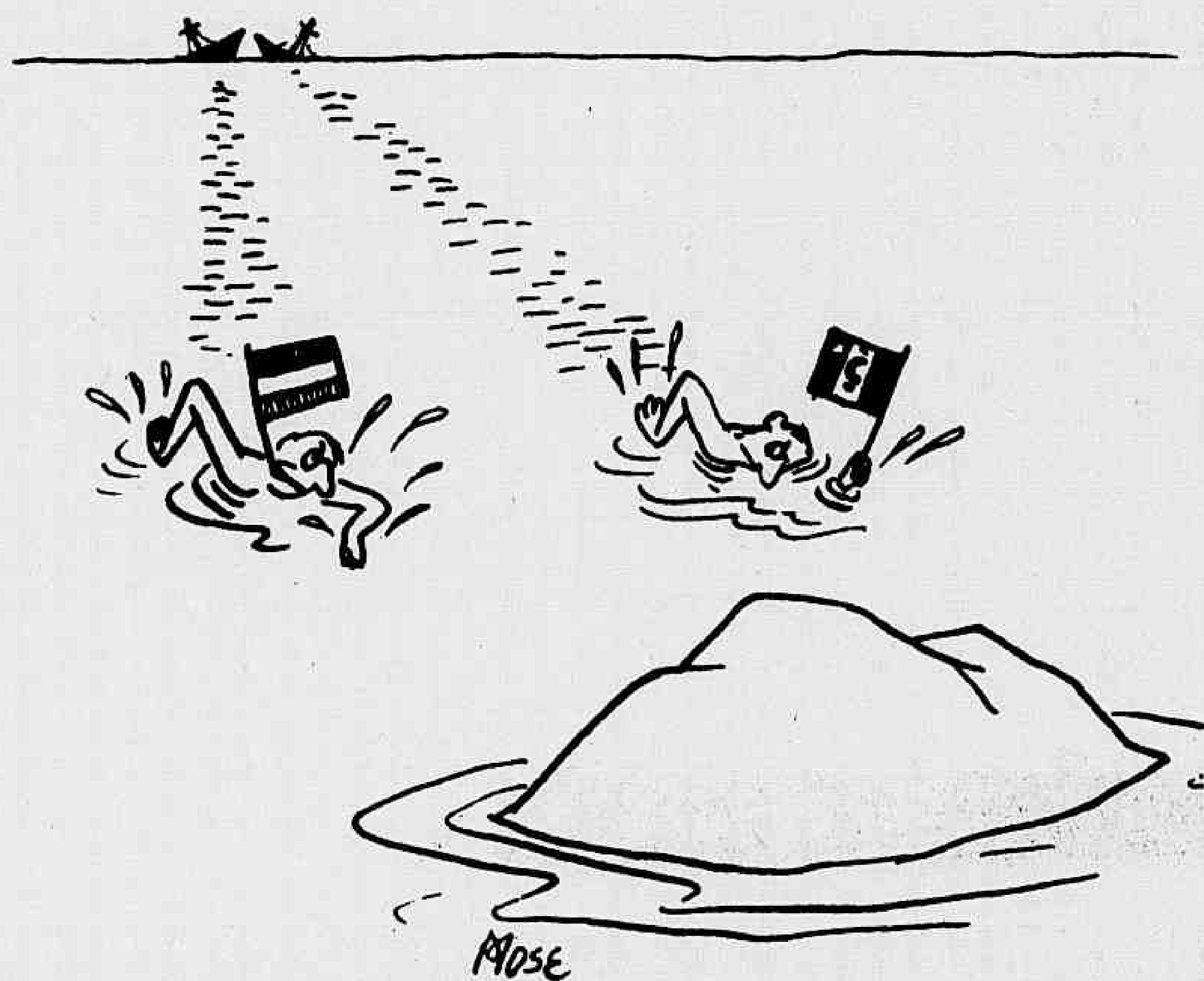




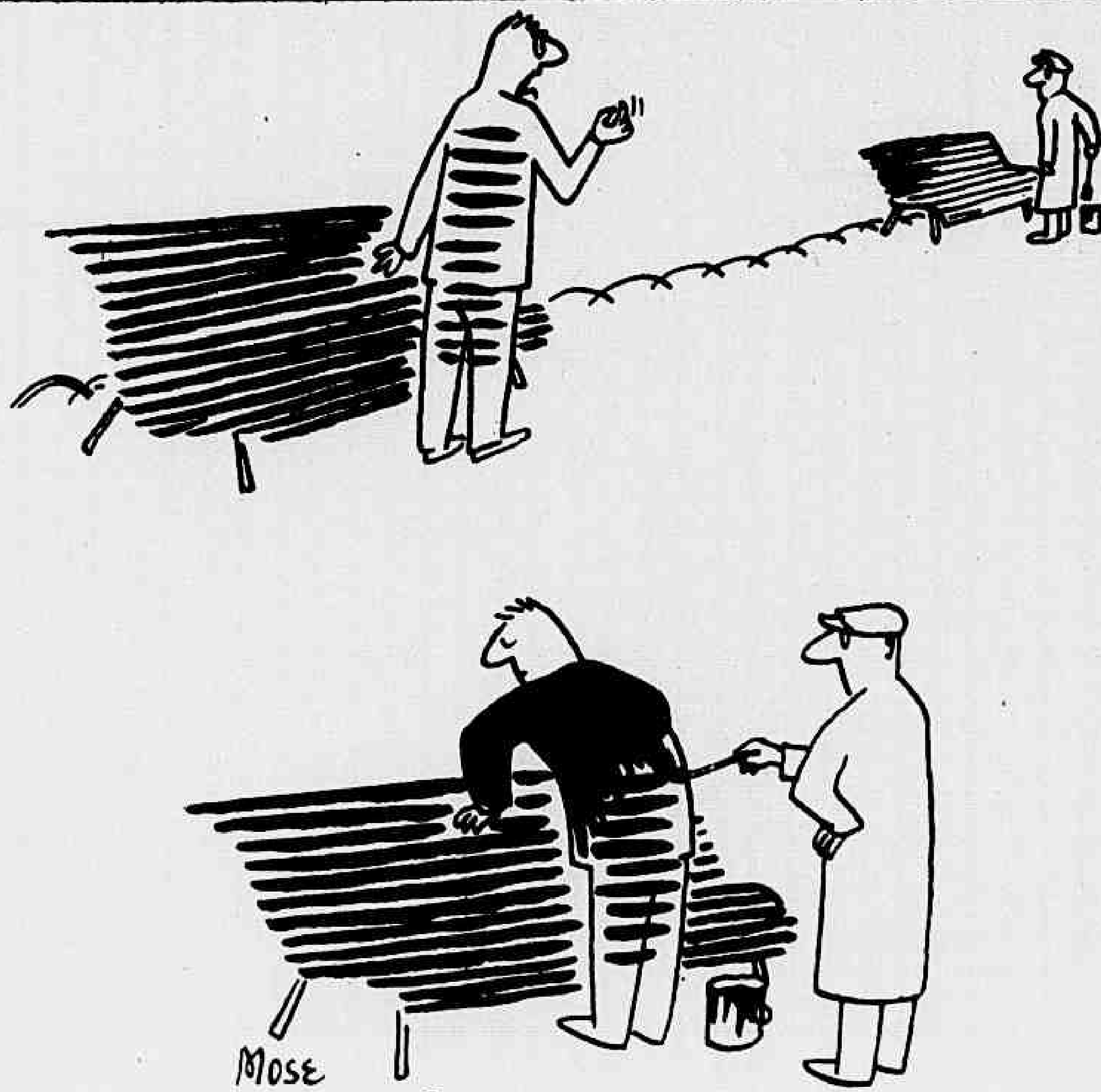



MOSE




MOSE




MOSE



SEMANA LITERÁRIA



UM POEMA POR SEMANA

A formosura desta fresca serra
E a sombra dos verdes castanheiros;
O manso caminhar dêstes ribeiros,
Donde tôda tristeza se desterra;



O rouco som do mar, a estranha terra,
O esconder do sol pelos outeiros,
O recolher dos gados derradeiros,
Das nuvens pelo ar a branda guerra;

Enfim, tudo o que a rara natureza
Com tanta variedade nos oferece,
Me está, se não te vejo, magoando.

Sem ti, tudo me enoja e me aborrece;
Sem ti, perpètuamente escuto passando
Nas mores alegrias mor tristeza.

CAMÕES (Líricas)

PERFIL DE EZRA POUND

● Nasceu em Idaho, EE.UU., tendo estudado em Pensilvânia e Hamilton. Graduou-se em línguas românicas. Em 1908, foi em um navio de carga para Gibraltar, tendo andado até Veneza e publicado seu primeiro livro de versos. Em Londres (1909), foi logo notado por sua barba ruiva, seus cabelos alvoroçados e suas opiniões sôbre literatura. Sua influência social pessoal sôbre os escritores inglêses, inclusive Yeats, foi enorme. Traduziu extremamente bem poemas chineses, japonêses e de vários poetas medievais. As línguas antigas e modernas não têm segredos para êle. O primeiro a reconhecer o gênio de James Joyce. Seus estudos críticos são de uma erudição e de uma penetração incalculáveis. Entende de música e estudou escultura. **A cultura procura estabelecer relações proporcionadas entre os valores morais, intelectuais e materiais.** Seu interêsse por economia chega a ser uma obcessão, tendo escrito diversos estudos sôbre a matéria: «A.B.C. of Economics», «Social Credit: An Impact», «What is Money For», «Jefferson and/or Mussolini», etc. Protestou violentamente contra o que chamou a usucracia moderna: **Escrevo para a humanidade em um mundo devorado pela usura.** Durante a guerra, em Roma, falou intensivamente pelo rádio, contra Roosevelt e a política aliada, tendo sido considerado traidor. Prêso em 1945 e cruelmente tratado pelos seus concidadãos. Removido aos EE.UU., foi considerado louco, estando atualmente em uma casa de saúde, onde continua a escrever. Admirava muito Mussolini e o seu «a liberdade não é um direito mas um dever». Alguns dos melhores poemas de «The Cantos» são sôbre o dinheiro. Sabe português antigo e moderno, explicando sutilezas de «Os Lusíadas».

ESPELHO DE ESCRITORES



RUBEM BRAGA — Nasceu em Cachoeiro do Itapemirim, Estado do Espírito Santo e, para usar a expressão do poeta, jamais esquecerá êste acontecimento, na vida de suas retinas tão fatigadas. Foi registrado sob o número 785, livro II, fls. 193, conforme declara numa crônica, e não existe quem consiga roubar-lhe a nacionalidade, pois a freqüência de Cachoeiro é sólida e possui bons arquivos de jacarandá (resistentes aos roedores, às campanhas jornalísticas e a outros redemoinhos que espanam o país). Fêz quarenta anos outro dia, e o episódio cronológico, a ter alguma repercussão melancólica, só o teve nas chamadas paisagens interiores: o velho Braga continua o mesmo, tomando o seu bom «scotch» e fazendo a ronda da madrugada, nos lugares da praxe. E' cronista, por vocação e temperamento, e em matéria de crônica ninguém lhe leva a palma: o rapaz é o sabiá da crônica, o poeta da crônica, e sua vida, amôres, paixões, decencontros, sofrimentos, sabores e dissabores se transformam, cedo ou tarde, em matéria impressa, que êle compõe de um jeito um tanto descuidado mas que traz consigo a marca de um insuperável (e pungente) lirismo. Até os 14 anos, permaneceu em estreito contato com a gleba-berço, e aí aprendeu a ler, a escrever, a conhecer o oceano e a amar os pescadores, de quem é sempre amigo íntimo (e dileto). Abandonando (apenas materialmente) a cidade natal, completou seu curso secundário em Niterói e, depois, mudou-se para Belo Horizonte, onde fêz curso de direito (rigorosamente perfunctório). Dedicou-se, muito cedo, ao jornalismo, e neste ramo fêz carreira fulminante: na capital mineira, estreou na «Fôlha de Minas» e, ao lhe mandarem fazer a cobertura de uma exposição canina, produziu matéria tão bonita que foi logo jogada em primeira página: o foca deixou de ser foca em poucas horas, e adquiriu de saída categoria jornalística. Publicou, em 1936, «O Conde e o Passarinho», livro de crônicas um tanto revolucionárias, que lhe deram muita fama e algum aborrecimento com a polícia. Inaugurou, com êsse livro, um tipo de crônica e teve, tanto nas capitais como na província, inúmeros seguidores, bons e maus, que faziam pastiche de seu tom e de suas melhores descobertas. Teve lá o seu passado clandestino (questão política), andou refugiando-se aqui e ali, pretendeu salvar a república e acreditou na missão redentora do proletariado. Hoje em dia, embora continue acreditando no proletariado, já não lhe atribui nenhuma missão mística: é bom democrata, convicto e sadiamente cético, que torce pelo povo e por seus direitos à vida, à liberdade e à cultura. Pertence, teòricamente, ao Partido Socialista, mas nunca foi lá. Fêz guerra na Itália, como correspondente, e organizou depois um livro de crônicas sôbre a campanha da FEB. Publicou ainda uma série de livros: «O Morro do Isolamento», «Cinqüenta Crônicas Escolhidas», «O Homem Rouco», «Um Pé de Milho» e «Borboleta Amarela», em edição de luxo. E' especialista em caça e pesca, lê de preferência relatórios e narrativas de viagens e conhece a fauna e a flora do Brasil como pouca gente. Tem semelhança física e espiritual com o novelista americano Ernest Hemmingway: ambos são livres e ásperos, amam a vida em todos os seus aspectos autênticos e buscam através da literatura um conhecimento concreto e viril das coisas e do mundo. Detesta que o chamem de RUBENS e, diante desta «ofensa», é capaz de cometer desatino. Dorme a retalho, uma hora aqui, outra acolá, duas mais adiante, e vai levando-se, pela noite à dentro, em busca de aventura. Freqüenta «boites» e rodas grã-finas, e tem excepcional prestígio com as mulheres. Mora sòzinho, num apartamento com vistas para o mar, e aí recebe os amigos para um «whisky» e um bate-papo. Tem catadura meio feroz, jeito também meio feroz e uma fala angulosa: nada disto, no entanto, consegue disfarçar suficientemente a sua doçura fundamental, o seu instinto de solidariedade e a sua generosa maneira de enxergar o homem, e de ajudá-lo. Diretor do «Comício», juntamente com Joel Silveira e Rafael C. de Oliveira, fêz fôrça para construir essa grande aventura jornalística que os fados não quiseram fôsse longa. Escreve diàriamente para o «Correio da Manhã» e semelhante para «Manchete». Não acredita muito em Deus, mas acredita no homem, e na mulher. E é o que importa. Compõe, no momento, um livro sentimental e noticioso sôbre o Estado do Espírito Santo, onde foi a convite do governador daquela ilustre província. — H.P.

Cineac Literário



MÚCIO LEÃO

REINALDO MOURA, escritor gaúcho, acaba de entregar ao editor os originais de seu novo romance, «O Poder da Carne», cujo tema gira em tôrno do problema do ciúme, levado ao paroxismo da loucura.

★

A LIVRARIA MARTINS, de S. Paulo, associando-se às comemorações do IV Centenário da capital bandeirante, programou uma série de publicações especializadas e cuidadosamente impressas, das quais já apareceram: «Apontamentos Históricos, Geográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de S. Paulo», de Azevedo Marques; «Peregrinação pela Província de S. Paulo», de Augusto Emílio Zaluar; «Memórias para a História da Capitania de São Vicente», de frei Gaspar da Madre de Deus; «Nobiliarquia Paulistana», de Pedro Taques e «Viagens às Províncias do Rio de Janeiro e S. Paulo», de John von Tschudi

O ESCRITOR MÚCIO LEÃO, numa prova extrema de amor e fidelidade às letras brasileiras, organizou um dicionário bio-bibliográfico de nossa literatura, em quarenta volumes. Os originais se encontram, para publicação, no Serviço de Documentação do Ministério da Educação, e Brito Broca, Carlos David e Valdemar Cavalcânti ficaram encarregados do trabalho de revisão.

★

VIRÁ AO RIO, em licença especial, o escritor Álvaro Lins, que atualmente rege a cadeira de Literatura na Faculdade de Letra de Lisboa. O autor de «Jornal de Críticas» chegará pelo vapor «Santa Maria», em princípios de janeiro.

★

O POETA MURILO MENDES realizou na Sorbonne, a convite da direção daquela Universidade, uma conferência sôbre Jorge de Lima. Foi excepcional o êxito alcançado pelo conferencista, que recitou, inclusive, vários poemas brasileiros, vertidos para o francês. Pronunciaram-se entusiàsticamente sôbre o acontecimento os escritores Albert Camus e Albert Béguin.

★

ADERBAL JUREMA, crítico literário em Pernambuco, reuniu em livro seus trabalhos de exegese literária, sob o título de «Poetas e Romancistas de Nosso Tempo». A obra foi lançada pela Editôra Nordeste, de Recife.

★

ACABA DE SAIR a público a peça de José Paulo Moreira da Fonseca, «Dido e Enéas», numa bela edição custeada pelo autor. O poeta de «Elegia Diurna» faz, em prefácio, a defesa da poesia dramática, considerando-a como o instrumento por excelência de expressão dos conflitos humanos.



SIMEÃO LEAL

★

O FILME «O Telegrama de Artaxerxes», cujo «escript» se baseia na novela de Aníbal Machado, com o mesmo nome, começa a ser rodado em janeiro, na capital paulista.

★

«OS SONETOS» de Carlos Moreira, editado pelo Clube Internacional de Recife, tem tido excelente acolhida por parte da crítica literária do país. O jovem poeta visitou recentemente o Rio, e aqui recebeu várias homenagens de seus amigos e companheiros de geração.

★

HERMAN LIMA está escrevendo a «História da Caricatura no Brasil» e, para tanto, empenha-se em exaustivas pesquisas na Biblioteca Nacional.

GALERIA MANUEL BANDEIRA — (II)



O poeta, na cidade mineira de Campanha, numa fotografia tirada em 1906, repousa de suas lutas (interiores e exteriores).



Manuel Bandeira e sua irmã, em Petrópolis. Fotografia de 1912, ao tempo em que o poeta compunha «Cinza das Horas».

ROUPA DE DOMINGO

(Suplementos & Suplementos)

REBÊLO, RUSSOS E CINEMA

«Ontem Zelins andou com vontade de se atracar com o Marques Rebêlo por causa de Dostoiewski e outros russos, todos uns idiotas na opinião de Marques. Zelins quis brigar e afirmou que o outro, de literatura russa, conhecia Ana Karenina, porque tinha visto o romance numa fita de cinema. A conversa tornou-se desesperadamente azêda, e terminou com a chegada de Adalgisa Neri».

(De uma carta íntima de Graciliano Ramos)

● **A FEBRE VERDE**

«Não desanimei. A febre verde fervia em mim, tornando-se otimista sôbre o resultado final de minha luta. Êsse otimismo não obedecia, entretanto, à exagerada confiança que nos dá a enfermidade de candidato. Ninguém se deu ao trabalho de explicar a etiologia do mal acadêmico».

(Osvaldo Orico, «Diário Carioca»).

● **COXA, FÚRIA, CABALA**

«Que é poesia, o belo? Não é poesia,
e o que é poesia não tem fala.
Nem o mistério em si nem velhos nomes
poesia são: coxa, fúria, cabala».

(C. Drummond de Andrade, «Diário Carioca»).

● **O VÃO PALAVREADO**

«Nas conversas entre amigos, nos encontros de rua, nas frases ouvidas por acaso num ônibus, no noticiário comum dos jornais — em tudo, nada impressiona mais, no Brasil de hoje, que a constatação da existência de uma inacreditável deformação moral».

(Antônio Olinto, «Diário de Notícias»).

● **A FURIOSA MATERNIDADE**

«Procuro vencer em mim a multidão agitada e convulsa de pensamentos: meus desejos suicidam-se. Estarei embalando nos braços uma criança ou tôdas as crianças internadas em casas de caridade? Meus sapatos querem ferir as ruas tentando fugas da realidade; vejo casas, mulheres, homens, outras crianças; entro em livrarias, folheio livros, êsses amigos, olho vitrinas, paro em casas de brinquedo».

(Eneida, «Diário de Notícias»).

● **DIÁLOGO CULTÍSSIMO**

— «Acredita na supremacia do romance narrativo sôbre as pesquisas psicológicas? Ou vice-versa?

— Acredito na possibilidade de ambos, pois o estilo é capaz de tratar a narração objetiva ou a pesquisa psicológica com o mesmo poder. Mas prefiro o romance onde essas duas coisas sejam feitas simultâneamente».

(De uma entrevista da sra. Maria de Lourdes Teixeira).

PLANTÃO NOTURNO

Um homem macio

EU sei que não é comum a gente conhecer primeiro o paletó e só depois o dono. Mas, aquêle apartamento, que nos passavam em terceira transferência de locação, era habitado por um paletó dêsse brim da côr de papel, meio desgostoso na gola e quase franjado nas mangas. Em seu cabide, no fundo do armário, mantinha a engomada dignidade das coisas passadas a ferro. De saída, a gente via que não se trata de um paletó bem humorado e logo depois descobria que sua presença, ali, estava ligada a um telefonema diário, que começava assim:

— Comé? E' da Tinturaria...

E, depois de algumas palavras de reconhecimento, perguntava.

— Comé? O homem já deixou o dinheiro do paletó?

● Os dias amanheciam defronte da Baía de Guanabara, depois de noites intensas, numa boêmia de principiante que mistura bebida ou que acredita em vermutes e vinhos do pôrto. O sol que entrava pela janela, era o sol irritante dos bêbedos e dos ressacados, dos homens que ainda não puderam comprar cortina e, por isso, quando dava no quarto, fazia-se, imediatamente, credor dos nossos nomes feios. Era uma seqüência dêsses malestares matinais diários: 1º, luz no rosto; 2º, gôsto de sapato de tênis na bôca; 3º, bola de bilhar sôlta na cabeça; 4º, o telefonema da tinturaria. Nós não tínhamos nada a ver com o paletó e, pela necessidade de esticar mais o sono da manhã (o que era conseguido com uma meia preta em cima dos olhos), respondi:

— Meu amigo, o homem comprou um paletó novo, não quer mais bem a êsse, não vai deixar dinheiro nenhum pra você e seria bom que alguém viesse buscá-lo já.

Meia hora depois, um rapazinho se identificava como emissário da tinturaria e, após receber o que tinha vindo buscar, me deu êsse conselho:

— Doutor, nunca se meta com gente de rádio.

No dia seguinte, conheci Dorival Caymmi, vestido de azul marinho, cantando samba, fazendo enviez nos olhos para três mulheres langorosas, dando aquêle seu velho «show» de charme. Tenho a impressão de que, depois daquela madrugada, não nos separamos mais. Andamos pelo Norte, trabalhando para o mesmo patrão, gastamos a mesma cédula, tivemos a mesma intoxicação de mariscos, achamos graça na mesma anedota e descobrimos o Leblon, por acaso, numa noite sem a menor importância, conversando com um pescador, na porta de um bar, cujo sobrado já foi: casa de saúde, pensão, rendez-vous, atelier de costura, hotel e concentração de jogadores de futebol. Juntos, aprendemos uma porção de coisas: o respeito à preguiça, a necessidade de reagir um pouco a certos horários, a utilidade de duvidar sempre da lealdade dos outros, o bem que é gostar do piano de Radamés e do bandolim de Jacob, a certeza de que vamos acabar e ser esquecidos daqui a pouco e a enorme ambição de sairmos do Rio e valtor cada um para a praia de sua terra, antes que aqui passe alguém e pergunte:

— Você não foi Fulano?

● Dorival Caymmi é o homem essencialmente macio, sem aquela necessidade urgente de ir a Europa ou de musicar um filme de Disney. Todos os êxitos que lhe aconteceram deviam estar na linha da mão, porque êle não fêz fôrça, nem rezou para isso. Das desilusões que teve nunca disse nada a ninguém. Sua música, que é feita de mar e vento, vai conitnuar depois de nós. Seu violão talvez seja entronizado numa vitrina do Museu Folclórico. O discurso seria feito pelo senhor Pedro Calmon.

O homem continuará macio pelo resto da vida. Calculem que há cinco dias, depois de 13 anos cheios de coisas importantes, Caymmi me perguntou:

— O que é que vocês fizeram do meu paletó, que ficou com vocês naquele apartamento da rua do Passeio?

— Comemos... — respondi com um pouco de saudade de antigas fomes.

Desenho de DAREL

ANTÔNIO MARIA





Aspecto de aula. Maria Augusta, Maria Aparecida, Sônia, Vicky, Ana Tereza, Sanira, Regina Morisot, Regina Lúcia, Rose e Mara. À direita: Um grupo de alunas sonha com a dança.

A DANÇA É UMA ARTE SADIA



Dmitri explica, corrige, explica, corrige...

Conta-se, nesta reportagem, a história de um grupo de jovens — Os do Ballet da Juventude — que acreditam firmemente na dança clássica e vive para ela.

Reportagem de OLIVEIRA BASTOS **Fotos de ALBERTO FERREIRA**

O «ballet» sempre foi, dentre tôdas as artes, a que menos repercussão alcançou no Brasil. Terra de gente nascida para o vão palavreado, a maioria contenta-se em explorar efusivamente uma discutível vocação para a literatura, forçando, de todos os meios, a solidariedade e a admiração do respeitável público, como se diz.

E' por isso que quando um grupo de jovens se reúne — como acontece no caso do Ballet da Juventude — disposto a erguer uma condição mais ampla para a aceitação da dança clássica, o seu trabalho queda quase sempre desvalorizado ou por outra, reconhecido apenas por uma minoria para quem seria dispensável êsse mesmo trabalho.

Esta reportagem não pretende — e seria desnecessário dizer — chamar a atenção dos leitores para a necessidade que todos temos de encarar o «ballet» como uma arte portadora de uma **linguagem** tão alta e significativa quanto a linguagem das outras artes. Não pretende tampouco repetir que o «ballet» estabelece a sua própria transfiguração, trabalhando o bailarino sôbre a valorização de seus gestos com a mesma inadiável necessidade de expressão com que o poeta trabalha sôbre as palavras, o pintor sôbre as tintas, o músico sôbre os sons, etc. Esta reportagem quer apenas contar a história de um grupo de jovens — os do



A DANÇA É UMA ARTE SADIA



Regina Morizot e João Jorge mostrando o gôsto pela vida.



Regina Lúcia e Lauro Gonçalves, agilidade, contrôle e elasticidade.

Ballet da Juventude — que acreditam firmemente na possibilidade de criação de uma atmosfera propícia ao desenvolvimento da dança clássica entre nós, e dedicam o melhor de suas energias em função da concretização dêsse ideal.

★

No dia 5 de dezembro, diretores, professôres, alunos e amigos do Ballet da Juventude, reuniram-se familiarmente para a comemoração do oitavo aniversário dessa instituição cultural. Foi uma festa simples, quase sem discursos, mas definitiva para a verificação de que o destino do Ballet da Juventude está garantido pela responsabilidade demonstrada pelas pessoas presentes acêrca da necessidade da formação de novos professôres, coreógrafos e bailarinos para a implantação, entre nós, de uma concepção mais elevada do «ballet».

De umas notas distribuídas pela atual direção do B.J., extraímos que «estatutàriamente, o Ballet da Juventude é uma sociedade civil que tem por obrigação manter um grupo artístico (Corpo de Baile) e uma Escola, tudo com finalidade principal de divulgar e incentivar a arte da dança no Brasil».

Apesar de terem sempre tomado a divulgação da arte da dança como uma obrigação que se lhes impunha, êsses oito anos de atividades foram, para os diretores do Ballet da Juventude, marcados por penosas e acabrunhantes dificuldades de ordem financeira. Por isso mesmo, muitas vêzes o Ballet da Juventude foi obrigado a cerrar temporàriamente suas portas para depois, qual Fênix vitoriosa, ressurgir de suas próprias cinzas.

Êsses acidentes não impediram, entretanto, que autênticos valores do «ballet» saíssem de suas aulas definitivamente consagrados como aconteceu com as bailarinas Tamara Capeller, Berta Rosanova, Maria Angélica, Edith Pudelko e Gisela Gelpke — estas últimas dançando pela primeira vez no Ballet da Juventude. Não impediram também que o Ballet da Juventude cumprisse um repertório com mais de sessenta e cinco diferentes coreografias com exibições em várias capitais brasileiras.

As colegas de Maria Augusta constroem com os braços um pálio sob o qual evolui a bailarina.





Alunas do corpo de baile executam, sob o amplo céu azul, um exercício de intenções dramáticas

Atualmente o Ballet da Juventude — dirigido pelo jovem Sílvio Wanick Ribeiro — funciona com nove turmas de alunos, além de um corpo de Baile em formação, os quais ocupam todos os dias da semana, em trabalhos que vão das 8 horas da manhã às 8 horas da noite.

Os autores desta reportagem tiveram permissão para assistir uma dessas aulas, constatando a severidade dos exercícios aplicados aos alunos a fim de desenvolver nos mesmos a fôrça, a agilidade, o contrôle e a elasticidade indispensáveis para a armação de uma seqüência rítmica de gestos.

Dmitri, coreógrafo principal do Ballet da Juventude e dono de uma bela página de trabalhos realizados dentro da arte a que se dedicou, tendo estreado na Companhia de Fokine na temporada que esta apresentou no Century Opera House, em 1925-26 e cursos de aperfeiçoamento com a dança de vários países da Europa, procura superar nos alunos a impressão dos pesados exercícios pela consciência da elevada condição do «ballet» como arte de expressão de sentimentos.

O Corpo de Baile com que o Ballet da Juventude pretende se apresentar pròximamente compreende os alunos Maria Aparecida, Nena Cardoso, Sanira Back, Vicky Flores, Regina Lúcia, Ana Tereza, Lauro Gonçalves e João Jorge, aos quais estão sendo aproximados os alunos mais adiantados de outras turmas.

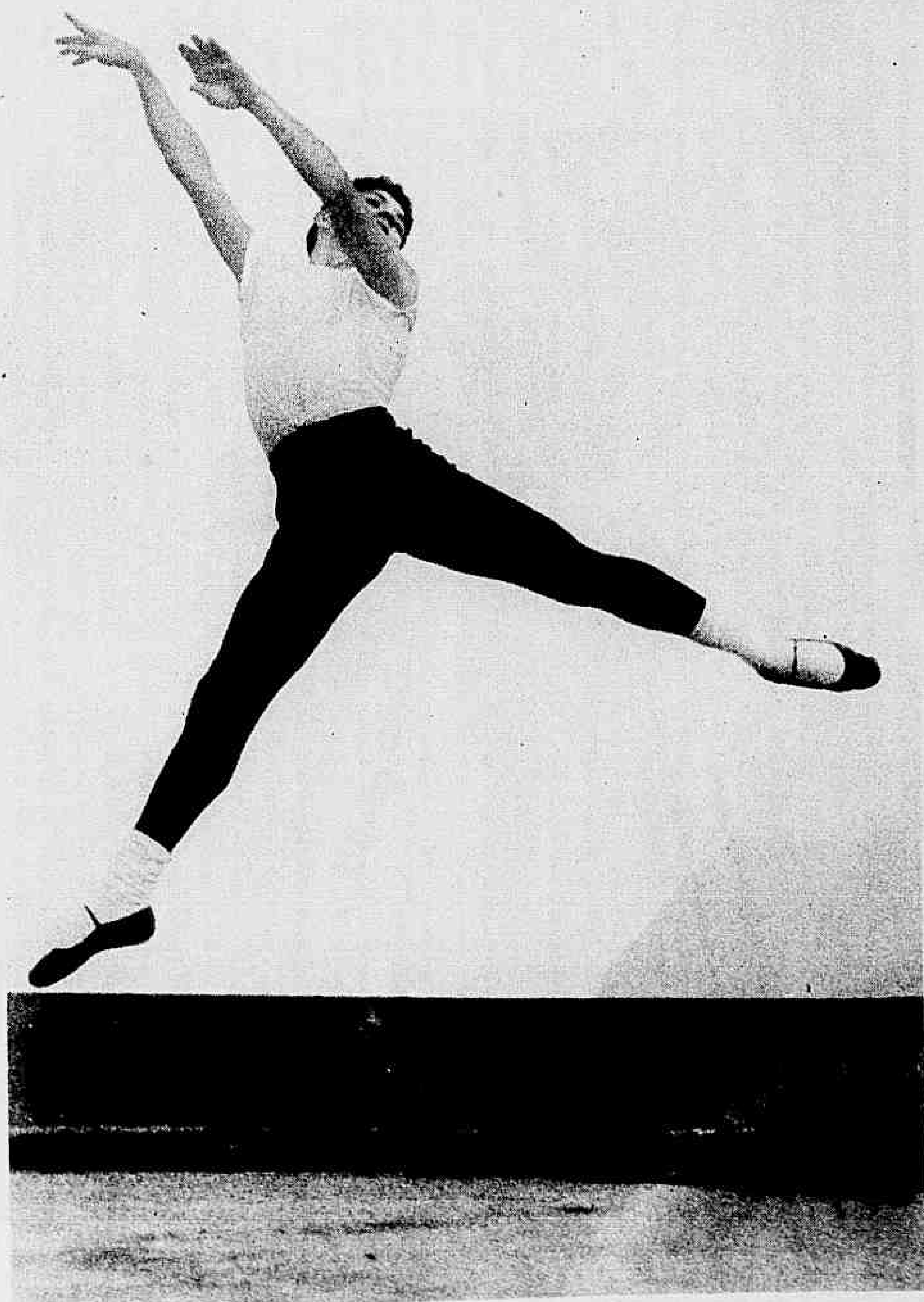
Para o Corpo de Baile, Dmitri preparou uma série de sete coreografias com música de Chopin, Dmitri Kabalewsky Schutt, Schumann, Kullak, Lichner e Debussy, as quais vem sendo ensaiadas diàriamente. Foi um dêsses ensaios que conseguimos o material fotográfico que documenta esta reportagem.

*

Um desconhecido indesculpável das funções mais elementares do «ballet» faz com que muitos pais reajam contra a idéia de que seus filhos pratiquem essa modalidade de arte. Por muito tempo tomou e ainda se toma, entre nós, a dança clássica como sinônimo de uma arte que exige para a sua prática, condições moralmente suspeitas.

E' vergonhoso que uma tal concepção do «ballet» se tenha insinuado e progredido no espírito da nossa gente, forçando o Ballet da Juventude a tomar como uma de suas características fundamentais a proclamação e a demonstração de que a dança é uma arte sadia e que contém em si todos os elementos capazes de refletir a cultura de um povo.

Nesses oito anos de atividades, o B.J. conseguiu uma projeção artística que não teria sido possível sem a destruição dessa estranha e inusitada concepção do «ballet». Êsse fato deve ser adicionado ao lado das melhores e mais belas conquistas do Ballet da Juventude.



João Jorge em um passo de elevação.



MADELEINE FAUTH



MADELEINE FAUTH



ANNE FOGARTY



MADELEINE FAUTH

MADELEINE FAUTH — Modêlo em "shantung" de sêda, estampado de azul e prêto, sôbre fundo branco. Gola feita de organza.

MADELEINE FAUTH — Gola e decotes muito originais, neste modêlo em algodão estampado com motivos de frutos.

ANNE FOGARTY — Uma delicada estamparia "à baiadera", em algodão fino. As listras em viés, no corpo.

MADELEINE FAUTH — Uma estamparia delicada em azul e bege. Debruns azuis formam o contôrno do decote, de forma arredondada.

LINDA LEE — Desenhos miúdos sôbre fundo verde. O enfeite da gola e o cinto são feitos em piquê branco.



LINDA LEE

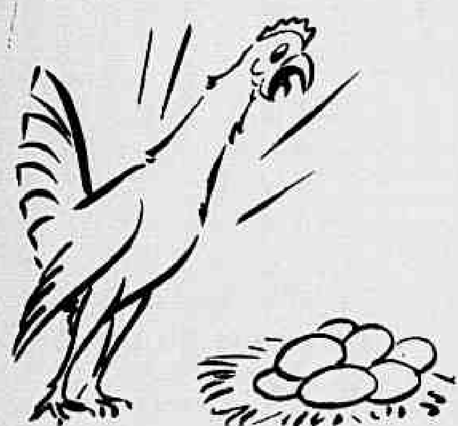
ESTAMPADOS MIÚDOS

ESTAMPADOS em algodão, em linho ou em sêda fina, não os tecidos mais em moda nesta temporada. Alegres, próprios para confecção de tualetes agradáveis nos dias de canícula, são também práticos, pois, fáceis de lavar e passar, não precisam, em geral, de serem mandados para as lavanderias especializadas. A condição essencial para que um modêlo estampado seja bem elegante, é que tenha um feitio simples, o mais simples possível, de forma que não fique mais em evidência do que a própria estamparia. A segunda condição é que o corte seja impecável e a confecção de muito bom acabamento, para que caia bem no corpo. Os modelos que se seguem foram escolhidos para aquêles que trabalham ou para a dona de casa que sai às compras. Por isso mesmo, não apresentam decotes exagerados — mais próprios para a noite ou passeios pela praia. São as últimas criações dos costureiros norte-americanos de Nova York, e da Flórida e California, onde a moda tende sempre para o prático e simples. — FLAMA.



WEEK-END NA COZINHA

PODE-SE CONSEGUIR MARAVILHAS COM OVOS



O ôvo é muito importante na alimentação e merece todo o respeito e consideração possíveis, mas é muito comum vermos sair da cozinha um prato de ovos, que mais parece uma catástrofe. O repertório da espôsa geralmente se limita aos ovos fritos, mexidos ou escaldados. Assim mesmo, ainda podíamos suportar perfeitamente se fôssem bem feitos; no entanto, os ovos fritos têm sempre um ar de cansaço, e abandono, enquanto que os ovos mexidos vêm boiando na gordura. Quanto aos ovos escaldados, nem é bom falar; se a gente consegue um bem a gôsto pode ter a certeza de que foi por acaso. Realmente, não posso deixar de me sentir triste quando penso na quantidade de pessoas que passam a vida tôda comendo apenas êsses três tipos de ovos, quando existem pratos deliciosos e fáceis de se preparar que exigem apenas alguns ovos, um pouco de imaginação e uma pequena orientação...

★ **OS OMELETES, por exemplo, apresentam variações que não acabam mais, os souflês ou outros pratos semelhantes também estão aí para revelar tôdas as responsabilidades do ôvo. Exploremos algumas delas, começando pelos OVOS À FLORENTINA:**

Ponha um pouco de espinafre em vários pontinhos individuais para ovos pochê, depois de tê-los untado com manteiga e temperado bem o espinafre, já cozido e picado. Salpique por cima um pouco de queijo suíço ralado, e quebre um ôvo dentro de cada potinho, tomando cuidado para que as gemas não se arrebentem. Cubra com um môlho cremoso e salpique mais queijo por cima. Leve ao forno quente e deixe cozinhar até ficar tostadinho. Se você tem um pouco de imaginação, já deve estar percebendo o que quero dizer, quando falo em variados pratos de ovos.



★ **CONTINUAREMOS A SÉRIE, apresentando agora uma receita de OVOS COM SALSICHA E FÍGADO DE GALINHA:**

Quebre dois ovos em cada frigideira individual e coloque em forno moderado durante 20 minutos mais ou menos. Enquanto estão cozinhando tempere com sal e pimenta. Ao mesmo tempo, frite algumas salsichas e alguns fígados de galinha, em quantidade suficiente para colocar duas salsichas e um fígado de galinha em cada frigideira. Quando os ovos estiverem bons, arrume as salsichas dos lados e o fígado no meio.

Esquente, então, uma xícara de môlho de tomate, e dissolva dentro 5 colheres de sopa de caldo de carne fervendo. Tempere com uma pitada de sal e alguns grãos de pimenta da Guiné. Logo antes de tirar o môlho do fogo, acrescente uma colher de sopa de manteiga. Quando os ovos saírem do forno, regue com o môlho, e sirva ainda quentes.

★ **OVOS MEXIDOS ESPECIAIS: esta receita de ovos mexidos, em comparação com os ovos mexidos comuns, é como se estivessem comparando uma boa champanha francesa com a soda vulgar. Experimente só:**



Quebre oito ovos dentro de uma tijela de madeira, junte 8 colheres de sopa de creme de leite e tempere com sal e pimenta. Bata ligeiramente. Derreta agora, duas colheres de sopa de manteiga numa panela em banho maria, e jogue dentro a mistura de ovos, mexendo até firmar. Ficará tão fôfo que você mal poderá pegar com o garfo para comer, e, do gôsto, nem é bom falar.

★ **AS VARIEDADES de omeletes são pràticamente infinitas, mas existe um que é muito pouco conhecido, tem um sabor delicioso e é muito alimentício. Faça do seguinte modo: o OMELETE DE BATATAS:**

Retire a polpa de uma batata assada, amasse e bata até icar fôfa. Acrescente, então, duas colheres de chá de cebola ralada e tempere com sal e pimenta. Adicione, em seguida, duas colheres de chá de caldo de limão coado e misture tudo. Bata as gemas de quatro ovos e misture com as batatas. Bata também as claras, até ficarem em ponto de neve, e junte ao resto. Coloque numa frigideira, com uma colher de sopa de manteiga derretida, e deixe tostar de um dos lados. Enrole e ponha em forno moderado durante uns 10 minutos.

Se você sente necessidade de comer um omelete delicioso e acha que tem habilidade suficiente, então experimente fazer um OMELETE ELEGANTE. Se der tudo certo é porque você é doutora em ovos. Aqui vão as regras.

Derreta quatro colheres de sopa de manteiga, e misture com quatro colheres de sopa de farinha de trigo e meia colher de chá de sal. Acrescente uma xícara e meia de leite, e mexa sem para deixando o môlho ferver durante 5 minutos. Prepare, então, um recheio de galinha, do seguinte modo: pique uma fatia de bacon ou presunto, e toste ligeiramente; toste na própria gordura do bacon ou do presunto, uma colher de sopa de cebola picada. Adicione uma colher de sopa de aipo picado, uma colher de sopa de salsa picada, meia xícara do môlho que acabou de ser preparado, uma colher de sopa de creme azêdo, uma colher de sopa de vinho branco, um quarto de colher de sopa de môlho inglês, e um peito de galinha, cozido e picado.

cente uma xícara e meia de leite, e mexa sem parar deixando o môlho branco e continue a bater. Tempere com um quarto de colher de chá de sal e uma pitada de pimenta. Misture bem. Ponha uma colher de chá de manteiga numa frigideira e quando estiver quente derrame dentro metade da mistura de ovos. Toste bem de um lado e vire. Quando estiver bom coloque num prato, encha com o recheio de galinha e enrole. Prepare um segundo omelete e coloque por cima do primeiro. Cubra tudo com o môlho branco, e se você obtiver sucesso, terá um diploma de louvor! — TIA DULCE.



Semana ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 9 E 15 DE JANEIRO DE 1954
(Hemisfério Sul)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — **Há indícios veementes de surprêsas, nos próximos sete dias, agradáveis, felizmente. Na vida social terá oportunidade para fazer boas e mui proveitosas amizades. Seu círculo de relações será aumentado e da circunstância provirá uma melhoria na situação.**

★ TOURO (21/10 — 20/11) — **Não assuma compromissos por escrito, na semana entrante, principalmente nos dias 10, 12 e 13. O período não se prestará, igualmente, para a constituição de firmas, de sociedades ou para negócios em conta de participação. Não tome iniciativas, nesse particular.**

★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — **O leitor encontrará uma relativa facilidade na realização dos seus desejos e dos seus negócios. No final da semana registrará um saldo apreciável nas operações que fizer.**

★ CANCER (23/12 — 20/1) — **Sua posição para solicitar favores, empréstimos, o concurso de outrem, será a melhor possível. Poderá forçar, mesmo, as situações oferecidas, certo de que dominará qualquer ambiente.**

★ LEAO (21/1 — 20/2) — **O leitor viverá, nos próximos sete dias, num ambiente muito favorável. Haverá o melhor entendimento na vida doméstica e satisfação nas atividades profissionais. Todos os atos que praticar darão os resultados previstos.**

★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — **Sua chance será diminuta, no próximo período, para alcançar os objetivos colimados. Uma série de coisas desagradáveis ocorrerá na vida íntima, obrigando-o, possívelmente, a tomar medidas extremas. Os piores dias: 10 e 13.**

★ LIBRA (23/3 — 20/4) — **Sua vida, na semana que se aproxima, terá uma feição inteiramente retrospectiva. Fique, assim, no mundo das coisas velhas, das recordações e do passado. Os empreendimentos não darão resultado e, no que diz respeito a negócios, suas possibilidades serão mínimas.**

★ ESCORPIAO (21/4 — 20/5) — **Não haverá alteração sensível, na semana entrante, nem na sua conduta nem nas suas possibilidades de realização. Haverá, não obstante, certa melhoria na vida privada. Haverá satisfação na vida privada e um melhor entendimento na vida conjugal.**

★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — **As desfavorabilidades planetárias, constatadas na semana anterior, no seu caso, persistirão no próximo período. Dêsse modo, cabe-nos, apenas, repetir as recomendações que lhe fizemos. Não se precipite.**

★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — **Recuse na porta, como se diz, as propostas tentadoras que lhe forem feitas. O leitor está passível de um golpe, de um conto, de um pulo dos nove. Desconfie de tudo e de todos, especialmente nos dias 10, 13 e 14.**

★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — **Os planêtas vão atuar de modo suave, no seu destino, nos próximos sete dias. A semana não lhe prometerá grandes coisas, mas não lhe modificará o ritmo da vida que está sendo levada. Já é uma vantagem.**

★ PEIXES (22/8 — 20/9) — **Os nativos do signo dos Peixes vao ter um ótimo período para os negócios e para a vida íntima. Os casos sentimentais evoluirão satisfatòriamente e com presteza, propiciando uniões felizes.**

OS NOMES DA SEMANA

Janeiro,	9	—	Adriano	—	Alda
"	10	—	Gonçalo	—	Hilsa
"	11	—	Alexandre	—	Hortênsia
"	12	—	Filemon	—	Vicentina
"	13	—	Manoel	—	Felícia
"	14	—	Tarcísio	—	Estefânia

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio-dia de Greenwich

				(SIGNO DO:)
Janeiro,	9	—	18º - 42' - 20"	(Capricórnio)
"	10	—	19º - 43' - 29"	(")
"	11	—	20º - 44' - 38"	(")
"	12	—	21º - 45' - 46"	(")
"	13	—	22º - 46' - 53"	(")
"	14	—	23º - 47' - 59"	(")
"	15	—	24º - 49' - 5"	(")



O "REI DO RÁDIO" E O "PRÍNCIPE DA VOZ" estão cantando na MAYRINK VEIGA

OS ouvintes receberam, com agradável surprêsa, a notícia de que a Mayrink iria apresentar, em sua programação noturna, nada mais nada menos que Orlando Silva e João Dias, ídolos do público, muito justamente considerados «O Rei do Rádio» e «O príncipe da voz». Logo depois, a PRA-9 cumpria seu prometido, fazendo estrear, em seu microfone, tanto o intérprete de «Sertaneja» como o herdeiro musical de Francisco Alves. Ambos os programas tiveram o aplauso caloroso de um auditório superlotado, registrando-se, ent.o, cenas emocionantes de aprêço, por parte dos fãs, àqueles dois artistas. Nesse registro, vale salientar que os programas de Orlando Silva (às quintas-feiras, 20 horas) e de João Dias (às têrças-feiras, também às 20 horas), têm e patrocínio das «Casas Garson» (Uruguaiana, 107 e 109, e Ouvidor, 137), uma garantia real para suas compras. As «Casas Garson» tornaram possível, para os ouvintes da Mayrink, as audições de João Dias e Orlando Silva, iniciativas que merecem, por certo, o aplauso do ouvinte.

João Dias, num flagrante de seu programa de estréia na Mayrink Veiga.



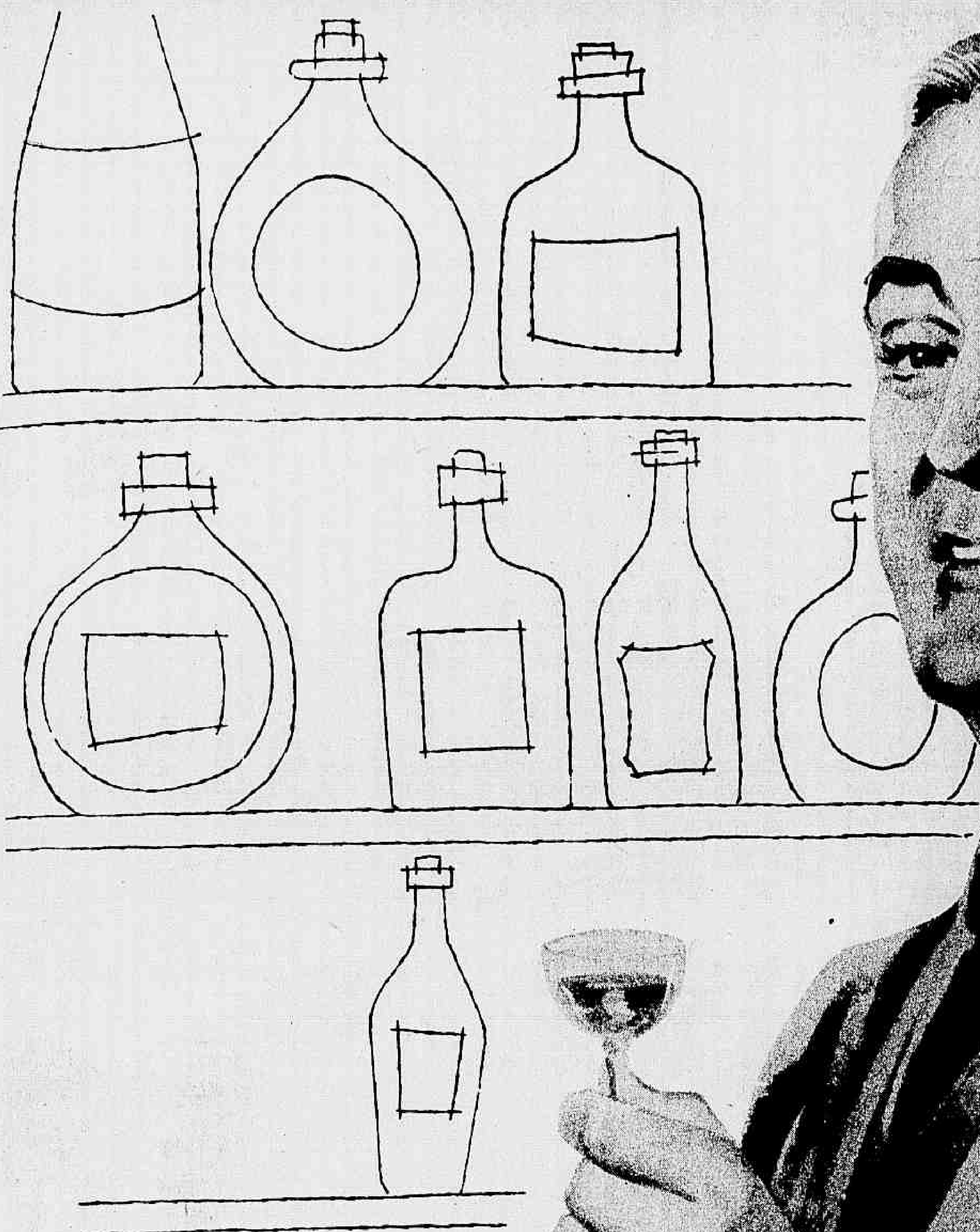
João Dias é fotografado, num estúdio da PRA-9, ao lado do programador Júlio Rosemberg, e dos senhores Borelli Filho, Francisco Abreu, Dario de Almeida e Armando Louzada, respectivamente chefe de divulgação, diretor-gerente, superintendente e diretor de broadcasting da Mayrink.



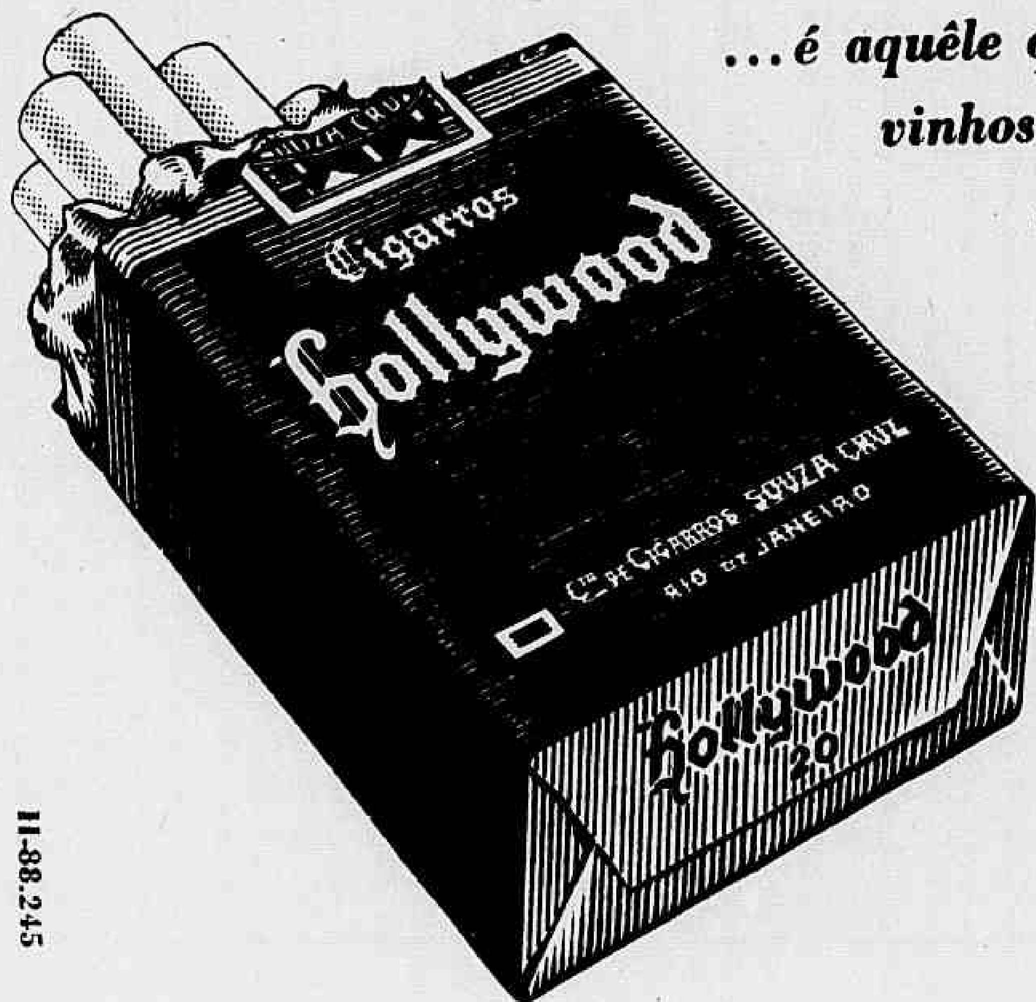
Orlando Silva recebe o abraço de seus amigos da Mayrink, logo após seu primeiro programa na PRA-9, aparecendo, na foto, o sr. A. Medina.



Orlando Silva, logo após a sua estréia na Mayrink Veiga, palestra com os senhores Dario de Almeida, superintendente da PRA-9, e A. Medina, um dos proprietários das «Casas Garson».



Um "connoisseur"...



...é aquêle que distingue entre os melhores vinhos — o mais fino, o de melhor paladar, o que mais caracteriza o bom gôsto da escolha.

E é também esta particularidade que leva os fumantes a preferir

hollywood

uma tradição de bom gôsto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

II-88.245

OS DUQUES ENVELHECEM

Até os maiores romances terminam por cair na rotina. Com o tempo, as paixões se acalmam e chega-se a um estado de sossêgo, que pode ser felicidade ou não. Isso acontece sempre quando se está perto das bodas de prata e, muitas vêzes, antes. Êsse pensamento nos veio a respeito dos duques de Windsor — o maior romance do século. Dizem os jornais que já não têm sido vistos juntos tantas vêzes. A duquesa se diverte nas festas, pois — como tôdas as mulheres — não quer envelhecer nem parecer velha. O duque não encontra mais prazeres que o distraiam em sua vida de rico ocioso e — como a maioria dos homens — não importa que lhe digam que está velho. Essa divercidade de opiniões sôbre o envelhecimento é absolutamente humana e se verifica em qualquer casamento, mais cedo ou mais tarde. Não, não é motivo para separações...

LIMAS DA PÉRSIA

Meu amigo João tem uma xácara em Jacarepaguá. Contristado com a deficiência de frutas nacionais a venda no Distrito Federal resolveu plantá-las... Ótima idéia! As árvores foram bem tratadas e cresceram ràpidamente. Produziram laranjas, cajus, limões, goiabas e... limas da Pérsia... Estas, então, eram maravilhosas. Mesmo pagando o transporte em caminhão alheio poderia vendê-las bem barato. Imaginava todo mundo saboreando as limas da Pérsia de seu sítio. Uma madrugada, com o veículo carregado, foi ao mercado...

— Limas da Pérsia? Não interessam!... Ninguém quer!... Ninguém daria nem um cruzeiro por dúzia!

Meu amigo João coçou a cabeça; achou-se um tolo; teve péssima opinião do gôsto carioca em matéria de frutas... Depois, com raiva de si mesmo, jogou tudo no atêrro da Avenida Brasil.

Chegando de volta ao centro deparou com um cartaz encimando algumas «limas da Pérsia», não tão bonitas nem lustrosas como as suas. Dizia: 30 cruzeiros a dúzia!

ASSOBIANDO NA COZINHA

Depois de realizadas muitas experiências com empregados e operários de diversas categorias, uma sociedade de medicina de Boston provou que as pessoas que trabalham assobiando têm um rendimento 20% maior do que aquelas que não assobiam. O assobio seria, assim, uma espécie de válvula de escapamento que, funcionando bem, melhoria o rendimento da máquina humana. Portanto, se sua empregada tem o hábito de assobiar canções carnavalescas, e isso não lhe agrada, pense que, assim, ela trabalhará um quinto a mais, e não reclame. E... não se esqueça de perguntar à cozinheira que veio pedir um lugar, se sabe assobiar.

50.000 ESPÔSAS INFIÉIS

Continua dando o que pensar aos homens e às mulheres o livro do dr. Kinsey. No entanto, uma conseqüência que ninguém esperava é que sua divulgação afetasse o moral dos 200.000 soldados norte-americanos espalhados pelo mundo todo. Sabe-se lá o que é, para um tão grande grupo de homens, ter conciência coletiva de que uma em quatro espôsas peca por infidelidade? São 50.000 espôsas infiéis para os 200.000 soldados... e cada um teme que seja a própria.

JÓIAS ESTILO IMPÉRIO

Elizabeth II lançou a moda das jóias estilo Império, comparecendo a uma solenidade pública com adereços do tempo de Napoleão III. Imediatamente os joalheiros franceses aproveitaram a deixa, e criaram coleções maravilhosas em estilos antigos: Império, Diretório, etc. Estão, pois, em moda as velhas jóias, e os inglêses ficaram satisfeitíssimos pelo fato de sua rainha ter sido a primeira a se lembrar de ressuscitar o uso dos colares, brincos e braceletes antigos.

NO BÔLSO DOS HOMENS

Provàvelmente, a senhorita Geneviève Crochet será a mulher que — sem ser rainha — terá mais retratos seus nos bolsos masculinos. Geneviève é filha do escultor francês Robert Crochet, e seu rosto foi o modêlo para a efígie da República, esculpida por seu pai nas novas moedas francesas de cem francos que foram lançadas à circulação em primeiro de janeiro.

(L.J.)

★ ★

... Sugestão para o lar

Os móveis em ferro batido não se destinam sòmente a adornar as varandas, terraços e jardins de inverno. Em salas e quarto constituem uma mobília de aspecto gracioso e leve, além de ser sólida e de fácil conservação. Veja, por exemplo, a mobília de sala de jantar da ilustração. Que poderia haver de melhor que uma mesa com tampo de vidro transparente, e cadeiras com assento em couro plástico? Estão livres de manchas de comida, pois ficarão sempre como novas com um simples pano húmido. Observem os detalhes da mobília, principalmente os pés das duas mesas, duplos, para se ter bastante firmeza, assim como o refôrço das poltronas, em baixo, visando o mesmo fim.

A decoração de uma sala mobiliada em ferro batido é fácil de ser realizada. Nesta, apenas o tapête é rosado, repetindo uma das côres do quadro cubista na parede do fundo. Todo o resto é branco e prêto, inclusive a cortina estampada. Conseguiu-se, assim, um efeito decorativo de grande distinção e originalidade. A sugestão é dada pelo decorador John B. Salterini, um arquiteto italiano que anda fazendo sucesso em Nova York. — NIKE.

UM PÔUCO DE Beleza



NÃO GASTE OS SEUS OLHOS

★ *É PREJUDICIAL à sua beleza o hábito de abrir demais os olhos, que tem certas mulheres quando querem demonstrar interêsse por alguma coisa. Contribui para a formação de rugas em redor dos mesmos. Há muitas outras formas mais elegantes de você demonstrar admiração.*

A PELE DAS ADOLESCENTES

★ MESMO as adolescentes devem dar à pele certo tratamento, ainda que moderado. Se tiverem espinhas, cravos, e outras erupções, precisam consultar um especialista, que lhes indicará um regime e um tratamento convenientes. O sol contribui para melhorar a pele com muitas espinhas e cravos, e isso pode ser aproveitadc pelas adolescentes. (Depois dos 25 ou 30 anos o sol já não é tão benéfico à pele).

CIRURGIA PLÁSTICA?

★ *SE VOCÊ deseja consertar um defeito ou uma deformação do nariz, do queixo, etc. não hesite em recorrer à cirurgia plástica, desde que possa apelar para um cirurgião competente. Não será sòmente o físico a melhorar, mas, em geral, se nota também uma melhoria psicológica, depois da operação.*

Como passar o rouge

A primeira condição para que o rouge esteja bem passado no rosto é que não seja notado. As bordas devem ser esbatidas de forma que não haja solução de continuidade. Se usar uma base, por baixo do rouge, isso será mais fàcilmente conseguido.

O rouge creme tem a vantagem sôbre os outros de se manter inalterado por seis a sete horas, mas, se sua pele é muito oleosa, é preferível que use o rouge em pó ou compacto.

Não é necessário que a côr do mesmo combine com seus olhos, ou sua tualete, escolha, antes, um rouge que vá bem com a tonalidade de sua pele e use-o em qualquer ocasião, carregando mais para a noite.

Para aplicá-lo (por cima da base e antes do pó de arroz) passe um pouquinho na palma da mão e espalhe, antes de passá-lo sôbre a parte do rosto onde deve ficar.

Eis alguns conselhos interessantes sôbre a aplicação do rouge, pontos importantes, nos quais deverá prestar atenção:



★ *PASSE o rouge sôbre as partes salientes do rosto, nunca nas concavidades, para que não pareçam mais profundas ainda.*

★ *NÃO passe o rouge nunca sôbre as rugas, isso apenas contribuirá para acentuar as linhas que você procura disfarçar.*

★ *NUNCA espalhe o rouge até à raiz dos cabelos, nem muito junto ao nariz.*

★ *APRENDA a disfarçar as irregularidades de seu rosto, passando o rouge de maneira conveniente. Um nariz muito proeminente ou um queixo saliente, podem ser disfarçados pela simples forma de aplicação do rouge.*

★ *FINALMENTE, evite tonalidades exóticas. Escolha uma côr entre o vermelho e o carmim, que pareça com o corado natural da pele de seu rosto.*

JÚLIA DE MILO

BANCO AUXILIAR DE SÃO PAULO S. A.

HISTÓRICO DE UMA DAS MAIS PODEROSAS ORGANIZAÇÕES BANCÁRIAS DO ESTADO BANDEIRANTE ★ NOMES DOS MAIS REPRESENTATIVOS DO PAÍS INTEGRAM A DIREÇÃO DO MODELAR ESTABELECIMENTO.

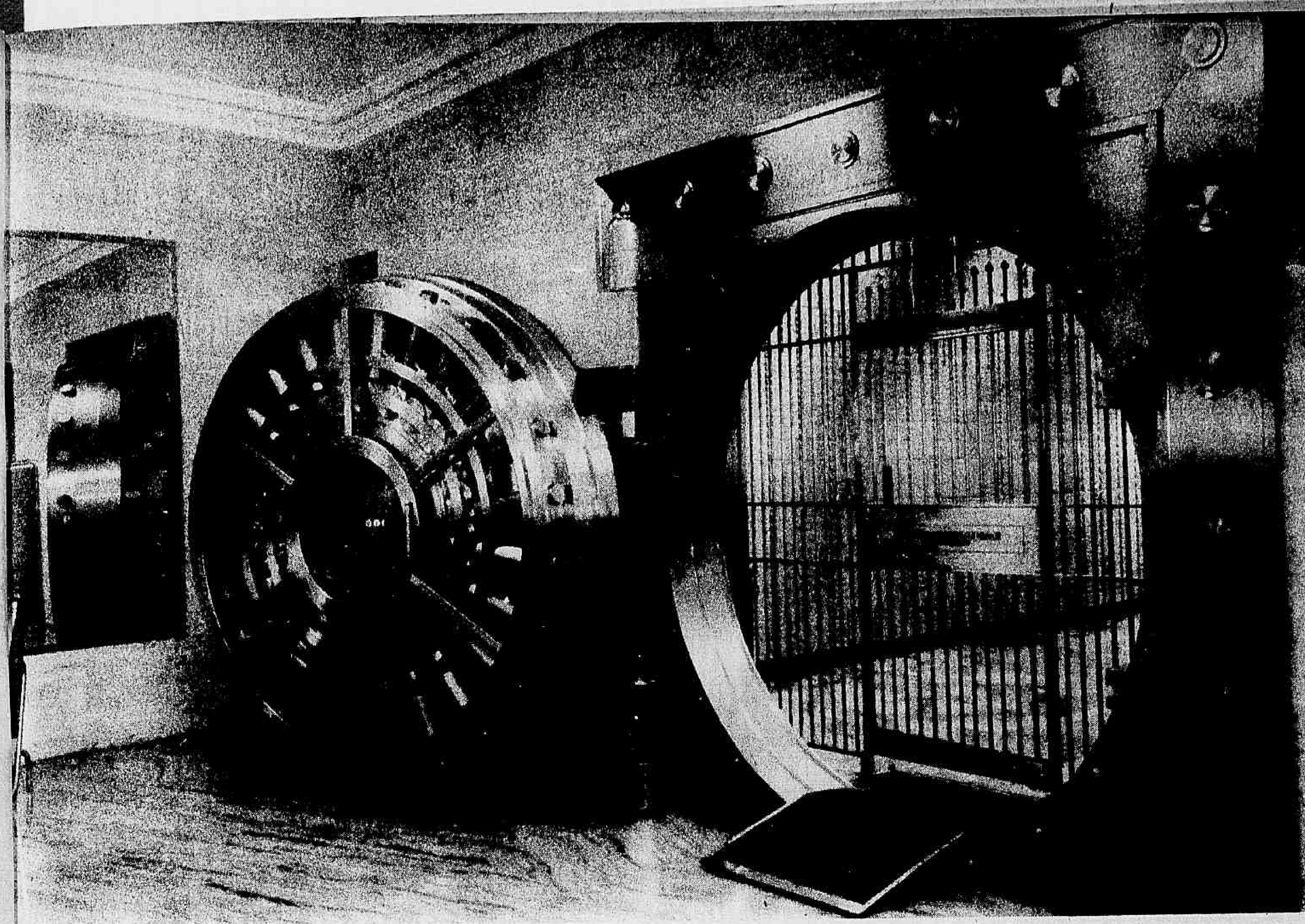


COMENDADOR ALBERTO BONFIGLIOLI, Diretor-Presidente do Banco Auxiliar de São Paulo S. A. E' um paladino das finanças nacionais.

QUANDO o Estado de São Paulo vem de comemorar o IV centenário de sua existência, oportuno será focalizar os baluartes de seu impressionante progresso e entre êles, sem dúvida alguma, figuram os estabelecimentos de crédito, à frente dos quais, ocupando um lugar de real destaque, encontra-se o BANCO AUXILIAR DE SÃO PAULO S. A. Sob a notável direção do Sr. Comendador Alberto Bonfiglioli, vem a conceituada organização trilhando os mais sadios rumos dentro do campo de suas atividades. É justo que se diga o que tem sido o progresso desta casa de crédito desde a sua fundação, em 1928, sob a denominação de CASA BANCÁRIA ALBERTO BONFIGLIOLI, cujo capital inicial era de cinco milhões de cruzeiros, grande quantia para a época, até transformar-se no poderoso BANCO AUXILIAR DE SÃO PAULO S. A., em 1940, com o capital já acrescido para 30 milhões de cruzeiros. Atualmente o BANCO AUXILIAR DE SÃO PAULO S. A. possui um capital de 90 milhões de cruzeiros, afora um patrimônio de incalculável valor.



EM MAGNÍFICO EDIFÍCIO PRÓPRIO, à rua Boa-vista número 192, em São Paulo, acha-se instalada a Agência Matriz do sólido estabelecimento.



A GIGANTESCA CASA-FORTE, construída de acôrdo com a moderna técnica, inspira tôda a confiança. E' a prova de incêndio e roubo.

OS mais destacados nomes das finanças do país constituem a diretoria do Banco Auxiliar de São Paulo S.A., como se pode verificar pelo que publicamos:

DIRETORES: — Presidente, Com. Alberto Bonfiglioli; Vice-Presidente, Rodolpho Marco Bonfiglioli; Gerente, Jorge Balduzzi.

DIRETORES: — Secretário, Renato Murari: Tesoureiro, Paschoal Hugo Sgueglia.

GERENTE: Rogério Laurito.

SUB-GERENTE: João Baptista de Andrade.

CONSELHO CONSULTIVO: Felício Lanzara, Francisco Matarazzo Sobrinho, Ibsen Ernesto Dante Ramenzoni, João Gonçalves, Paulo Storani, Paulo Trussardi, Rogério Giorgi, Romeu Trussardi, Serafino Fileppo Leto.

Sua matriz encontra-se situada na rua Boavista nº 192, em São Paulo, e suas agências estão distribuídas da forma que segue:

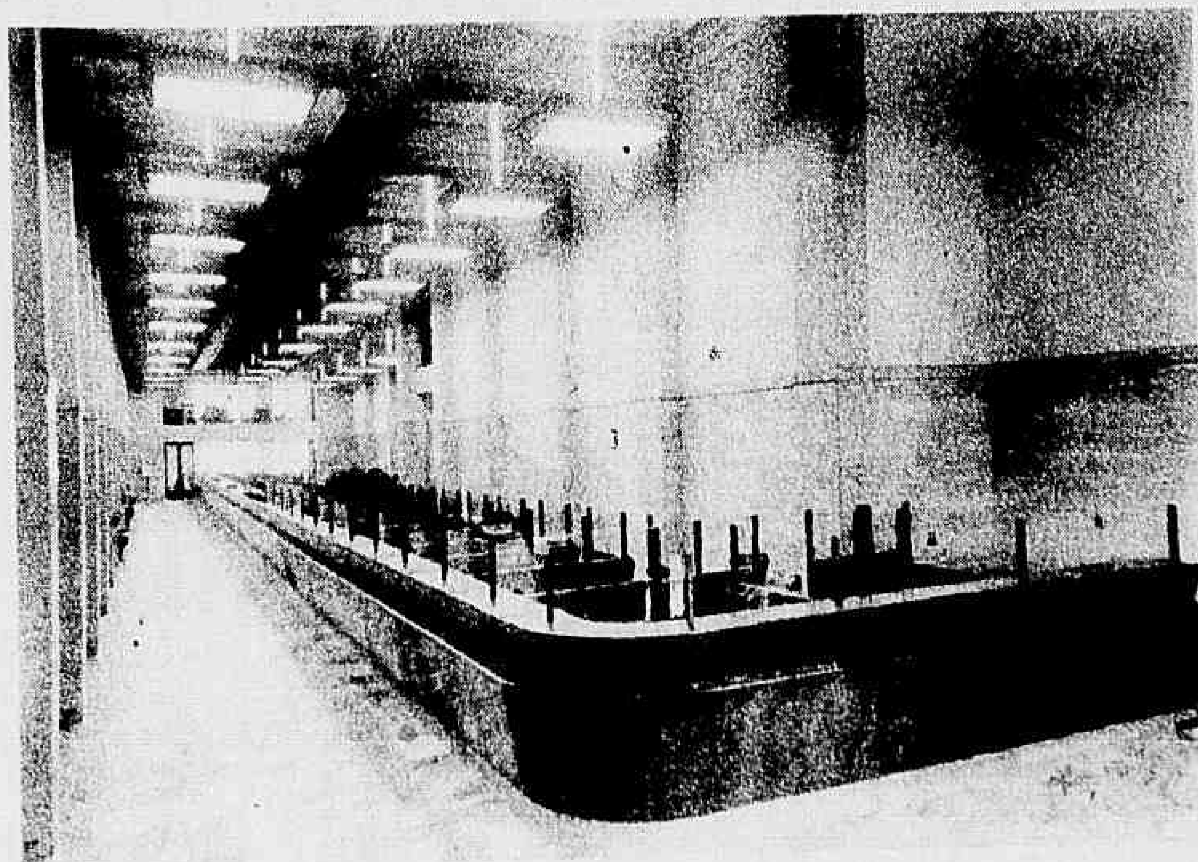
Êste título pode também ser pago em qualquer de nossas agências abaixo:

FILIAIS:

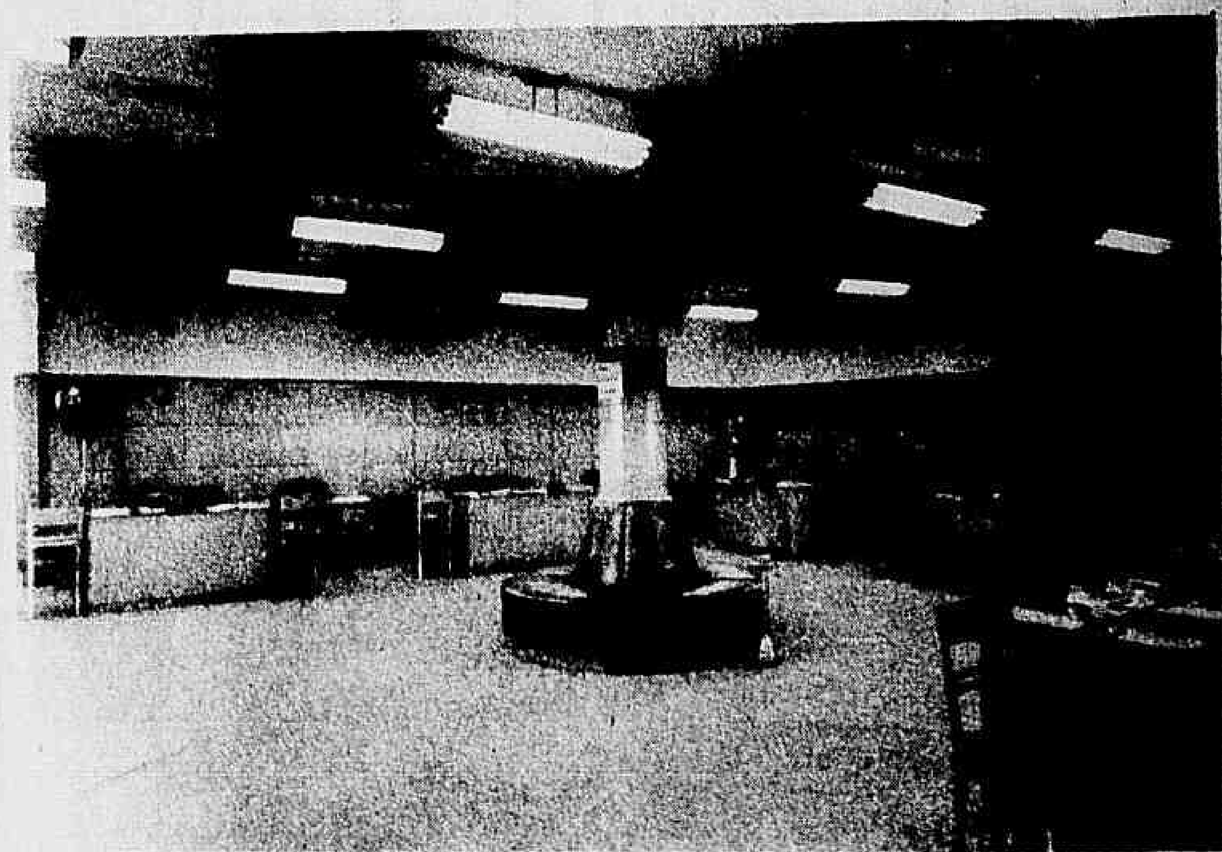
Rio de Janeiro, Rua 1º de Março, 13. — Santos, Praça da República, 22. — Judiaí, Rua Barão do Rio Branco, 378 — Santo André, Rua Cel. Oliveira Lima, 170. — São Caetano do Sul, Rua Manoel Coelho, 190.

AGÊNCIAS URBANAS — SÃO PAULO:

Bom Retiro, Rua Silva Pinto, 301. — Celso Garcia, Av. Celso Garcia, 1081. — Ipiranga, Rua Silva Bueno, 1275. — Lapa, Rua Clélia, 1769. — Liberdade, Rua da Liberdade, 886. — Luz, Rua São Caetano, 324. — Mercado, Rua Santa Rosa, 141. — Moóca, Rua da Moóca, 2373. — Osasco, Rua Antônio Angu, 155. — Penha, Rua Cap. João Cesário, 42. — Pinheiros, Rua Butantã, 226. — Rangel Pestana, Av. Rangel Pestana, 2166. — Sant'Ana, Rua Vol. da Pátria, 1511. — Santa Cecília, Av. Duque de Caxias, 136. — Santa Ifigênia, Av. Ipiranga, 1142. — Tatuapé, Rua Tuiuti, 2229.



VISTA INTERNA de uma das dependências do Banco Auxiliar de São Paulo S.A. Sua divisa é «Auxilium ad Incrementum». Um grande lema.



VISTA PARCIAL DA CONFORTÁVEL sala da Gerência. O moderno e vasto salão, decorado com sobriedade, é a última palavra sôbre confôrto.

Filhos sadios



As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua bôa disposição física lhes permite ser activas, espertas e bem-humoradas.

É, de facto, uma verdade incontestável que a inteligência, o espirito inventivo se desenvolvem mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Tôdas as pessôas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é patrimônio precioso, é indiscutível factor de êxito. Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vítima da inexperiência dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos, tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, **Ventre-Livre** é largamente usado pelas mães-experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais países onde penetrou.

Não esquecer nunca:
Ventre-Livre não é purgante

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.
Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.
Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.
A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

QUER SER ESCRITOR?



Livro indispensável aos que desejam iniciar-se na Literatura nacional.

•

Em tôdas as livrarias e pelo Reembôlso Postal, Editorial Andes, Largo da Carioca, 11 — Rio de Janeiro.
Preço: Cr$ 50,00.

Lidergrama

Nº 86

A	O rei dos animais (pl.) →	136	53	62	107	1		
B	Reparar; dirigir a atenção →	114	30	59	18	101	137	6
C	Recear →	4	44	24	116	145		
D	Mira; fim →	2	72	22	149	128	82	118
E	Recusar; abjurar →	26	78	60	105	99		
F	Realize a operação →	3	134	63	41	121		
G	Povoação superior a vila →	20	8	52	87	142	124	
H	Lesar; injuriar →	77	90	33	29	111	146	36
I	Figura; imagem →	25	34	103	73	112	144	
J	Localidades →	68	150	98	28	88	143	119
K	Ser humano (pl.) →	14	69	37	141	110	95	
L	Oculado →	10	108	96	16	35	138	67
M	Ousados; que têm audácia →	50	40	113	97	86	23	122
N	Mandou; deu ordens →	31	84	115	17	125	65	47
O	Têsa; rija; rigorosa →	11	48	139	61	120	81	
P	Os que não crêem em Deus →	42	9	133	109	57		
Q	Zêlo amoroso →	123	19	55	45	130		
R	Queimar; tostar →	79	92	131	100	58		
S	Inflamação do ouvido →	38	49	71	104	127		
T	Reter; prender →	126	15	76	135	7		
U	Socorreu →	75	147	83	132	12	91	
V	Fruto do cafeeiro →	27	56	106	70			
W	Relativos a ossos →	21	32	51	85	140	66	
X	Sobram →	74	89	64	129	94	46	
Y	Tens a ousadia →	13	102	54	117	43		
Z	Anteriormente →	93	80	148	5	39		

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Transportam-se depois para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

A 1	D 2	■	F 3	■	C 4	Z 5	B 6	T 7	G 8	P 9	L 10	O 11	U 12
Y 13	■	K 14	T 15	L 16	N 17	B 18	Q 19	G 20	W 21	■	D 22	M 23	C 24
■	I 25	E 26	V 27	J 28	H 29	B 30	N 31	W 32	■	H 33	■	I 34	L 35
H 36	K 37	S 38	Z 39	M 40	F 41	P 42	Y 43	■ ,	C 44	Q 45	■	X 46	N 47
O 48	S 49	M 50	W 51	■	G 52	A 53	■	Y 54	Q 55	V 56	P 57	■	R 58
B 59	E 60	O 61	A 62	F 63	X 64	■	N 65	■	W 66	L 67	J 68	K 69	■
V 70	■	S 71	D 72	I 73	X 74	U 75	T 76	H 77	■ ,	E 78	■	R 79	■
Z 80	O 81	D 82	U 83	N 84	W 85	M 86	G 87	■	J 88	X 89	H 90	U 91	R 92
Z 93	■	X 94	■	K 95	L 96	M 97	■	J 98	E 99	R 100	B 101	Y 102	I 103
S 104	E 105	■	Y 106	A 107	L 108	P 109	K 110	H 111	I 112	M 113	B 114	N 115	C 116
■	Y 117	D 118	J 119	■	O 120	F 121	M 122	Q 123	G 124	N 125	T 126	S 127	D 128
X 129	Q 130	R 131	■	U 132	P 133	■	F 134	T 135	A 136	B 137	L 138	O 139	W 140
■	K 141	■	G 142	J 143	■	I 144	C 145	H 146	U 147	Z 148	D 149	J 150	■

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 85 — ROMERO. HISTÓRIA DA LITERATURA. "Em seu acanhado círculo e romantismo brasileiro asilou os mesmos debates que o seu congênere europeu. Seu maior título, a meu ver, foi arrancar-nos em parte da imitação portuguêsa, aproximar-nos de nós mesmos

OS PAULISTAS FEDERAIS

PUXAM AINDA OS CARROS (AGORA MAIS CHEIOS), EMBORA LHES FALTE ENERGIA ★ A POLÍTICA, PARA ÊLES, É UM QUEBRA-CABEÇAS ★ E NÃO HÁ NA LÍNGUA PORTUGUÊSA ADJETIVOS QUE EXPRESSEM A SUA ADMIRAÇÃO PELA PRÓPRIA OBRA.

Reportagem de SÉRVULO DE MELLO

REALMENTE, os paulistas federais são quase todos. Depois que se inaugurou a «Rodovia Presidente Dutra», São Paulo ficou sendo um prolongamento do Rio ou o Rio um prolongamento de São Paulo, como querem os paulistas e com certa razão. Além do mais, em vários aspectos da vida brasileira, projetar-se em São Paulo é o mesmo que se fazer visto na Federação inteira. Na indústria, no urbanismo, nas artes, em tôdas as formas de um progresso solidário, cujo nível médio deixa longe qualquer outra unidade federada e até mesmo o Rio. Já se tem dito que é uma nação dentro do Brasil e isso, de certo modo, é verdade. Não que predomine em São Paulo o pensamento separista. Ao contrário, São Paulo quis ser sempre o Estado mais identificado com o complexo brasileiro. Mário de Andrade já o havia observado. E é daí que vem o orgulho paulista, principalmente dos paulistas de quatrocentos anos.

Acontece, todavia, que a civilização e a técnica crescem mais ràpidamente em São Paulo. O homem e a terra evoluem em maiores velocidades. E a despeito de todos os fenômenos desagregadores, dos reveses econômicos, da escassês de energia elétrica para atender a constante expansão do Estado, São Paulo continua sendo uma fôrça de vanguarda, uma esperança e um exemplo para o país. Infelizmente, porém, na língua portuguêsa, não existem adjetivos capazes de satisfazer aos paulistas, quando querem elogios para São Paulo. O meu primeiro contato com êles deu-se em 37, quando lutava em Minas Gerais pela candidatura do meu amigo Armando de Sales Oliveira, cujo desaparecimento interrompeu, realmente, por uns cem anos, a natural evolução da democracia no país, arrastando com êle o sacrifício de duas gerações.

Naquela ocasião, percorri a capital paulista em companhia de um universitário. Exclamava eu palavras de admiração e espanto diante da metrópole, de suas edificações e do seu movimento: Formidável, gigantesco, deslumbrante, assombroso, fantástico. Todos êsses vocábulos soavam irrelevantes aos ouvidos do meu companheiro. E êle sempre me retrucava: «Você ainda não viu nada».

A mesma experiência tive com políticos, gente do povo, homens de negócio e mulheres da sociedade. Os adjetivos são realmente pífios diante do que os paulistas pensam de São Paulo. Naquela época, achei os paulistas muito simpáticos, apesar de extrovertidos e bastante exagerados. Verifiquei, também, que não eram bons políticos. E essa idéia, até hoje, não se desfez no meu espírito. Lembro-me, a todo instante, que tudo o que existe no Brasil, atualmente, não agrada aos paulistas. Entretanto, foram precisamente êles os que mais contribuíram para o atual estado de coisas.

Os paulistas são homens de negócio e de indústria. Andam depressa pelas ruas e não se detêm nem mesmo para palestrar com um parente ou um amigo, que não vêem há 20 anos. Tempo e espaço é dinheiro para êles e se enquadram dentro dessa objetiva concepção. As mulheres paulistas são muito mais epicuristas. Aprendem muito, lêem, são cultas e adoram a arte, além disso, são «coquettes» e refinadas. Os homens se esfalfam para ganhar dinheiro, a fim de que elas possam ser as mais elegantes, cobrirem-se de jóias deslumbrantes e de refinamentos vários. E é assim, sempre, o paulista. Não se modifica em parte alguma, em Paris, no fundo de Mato Grosso ou no Rio. Traz sempre indeformáveis as características de sua valente personalidade.

ADEMAR DE BARROS



O tisiologista Ademar de Barros nasceu em Piracicaba, mas diz que é de São Manoel. Foi uma criança trêfega e peralta, que matava passarinhos, saltava quintais alheios e pregava peças nos mais velhos. Sua vida de preparatórios não foi menos ruidosa e só como universitário de medicina tomou jeito. Mesmo assim, dizem que ficava noivo com uma facilidade espantosa. Contudo, foi um aluno brilhante e dominou, com êxito, a sua especialidade — a tisiologia. Antes de engordar, aperfeiçoou-se em clínicas européias. E tudo ia muito bem assim, se não fôsse a política. A ditadura colocou-o no Govêrno de São Paulo. À sombra da ilegalidade, progrediu e, enquanto São Paulo crescia por si mesmo, êle crescia também. Criou a maior rêde de bicheiros, cassinos e «bookmakers» do país. A par disso, teve iniciativas de grande vulto e instituiu a «caixinha». Com ela elegeu-se Governador e durante o Govêrno Dutra, administrou com um punhal pelas costas o sr. Noveli Júnior. Estêve bastante desorientado e entregou-se a estranhas fantasias, ao espiritismo e à astrologia, acreditando-se em certa época, depositário do espírito de Pedro I.

Afinal, chegou a época da forra. Aderiu de novo a Getúlio e o elegeu presidente constitucional da República, dando-lhe um milhão de votos só em São Paulo. Também colocou no Govêrno do Estado o professor Garcez. Mas quis continuar governando e intervindo nos negócios de São Paulo, inclusive protegendo os seus bicheiros e «bookmakers» contra a polícia paulista. Tensas as relações até o limite máximo, deu-se, como se esperava, a rutura. E hoje, Ademar é o mais feroz inimigo do seu antigo secretário.

Está, porém, em marcha para o Catete. Distribui enxadas com a sua efígie, organiza expedições, e pôs a funcionar, desde longa data, a sua máquina eleitoral.

Há quem estime a sua fortuna em dez bilhões de cruzeiros, um quarto do orçamento da República! Pessoalmente, o sr. Ademar de Barros é um homem bem humorado, conta anedotas e não dispensa a companhia do psiquiatra Lopes Rodrigues. Há poucos dias, durante uma recepção da Legação da Síria, fêz um grande sucesso. Já tem traçado o seu programa de govêrno e até o seu gabinete, do qual fará parte, dizem, o sr. Getúlio Vargas, caso êste o apoie na grande empreitada. Vamos ver.

OS PAULISTAS FEDERAIS



LUCAS GARCEZ

O professor nasceu em Queluz. Não pretendia ser político. Armaram-lhe, porém, uma cilada. E eis que Lucas entrou na engrenagem e dela não conseguiu mais sair, apesar dos sinceros esforços que fêz nesse sentido. É engenheiro e especialista em hidráulica. Por isso mesmo, sofre com mais intensidade a tragédia da energia elétrica em São Paulo. De costumes severos é também profundamente católico. Por esta razão, envelheceu muito no Govêrno. Os desgastes da consciência e da sensibilidade, as lutas morais, o contato com a corrupção e o respeito à fidelidade tudo isso constituiu um drama para o professor que lhe deu cabelos brancos e chegou a comover o povo paulista.

Depois de secretário do Govêrno Ademar de Barros, foi eleito governador de São Paulo, o que vale dizer que foi guindado à mais alta posição política no seu Estado sem ter ainda quarenta anos. Em conseqüência de injunções criadas nos quadros administrativos da Nação, passou a polarizar os acontecimentos e as atenções, não havendo, todavia, até agora, tomado qualquer decisão transcendente em relação aos rumos políticos do país, limitando-se, tão sòmente, à obra de regeneração dos costumes na vida pública de São Paulo, o que, evidentemente, não é pouco.

Lucas Nogueira Garcez contou, sem dúvida, com grandes chances na política e tem sido apontado como um dos candidatos em potencial à presidência da República. Como todo paulista, não é bom político, no sentido em que a política é tomada no Brasil. Escrúpulos e vacilações o impedem de ir em frente e é possível que, por ser bom e honesto, seja passado para trás, com pesar para São Paulo e para satisfação dêle próprio, pois não se cansa de anunciar o seu desejo de voltar à cátedra.



MACHADO NETO

Ex-deputado estadual, ex-presidente da Assembléia Legislativa do Estado e atual presidente da Confederação Nacional do Comércio. Jornalista, orador e conferencista além de campeão de tênis e golfe, pilôto de aviação e «businessman».

Descende do velho Brasílio Machado pelo tronco paterno, pois é filho de Alcântara Machado, senador, autor do projeto da Constituição de 34 e acadêmico da Academia Brasileira de Letras.

Brasílio Machado Neto é um homem aflito. As contingências materiais que retardam a ação, êle as procura dominar e quer tudo com velocidade e com perfeição. Coisa realmente difícil no Brasil. Toma avião com a mesma facilidade com que tomamos um táxi para almoçar em Copacabana. Com a diferença que êle vai almoçar em casa, em S. Paulo, ou no Automóvel Clube, da mesma cidade. E duas horas depois, está de volta. Quando presidente da Assembléia de São Paulo, abria as sessões impreterìvelmente às 14 horas. Se não houvesse número legal, dava por encerrado o expediente. Os deputados, ao cabo de algum tempo, entraram na linha.

À frente da Confederação Nacional de Comércio, do SESC e do SENAI, empreendeu uma obra modernizadora daquelas instituições, ampliando enormemente as atividades dêsses órgãos nos setores educacional, econômico e político. Teve papel saliente nas Conferências de Araxá e Teresópolis e representou o Brasil, recentemente, na Conferência Internacional do Comércio.

Defende, em economia política, o primado da livre emprêsa e acredita que nisso está a salvação do país.



ELSIE LESSA

A brilhante cronista de «O Globo» é paulista, apesar de muita gente tê-la como carioca. Suas raízes, porém, estão em Minas, na cidade de Sabará, onde nasceu o seu avô Júlio Ribeiro, autor do primeiro romance realista brasileiro — «A Carne». Diga-se realista obedecendo a uma classificação acadêmica vazia de conteúdo. Na verdade, Júlio Ribeiro é uma espécie de David Herbert Lawrence brasileiro e fazer romance como Lawrence não é ser realista, é ser íntimo da natureza e poeta dos instintos. Mas isso não vem ao caso. A nossa Elsie herdou talvez do avô a precisão da linguagem e o gôsto pelo o humano. Não invade as camadas subterrâneas do sexo e do pecado, mas transita, estival e alegre, entre as glórias e as misérias da vida. É realmente uma cronista do seu tempo, usando um estilo ágil e colorido para os fatos do cotidiano. Elsie adora viajar. Detesta assinar pontos e horários fixos. Escreve a máquina com uma velocidade espantosa e emenda pouco os seus originais. É, também, uma excelente repórter e escreveu um belo livro de reportagens intitulado «Os caminhos do Mundo». Elegantíssima, gosta também da vida mundana e tem um filho de 17 anos que parece apenas seu irmão mais moço. Nasceu Elsie na capital paulista e nutre pela sua cidade uma grande exaltação.



JÂNIO QUADROS

(PAULISTA DE MATO GROSSO)

CERTA vez, num bairro proletário de São Paulo, o atual prefeito Jânio Quadros interrompeu um discurso, de estilo messiânico e objetivo a um só tempo, para ir comer algumas bananas na quitanda da esquina. A gola do seu paletó estava polvilhada de caspas e a sua gravata, uma tira preta comprida, flutuava ao vento juntamente com a sua cabelereira desnastrada. Espetáculos semelhantes repetiram-se pelas ruas da cidade e atraíam o povo, a princípio pela curiosidade, depois com o eco de inquietação e revolta popular. Finalmente passaram a constituir uma esperança. Nesta altura, Jânio Quadros se tornou líder do tostão contra um milhão. Vinha munido apenas de audácia, coragem e sabedoria interpretativa da conjuntura social e política que o cercava.

O povo o elegeu contra os políticos, os partidos e o próprio Govêrno. Foi, desta forma, símbolo de uma rebelião da consciência coletiva. Deram-lhe uma vassoura e a Prefeitura. E até agora êle tem usado bem a vassoura. Não conhece injunções, nem imponderáveis que possam acobertar a corrupção, a dissipação, os negócios escusos, a ladroeira enfim. E a sua popularidade vai crescendo, o seu verbo e a sua vontade de realizar e acertar.

Até onde irá Jânio? «Até o Catete», respondem alguns.

HORÁCIO LAFER



NINGUÉM está mais em dia, no Brasil, com a evolução do pensamento filosófico moderno, do que o ex-presidente da Comissão de Finanças da Câmara na legislatura passada e ex-ministro de experiência do atual govêrno. Ninguém possui nesse país tão prodigiosa coleção de gravatas como Horácio Lafer. Trata-se de homem de sociedade, que se veste excepcionalmente bem, movimenta e aprecia a conversação inteligente.

De origem judaica, ainda hoje freqüenta a Sinagoga e impulsiona negócios realmente fabulosos. Tem, todavia, as boas virtudes do paulista e alguns dos seus defeitos. Quando ministro da Fazenda, tinha realmente um plano e êsse plano era bom. Pena é que, ao mesmo tempo, Lafer não seja tão bom político. Sucedeu com êle o que fatalmente não sucederá ao sr. Osvaldo Aranha, que não tem planos pròpriamente, não entende tanto de finanças, mas conhece os homens de 30 e o complexo atual da política brasileira.

O Brasil ainda não comporta a administração olímpica, o esquema, o racionalismo. Há sempre que «dar um jeitinho», transigir, diluir-se, enfrentar o trapézio e o trampolim. E a verdade é que Lafer não soube fazer nada disso.

F. MIGNONE



ENTRE os músicos brasileiros que alcançaram repercussão internacional, está Francisco Mignone, que nasceu em São Paulo, a 3 de setembro de 1897. Estudou no Conservatório Dramático e Musical da Paulicéia e aperfeiçoou-se, mais tarde, em Milão. Além de compositor, Mignone é também pianista e regente. Sua primeira obra foi a ópera «O Contratador de Diamantes». A ela se seguiram composições para piano, orquestra, sobressaindo-se, entre elas, as de ritmo afro-ameríndio, «Congada», «Cateretês», etc., muito elogiadas pelo inesquecível Mário de Andrade.

Há, também, no seu repertório, a muito amada «Valsa Suburbana». Casou-se Mignone com a senhora Lídia Chiafareli, pianista e professôra de piano, filha, por sua vez, do velho Chiafareli.

Certa vez, antes da guerra, Mignone regeu a Orquestra de Berlim, para um auditório onde se encontrava, entre outros, um homem chamado Adolf Hitler.

CÉSAR LADEIRA

O «radio-man» César Ladeira ganhou notoriedade durante a Revolução Paulista de 32. Depois disso, brilhou, ainda por muito tempo, na Mayrink. Transformou-se, depois, em produtor, dono de «boite» e da Rádio Relógio Federal, e casou-se com a «vedette» Renata Fronzi.

Os técnicos consideram-no o melhor timbre de voz do rádio brasileiro. O público, porém, cansou-se um pouco dos seus derramamentos e da declamatória. Homem de iniciativa, já prevendo o declínio do estrelato, invadiu outros setores de atividade, como administrador e empresário, mas sempre de envolta com os anúncios, as orquestras, as mulheres e o próprio rádio.

PINGA



DURANTE muito tempo, integrou o quadro da Portuguêsa de Desportos, em São Paulo. Foi o grande artilheiro dos campeonatos paulistas em 51 e 52. Jogador do selecionado brasileiro, e é atualmente o «homem-goal» do Vasco da Gama. Está, presentemente, levando a palma de Ademir. É tido, também, como o «crack» mais cavalheiro nos gramados do Rio e, por isso mesmo, tem sido vítima dos maus elementos.



WASHINGTON LUÍS PEREIRA DE SOUSA

O fato de ter êle nascido em Macaé não o despoja de tôdas as virtudes e defeitos dos paulistas, muito menos das virtudes. Orgulhoso e teimoso, o ex-presidente da República é também um símbolo de dignidade. Contou-me, certa vez, o seu ministro da justiça, Viana do Castelo, que, poucos dias antes de rebentar a Revolução de 30, teve o cuidado de reunir todos os elementos comprabatórios da sedição e, em seguida, redigir o decreto de intervenção em Minas. Uma vez consumada esta, daria cabo da bambochata, antes que esplodisse. Levou o texto e a justificativa ao presidente, mas êle, obstinadamente, recusou-se a assinar, dizendo que não violaria a ordem legal em qualquer parte do país, muito menos em Minas. Note-se que Viana do Castelo era mineiro. E assim como não quis violar a soberania dos Estados, também resistiu, até o último instante, prendendo generais e os repreendendo dentro do Catete, quando êstes foram depô-lo ou simplesmente convidá-lo a deixar o Poder. Teria dito mesmo ao general Tasso Fragoso: «Com que autoridade? Considere-se prêso e destituído. O senhor deveria ter aprendido no colégio qual é a função do Exército, já que lhe falta lealdade. Retire-se!» E teria morrido dentro do Catete, não fôsse o dramático apêlo do cardeal D. Leme para que fizesse cessar, em nome de Deus, o sangue a derramar-se naquela luta fraticida.

Washington Luís foi valente e legalista, desde o princípio de sua carreira. Recorda-se que, na qualidade de promotor público em Batatais, costumava enfrentar criminosos, para dar exemplo e encorajar a polícia. Quando secretário da Justiça em São Paulo (1921), prendeu, de uma feita, um quartel inteiro da Fôrça Pública, que entrou em revolta. Foi pessoalmente ao quartel, destituiu o comandante, substituiu os oficiais e regressou tranqüilamente à sua casa.

Como governador de São Paulo, a par da elegância, brilho mundano e do seu Govêrno, deu inúmeras provas de bravura pessoal.

Na presidência da República não foi nem menos elegante nem menos bravo. Lutou desesperadamente pela Estabilização e adotou o «slogan» de que «governar é abrir estradas». Coisa que de fato realizou, na medida das possibilidades de sua época. Exilado na Europa, só regressou ao Brasil depois que o viu restituído à ordem legal. A história veio provar, muito cedo, que os homens que o substituíram no poder fracassaram completamente. E que as conquistas da Revolução eram apenas do tempo e não dos homens, que ainda agora, se revelam os mesmos, com maiores defeitos ainda, sobressaindo-se, não raro, em vulgaridade e cafagestismo. Casou-se Washington Luís com d. Sofia de Barros, filha da Baronesa de Piracicaba e tem quatro filhos: Rafael, Maria, Caio e Victor. Vive, hoje, em São Paulo, no Jardim América, gosta de plantas e é otimista com relação ao futuro do país, desprezando apenas os homens que ainda o governam. Possuiu o mais bem feito cavanhaque do seu tempo e em sua homenagem foi fabricado o «whisky» «President».

VERDADEIRA CORÉIA, O CAMPEONATO DA CIDADE

OS MÉDICOS TIVERAM MAIS TRABALHO QUE OS TÉCNICOS

MENISCOS ARRANCADOS, PERNAS QUEBRADAS, LUXAÇÕES PERIGOSAS, TALHOS NO SUPERCÍLIO, ETC., MARCARAM DE SANGUE (E ALGUMA DOR) AS MAIORES BATALHAS FUTEBOLÍSTICAS DE 1953 ★ MAS O AZAR DE MUITOS FAVORECEU O APARECIMENTO DE NOVOS "CRACKS".

Reportagem de LEVI KLEIMAN

NUNCA os médicos especializados em medicina esportiva tiveram tanto trabalho como na temporada do ano que passou. Foi um tal de operar menisco, que esta intervenção cirúrgica que consiste na extração do joelho do septro fibro-cartilaginoso tornou-se banal, corriqueira no noticiário esportivo dos jornais e revistas. Inúmeros foram os «cracks» que ficaram meses a fio nos «estaleiros» dos clubes. Na gíria futebolística diz-se que quando um jogador se machuca e vai para o departamento médico, que êle foi recolhido ao «estaleiro» a fim de ser consertado pelos bambas em traumatologia, e não existe campo melhor para um esculápio desenvolver seus conhecimentos sôbre contusões do que o setor dos chutes de bola.

Dizem que esta série de contusões resulta da baixa do rendimento técnico dos times, que passaram a usar de mais violência para poderem romper os sistemas defensivos sòlidamente armados pelos catedráticos do futebol. Justamente o que caracterizou a temporada de 53 do futebol metropolitano, foi a seqüência de baixas nas fileiras dos principais clubes, a ponto dos jornais criarem uma seção inédita: A VÍTIMA DA SEMANA. Muitos foram os «astros» de primeira grandeza que tiveram de ficar inativos por muitas semanas, alguns por acidentes em jogos, outros em treinos, e vários porque foram operados para melhorar de produção.

O Vasco em certa altura do campeonato, transformou-se num autêntico hospital, daí afirmarem os seus mais renitentes torcedores o ponto de classificar-se nos turnos de classificação porquê da baixa de rendimento do time, a ção em quarto lugar, com um recorde de sete empates, dos quais seis consecutivos. Diziam até que houve «trabalho» nos terreiros da macumba contra o time de Flávio Costa. O azar perseguia em tôdas as rodadas o ex-preparador do Flamengo, e os «despachos» deviam ser obra de rubro-negros contrariados com a saída do técnico. A lista de «cracks» afastados dos gramados aumentava de semana em semana, e no lugar dos «donos» das posições foram surgindo novos valores que dificilmente apareceriam nos primeiros times tão cedo.

O que esta reportagem vai apresentar são os que tiveram o «azar» de parar e os que tiveram a sorte de jogar, de conseguir um lugarzinho ao sol futebolístico, num elenco em que não podem atuar mais do que onze artistas da pelota, e os que estão no elenco principal dificilmente cedem o seu lugar. Só com a cabeça rachada ou com a perna quebrada, ou quando o técnico não vai com a «cara» do jogador. Aí estão alguns dos «astros» do AZAR e da SORTE:



ERNANI, **inúmeras vêzes campeão carioca da categoria de aspirantes, esperou vários anos pela grande oportunidade de figurar no arco vascaíno, porém não foi feliz porque num jôgo contra o Fluminense, pelo Rio-São Paulo, saltando para deter uma cabeçada de Marinho, caiu de mau jeito, batendo com o crâneo no chão. Foi parar no Pronto Socorro e desde então as suas atuações não se caracterizaram pela mesma firmeza com que defendia o arco dos aspirantes, motivo pelo qual o segundo reserva...**



OSVALDO **teve a sua chance de figurar no arco da Cruz de Malta. O popular «Baliza» não estava de bem com o Botafogo por questões financeiras. O alvi-negro ficou zangado com o seu esguio arqueiro, pois êste se negara a acompanhar o time ao Uruguai, sem contrato. O jogador tinha as suas razões porque sem garantias receava uma contusão que o afastasse das atividades. De fato, a Copa Montevidéu foi bem quente. O seu passe fôra pôsto a venda. De repente aconteceu o acidente com Barbosa e o Vasco contratou-o para a suplência de Ernani.**



CARLYLE, o irriquieto centro avante mineiro, que fôra o artilheiro-mor do campeonato de 51 pelo Fluminense, e que depois de atuar em 52 pelo Santos e pelo Palmeiras, viera tentar mais uma vez o futebol carioca. Quis retornar ao tricolor, mas um plebiscito feito entre os sócios fechou-lhe as portas de Álvaro Chaves. Parecia estar liqüidado no futebol metropolitano, quando Gentil, precisando de um jogador de sua marca, lutador, desbravador de defesas, convidou-o para treinar. Êle aprovou cem por cento. Gentil repetiu a frase de 46 no Fluminense: «Com Ademir levantarei o campeonato». Assim aconteceu. «Dêem-me Carlyle e eu conseguirei o título». O Palmeiras, detentor do seu passe, queria vender a sua transferência por 400 mil cruzeiros e o Botafogo negou-se a pagar esta quantia. Acabou sendo emprestado por uma temporada e sua inclusão no comando do ataque alvi-negro veio dar nova vida ao time. Carlyle ficou sendo dono da posição. Êle, que era um «crack» temperamental, melhorou dos nervos e obedece à risca as ordens de Gentil.



ZIZINHO, o mestre Ziza, como é mais conhecido o extraordinário meia bangüense, é a grande «estrêla» da companhia empresada por Guilherme da Silveira. As suas impressionantes atuações pelo time da fábrica de tecidos lograram transformar o Bangu em ZIZINHO FUTEBOL CLUBE. Uma velha contusão obrigou-o a ir para a mesa das operações extrair o menisco. Resultado: o Bangu passou de mal a pior enquanto Zizinho estêve convalescendo, e se não fôsse o seu rápido retôrno, talvez o time suburbano não tivesse se classificado para o turno final. Dificilmente poderá se dizer que outra figura tomou conta do seu lugar enquanto estêve no «estaleiro», mesmo porque êle é insubstituível, apesar de que os entendidos apontem o meia Décio como o que melhor aproveitou a chance da ausência do mestre Ziza.



CASTILHO, considerado o melhor goleiro do Brasil, dono da «leiteria» do Fluminense, porque faz defesas impossíveis, uma edição melhorada do grande Batatais, que durante várias temporadas foi o dono do arco tricolor, é o tipo do jogador profissional com alma de amador quando se trata de impedir que os avantes contrários acertem no seu arco. Melhorando de rodada em rodada, de campeonato em campeonato, parecia que sòmente a velhice o retiraria da posição. Um dia precisou de extrair o menisco e então surgiu a grande oportunidade esperada por . . .

●

VELUDO, goleiro campeão carioca de juvenis e aspirantes, a sombra de Castilho, considerado o reserva de passe mais caro do futebol nacional, porque o Fluminense mesmo não o escalando no time principal recusava-se a vender o seu passe. Outros clubes insistiram em contratá-lo, e o tricolor pediu um milhão de cruzeiros. Jogando no time efetivo, Caetano da Silva pôde demonstrar as grandes qualidades que possuía, a ponto de herdar, também, o apelido de «leiteiro». Ganhou um lugar ao sol e vai revezar-se com Castilho na defesa do arco tricolor.



VERDADEIRA CORÉIA, O CAMPEONATO DA CIDADE



ADEMIR, o jogador mais caro do futebol nacional, tem jogado tão poucas vêzes nas últimas temporadas, que as suas entradas em campo valem verdadeiras fortunas. Ùltimamente o seu rendimento baixou muito em face de várias contusões, e êle que tinha tanto pavor em enfrentar um bisturi resolveu extrair o célebre menisco. O homem do «rush» enquanto estêve afastado das canchas possibilitou a vários jogadores uma esperança de estrelato. Assim na sua ausência galgaram as escadas do primeiro time, Vavá, centro-avante dos aspirantes e Alvinho, que veio do futebol mineiro em busca do Eldorado carioca.



JADIR era o dono da asa-média-direita do Flamengo até o dia em que se contundiu num treino coletivo na Gávea. O interessante é que os defensores do rubro-negro não se machucam nos jogos, as baixas se verificam nos ensaios de conjunto, o que vale a dizer que os treinos de Solich são mesmo puxados, mais reais os ensaios do que os próprios espetáculos. Na falta de Jadir, o Flamengo procurou contratar no interior paulista o jogador Servílio, irmão do famoso centro-médio Brandãozinho. O defensor paulista mostrou ser tão bom quanto o efetivo Jadir.



ZÈZINHO. O jovem centro-avante do Botafogo foi efetivo durante muitos anos da equipe do «come e dorme» do clube da rua General Severiano. Os «come e dorme» são os jogadores da reserva, os «tapa-buraco». Atuam um dia no time de aspirantes, outra vez no quadro principal, ficam meses e meses na cêrca e nunca melhoram de situação. Mas o atacante capixaba tinha pinta, faltava apenas quem lhe reconhecesse as qualidades e êste ano apareceu Gentil Cardoso para lhe dar um lugar ao sol. Zèzinho agarrou a oportunidade com unhas e dentes e foi marcando «goals» e mais «goals», demonstrando que foi o grande esquecido pelos técnicos anteriores. Mas logo na primeira rodada, no jôgo contra o São Cristóvão, aos 3 minutos de jôgo, Zèzinho, ao saltar para cabecear um centro de Mangaratiba, chocou-se com o goleiro Hélio e foi pôsto K. O. Os vascaínos disseram «aqui se faz, aqui se paga», Zèzinho pusera Barbosa fora de combate, e acabara sendo vítima de outro goleiro. Um choque o pôs fora de combate por muitas rodadas, e Gentil Cardoso ficou desesperado com a perda de um elemento tão precioso, quando surgiu...



BARBOSA, várias vêzes campeão carioca pelo Vasco da Gama, goleiro de renome internacional, foi pôsto fora de ação numa peleja contra o Botafogo, pelo Torneio Rio-São Paulo. Ao tentar uma defesa contra um ataque alvi-negro chocou-se com o centro-avante Zèzinho, ficando com a perna partida. Uns afirmam que foi pura casualidade, enquanto outros dizem que foi maldade do centro capixaba do Botafogo. O capitão Augusto do time cruzmaltino chegou a incriminar em pleno Maracanã o técnico Gentil Cardoso por ter ordenado jôgo violento. Serenados os ânimos o próprio goleiro achou que tudo não passou de casualidade. Barbosa teve a sua perna consertada no Hospital dos Acidentados, não viu a côr da bola durante seis meses, e agora está reiniciando o seu treinamento. Êle, que tinha um lugar certo na seleção brasileira, não poderá formar na seleção nacional à Copa do Mundo, a fim de vingar-se do revés de 50. Ainda levará muito tempo para recuperar a sua antiga forma. Com o claro abêrto por Barbosa na meta do clube de São Januário subiu ao onze principal o seu reserva...

NOVE PEQUENAS PARA UM RAPAZ

Por MICHEL DUCHEMIN

Tradução de SÍLVIA JAMBEIRO

— Vamos cear naquele restaurante, onte estivemos hoje (revela Nicole entusiasmada) e depois poderemos dançar um pouco.

Mas eu, com voz firme, garanto que não estou disposto a dançar.

— Você não pode fazer isso, Michel. Convidamos todos os estudantes aqui da casa, sim, muitos rapazes!

— Nem que o marechal Tito, em pessoa, me implorasse eu não cederia. É uma loucura ir dançar agora. A que horas sairemos?... E temos de pegar o vapor às cinco horas! Então não se dorme?

— Sim, é verdade. Nada de dormir. Já dormimos bastante.

— É, mas eu não dormi.

— Você dormirá no vapor.

— Na viagem de vapor há uma vista que não perderei por todo o ouro do mundo. Não vim aqui para dançar de noite e dormir no vapor. Melhor andar de cabeça para baixo.

Nicole me diz, amàvelmente, que tudo se arranjará certamente e ela espera que eu possa dormir ainda um pouco esta noite. Nisto, chega Léna, encantadora num vestido rosa que lhe vai muito bem e modela o seu corpo perfeito.

— Então, Michel! Está pronto para dançar um bocado?

Não consigo, senão, articular umas palavras formais e corro para o quarto.

— Afinal (penso eu, vestindo o meu melhor terno) não é má de tôda a idéia de ver como dança esta gente aqui.

★

A base do arranha-céu emergia das sombras e o tôpo se confundia com o céu daquela noite estrelada, a pista de dança estava em penumbra. Conduzidos pela mão firme de Léna, que devia ter encomendado mesa para nós com semanas de antecedência, finalmente nos instalamos nas confortáveis poltronas de vime. Atrás de nós, atrás da sacada florida o pôrto de Rijeka cintilante com tôdas as suas luzes, havia em tudo um ar de «night-club» elegante que nos fazia sonhar. Se alguém me mostrasse ali o Empire State ou o Rockfeller Center ou me convidasse para um banho de mar noturno em Copacabana não me espantaria. Tôdas as mesas estavam ocupadas, jovens em mangas de camisa, sem gravata e cavalheiros impecáveis de camisa branca e gravata de laço a rigor; eu, modestamente, estava nesta categoria. A orquestra era bem boazinha. No momento o bateria fazia um solo em surdina, lembrando o rufar de tambores numa aldeia longínqua... de repente um «boogie-woogie» violenta rebenta em nossos ouvidos, ficamos meio sufocados; ninguém esperava aquilo. Era preciso aproveitar a ocasião e estendo a mão a Colette.

— Vamos...?

Ela se levanta, depois hesita:

— Vamos esperar um pouco... ninguém está dançando ainda...

— Se todos pensarem assim vamos esperar muito. Vamos, Colette, não podemos perder esta.

Desta vez eu devia ter escutado o conselho feminino, pois nos encontramos sós no meio da pista de dança. A princípio fiquei um tanto acanhado, pois nem preciso dizer que todos os olhares se concentraram em nós com interêsse.

— Vamos desistir (suplica Colette) não posso me exibir assim...

Digo-lhe, então, que a reputação da França está em jôgo e desistir agora seria traição. E depois, quem inventou a idéia de vir dançar não fui eu. Mas já que vim: dancemos.

— Mas por que se vinga em mim? (diz ela numa voz suplicante, que comoveria o mais cruel carrasco).

Mas aí eu já começara: atiro Colette para longe, faço-a girar cinco ou seis vêzes e puxo-a até mim com ritmo e precisão de um jogador de «base-ball». A orquestra é realmente ótima e tem um compasso contagiante que entusiasmaria Panassié. Devo confessar que na minha juventude, isto é, lá para 1943 e 1945, eu despertava admiração e delírio com minhas danças estonteantes. E escandalizava as senhoras puritanas com meus passos acrobáticos. É verdade que num café em Saint-Germain a assistência me olhou com desdém, mas aqui os iugoslavos não eram tão exigentes. Colette empalidecia a olhos vistos, mas acompanhava, com precisão admirável, os meus passos e foi realmente uma delícia dançar aquêle «boogie-woogie» com ela. Bruscamente segurei-a pela cintura e fiz com que executasse um salto arriscado, mas ela se saiu bem. O trumpetista animou-se e parecia insuflar no nosso ouvido estímulo para novas proesas em notas estridentes e o bateria se sacudia todo feliz e animado usando tôdas as peças do seu instrumento; num clube do Harlem naquelas alturas todos estariam marcando o compasso com palmas para animar, mas ali o pessoal assistia interessado, porém estático de espanto.

Naturalmente não fica muito elegante que eu esteja aqui elogiando meus próprios feitos como um general que escrevesse nas próprias memórias: atacamos ao amanhecer e a estratégia inteligente que eu inventei durante a noite foi um sucesso! Enfim, se fôssemos dois rapazes naquele grupo turístico eu teria atribuído todo o êxito ao outro. Eu poderia, também, ter inventado um francês imaginário para dançar com Colette aquêle «boogie-woogie», mas é um pouco tarde e devo ser sincero ainda que a minha natural modéstia sofra com isto.

E a cena acabou sob uma ovação ruidosa e sincera, que uma estenodatilógrafa da Câmara descreveria como: aplausos vivos de todos os bancos da assembléia.

A orquestra resolveu descansar e nós também. Françoise pôs a mão na testa de Colette, que se sentia meio morta de fadiga e de susto. Eu recebi felicitações de tôdas as minhas meninas, com o ar modesto do cavalheiro que sem querer tirou a sorte grande na loteria.

Então a orquestra começou um tango dolente, daqueles que os iugoslavos conhecem o segrêdo. As pequenas se agruparam à minha volta excitadas e alegres. Convidei Léna desta vez. Ela dança como num sonho, dançar um tango com Léna é partir para o país do sonho sem saber até onde chegar. Sem querer, piso no pé de uma senhora de certa idade, que solta um gritinho juvenil. Desculpo-me em francês e ela responde em servo. E continuo voando pelo país do sonho.

— Você dança maravilhosamente, Léna!

— Acha mesmo, Michel?

— Sinceramente...

E ela já não é a moça reservada dos primeiros momentos, tôda a sua fisionomia irradia felicidade. E ela me confessa, então, que dançar é a sua paixão. Dançou a noite anterior até tarde. Que socialista adorável...

— Creio que começamos a nos entender (digo com uma expressão tão feliz quanto a sua).

— Espero que sim (responde ela), por tôda a côrte há «night-clubs».

★

Tenho a impressão de que estamos numa cabine telefônica (é o que diz Catherine).

— Ou então que somos nove de uma vez num elevador com capacidade para dois apenas (replica Françoise).

Efetivamente, estamos mesmo comprimidos uns contra os outros e não sabemos quanto tempo esta situação vai durar. Mas, por falar em elevador, lembrei um fato que se deu com dois amigos meus, dois irmãos, que caíram perdidamente de amôres por uma «estrêla» de cinema. Tinham êles a vantagem de morar no mesmo edifício de apartamentos que ela. E passavam todo o tempo pendurados na janela grande do quarto, que não fechavam nunca:

— Ela abriu a cortina da sala (anunciava um).

— Está com vestido novo?

— Sim, com outro vestido novo!

E, o mais velho, que se dizia engenheiro-eletricista, passava horas pendurado no teto, consertando a campainha elétrica da porta, que nunca chegava a funcionar bem, na esperança de ver surgir a deusa dos seus sonhos. Chegavam a convidar alguns amigos e ficavam em grupo no saguão vigiando a porta de entrada.

— Ela sai tôdas as noites a estas horas para o teatro (segredava o encarregado num tom pomposo de quem sabe mais do que diz). Certo dia, que foi o mais feliz de suas vidas, (contam até hoje emocionados, embora tudo já esteja longe, perdido nas sombras e no passado) os dois irmãos voltavam de uma viagem e se encontravam com as respectivas bagagens diante da porta do elevador.

O mais velho, que se dizia engenheiro-eletricista, apressou-se em apertar o botão chamando o elevador, entraram e iam fechando a porta quando viram, de repente, através da grade da mesma, a «vedette» encantadora esperando do lado de fora. (Continua no próximo número)

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

● O jovem arquiteto Michel resolve passar as férias na Iugoslávia e só no dia da partida sabe que viajará em companhia de nove moças. Partem e êle se vê às voltas com Catherine, Denise, Nicole, Andrea, Colette... outras moças embarcam nas estações seguintes e surgem apuros com o atraso dos trens, as baldeações, as bagagens. Em Rijeka, o guia que os espera é... também uma moça. Ficam hospedados numa Casa de Estudantes. Resolvem antes do almôço ir à praia e Michel quer tirar fotografias da vista magnífica, mas as pequenas não o deixam. Depois, um tanto receoso da culinária iugoslava, resolve comer num restaurante socialista. Voltam de trem subterrâneo para a Casa de Estudantes onde Michel espera dormir um pouco mas não consegue pois é alojado no quarto de vários estudantes e a rapaziada parece divertir-se conversando aos berros, atirando travesseiros numa algazarra terrível e dizendo piadas sôbre quem viaja com nove pequenas de uma vez. Michel levanta-se e resolve sair para caminhar um pouco. No corredor encontra Andrea que, como êle, não conseguiu dormir por causa do barulho que fazem as companheiras de quarto. E saem os dois para dar uma volta a pé pela cidade. E quando voltam, horas mais tarde, fatigados pensando em dormir, encontram a turma pronta para ir jantar numa buate. Êle protesta mas acaba por ceder. Chegando lá aprecia a vista noturna que se descortina da «terrace» e se anima dançando com as pequenas e acaba por surpreender a todos executando com Colette passos complicados de um «swing» alucinante.



CONVERSA COM UM JORNALISTA QUE ENCANECEU NA REPORTAGEM



O QUE TIMBAÚBA DA SILVA ACHA DA POLÍCIA

● QUEM SOU EU

— «Ingressei na antiga Polícia Civil do Distrito Federal em janeiro de 1933, quando recebi do ministro João Alberto, então chefe de Polícia, a incumbência de organizar, instalar e depois dirigir o Gabinete de Pesquisas Científicas, hoje Gabinete de Exames Periciais. Coube-me, assim, o encargo de dar corpo ao primeiro órgão de polícia científica da metrópole, tendo sido seu diretor durante quase oito anos. Durante a minha direção foram realizados ... 32.214 laudos periciais para a execução dos quais foram feitos, aproximadamente, 20.000 exames físicos, químicos, físico-químicos e mecânicos, nos laboratórios do GPC utilizando-se a variada aparelhagem técnica por mim adquirida. Fiz parte da comissão especial para exames de locais de crime, representei o Ministério da Justiça no 3º Congresso Sul Americano de Química e o GPC no Congresso de Direito Judiciário de 1936. Em 1939, reuni trabalhos que realizara em tôrno dos agressivos químicos ou gases de guerra, publicando a «A Guerra Química Total», com prefácio do general Meira de Vasconcelos, primeira obra em língua portuguêsa sôbre o assunto.»

O REPÓRTER

«Iniciei a vida jornalística em janeiro de 1946 no «Diário Carioca» pela mão de Danton Jobim, de

quem fui colega no curso jurídico. Fugindo às normas até então seguidas pela reportagem policial, de simples descrição de fatos ou de depoimentos, utilizei os conhecimentos de polícia científica na análise dos grandes acontecimentos policiais acompanhando algumas vêzes as diligências, de forma a que o jornal chegasse a conclusões positivas antes da conclusão das autoridades. Aliamos a investigação técnica ao trabalho jornalístico. As reportagens que fizemos em tôrno da tragédia da rua Maria Angélica, na qual perdeu a vida Virgílio de Melo Franco, do crime da «Mansão das Lágrimas» ou Fazenda da Cascata Grande, do falecimento brusco do senador Epitácio Pessoa Cavalcante de Albuquerque, do célebre crime do Sacopã, do crime dos Pilões, em Petrópolis, mostraram a vantagem do jornalismo especializado».

Acha a polícia carioca inteligente?

— Muito embora a grande deficiência de recursos materiais, a nossa polícia é bastante hábil. Quando quer trabalhar, produz muito e algumas vêzes mais que algumas congêneres estrangeiras famosas.

A polícia do Rio conta com uma boa equipe de peritos?

— Infelizmente, nem todos os peritos satisfazem às necessidades de uma investigação moderna. Admitimos sem concurso de títulos ou de provas, não possuindo cursos especializados de formação ou aperfeiçoamento, e alguns sem jamais terem freqüentado antes da nomeação qualquer departamento de polícia técnica, os nossos peritos criminais lutam bravamente contra a habilidade de criminosos e contraventores, luta esta que se agrava mais com a deficiência material. Existem peritos que realizam exames em tôrno de automóveis sem serem engenheiros, mecânicos ou motoristas. Há os que analisam substâncias alimentares sem serem bromatologistas, que são avaliadores sem conhecerem merceologia, que fazem exames de local de crime sem conhecimentos de medicina legal ou de criminalística e os que periciam armas sem terem curso de balística.

Poderia arrolar alguns crimes do Rio que ficaram sem solução?

— O drama da rua Humaitá, em 1933, em que perdeu a vida o jardineiro Antônio Gomes; a morte de Tobias Warchawsky, em 1934, cujo cadáver foi encontrado na mata dos Macacos, na Gávea; o assassínio de Artur Calheiros, em 1935, na estrada de Jacarepaguá, na altura do quilômetro 24; o assassinato de José Augusto de Medeiros, também em 1935, cujo corpo apresentava 23 orifícios por bala e encontrado no fundo de uma grota, nas proximidades da Vista Chinesa e, finalmente, o crime do edifício Carioca, durante o carnaval de 1937 e de que foi vítima o capitalista Álvaro Corrêa Bastos, são os crimes que ficaram sem solução.

Quais os mais competentes policiais do Rio?

— Em primeiro plano, Sílvio Terra, que jamais deveria ter sido retirado da direção de um órgão de investigação ou da Escola de Polícia. Martineli, Vidal, Malta Pêssego, Perpétuo são ótimos elementos investigadores.

De que método a polícia carioca lança mão para arrancar a confissão de ladrões? Nos outros países é diferente?

— De truques os mais variados, segundo as condições personalíssimas do ladrão. Se primário, o ladrão não dá trabalho, pois confessa tudo, fornecendo detalhes sôbre cúmplices e receptadores. Se habituado ao crime, é preciso apanhá-lo de surprêsa durante o interrogatório, quando cansado durante

Assuntos: Peritos, crimes que não tiveram solução, competência da Polícia, método de arrancar confissões, os crimes mais bem planejados do Rio, remodelação da Polícia, a P. E.

Reportagem de PAULO CARVALHO

horas consecutivas, deixa escapar algo logo aproveitado pela autoridade. Nos outros países o método é o mesmo.

Quais os crimes mais bem planejados no Rio nesses últimos anos?

— O roubo da Alfândega, o assassínio do bancário Afrânio Arsênio de Lemos, o desaparecimento de «Pierrot», a morte da «Lili» das jóias.

A polícia do Rio é violenta? Particularmente, violenta?

— Foi até 1945, principalmente durante a administração Filinto Muller, quando as maiores barbaridades foram praticadas e que são do domínio público

Os investigadores «comem bola»?

— E' difícil uma afirmativa de vez que os explorados ou não se queixam ou quando o fazem não confirmam nos inquéritos instaurados às acusações. Não havendo prova concreta, nada pode se dizer com segurança. Pessoalmente nunca tive conhecimento de qualquer caso.

Se já o pleitearam para subôrno e em que condições?

— O cargo que exerci era técnico, de sorte que não havia clima para subôrno ou mesmo simples oportunidade.

Qual o crime mais misterioso que v. descobriu?

— O Gabinete de Pesquisas Científicas não tinha por encargo descobrir crimes e sim fornecer elementos técnicos para que as autoridades pudessem orientar suas deligências. E as autoridades não eram obrigadas a pedir o concurso do GPC nem aceitar as sugestões que êle fazia. A descoberta dos crimes era da alçada de um órgão especializado, da então Diretoria Geral de Investigações, chamado Segurança Pessoal, hoje denominado Seção de Investigações Criminais.

Por que v. foi demitido do Gabinete de Pesquisas Científicas?

— Eu não fui demitido e sim aposentado por decreto de 27 de agôsto de 1940.

Se a polícia carioca precisa ser remodelada, o que sugere para isto?

— Ela necessita de um grande aumento de guardas civis para que haja um policiamento ostensivo permanente durante as 24 horas do dia, único meio seguro de se exercitar a prevenção, que é a medida policial de maior alcance. Quanto à estruturação atual do DFSP é boa necessitando apenas de uma melhor arrumação dos diferentes órgãos acabando-se com o número excessivo de autoridade e chefes de serviço autônomos o que sobrecarrega de muito o trabalho do chefe de Polícia. Há necessidade, também, de se criar um quadro bem amplo de inspetores de trânsito de molde que seja possível uma fiscalização permanente do tráfego.

A polícia do Rio é muito dispendiosa para o Estado?

— Não muito, se se levar em conta as rendas que produzem o Serviço de Trânsito, o Instituto Félix Pacheco e os cartórios das delegacias e que são recolhidas ao erário ou pagas em sêlo conforme o caso. Outros serviços públicos não têm os pesados encargos da polícia e gastam muito mais em simples trabalhos burocráticos. O DASP, a COFAP, a Agência Nacional, por exemplo.

Há vagabundos na Polícia?

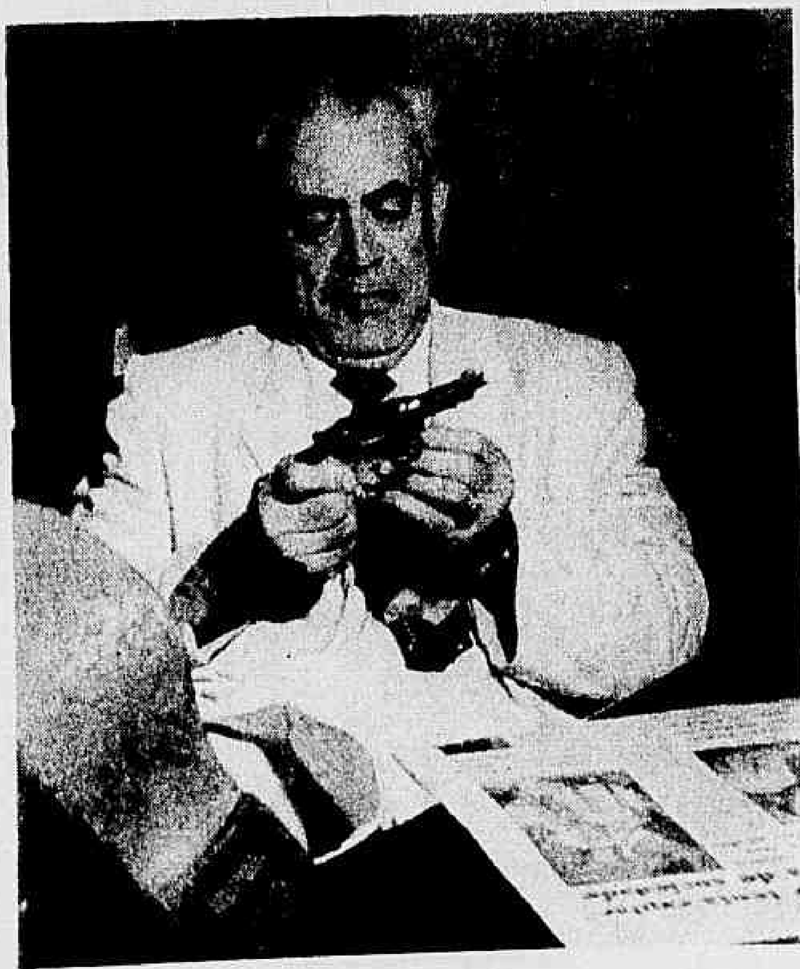
— Como acontece em tôdas organizações oficiais ou particulares na polícia, há os que trabalham noite e dia e os que nada produzem por serem protegidos. E' um mal que não é policial. E' nacional.

Que acha da Polícia Especial?

— Ao tempo da ditadura, Estado Novo, govêrno provisório, ela justificava-se, pois havia «necessidade» de espancar o povo, impedir seus gestos de independência, obstar seus assomos de liberdade. Hoje torna-se inútil, pois sua ação está contrariada pelas leis. Se fôssem os seus 500 homens empregados no policiamento da cidade, fiscalização do trânsito, nos plantões das delegacias ainda era admissível sua existência atual. Como está, não adianta. E' um luxo.



— Quais os crimes mais bem planejados no Rio nesses últimos anos?
— O roubo da Alfândega, o assassínio do bancário Arsênio de Lemos, o desaparecimento de «Pierrot», a morte de Lili das Jóias, etc.



O CRIME MAIS MISTERIOSO QUE JÁ DESCOBRI? É UMA LONGA HISTÓRIA. VOU CONTAR...



«Muito embora a grande deficiência de recursos materiais, a nossa polícia é bastante hábil. Quando quer trabalhar, produz muito e algumas vêzes mais que algumas congêneres estrangeiras famosas».

a SEMANA em REVISTA





CARTAZES

A última Miss

ÊSTE que foi, positivamente, um ano de "misses" não podia terminar sem que, no seu décimo segundo mês, houvesse um derradeiro concurso de Miss qualquer coisa. A qualquer coisa, neste caso, chamou-se Miss Cinelândia, e foi patrocinada pela revista do mesmo nome, saindo vencedora a srta. Inalda Carvalho, sob aplausos gerais. Aliás, êsses aplausos gerais é que foram decepcionantes. Afinal de contas os fotógrafos e repórteres presentes, foram lesados, pôsto que deveria ser mantida a tradição, coisa que, absolutamente não aconteceu. Dona Inalda foi muito aplaudida pela torcida e não houve ninguém, quer entre o público quer entre as candidatas, que tentasse agredir a vencedora.

E assim pôde a bela Inalda Carvalho ser coroada com todos os requisitos da técnica moderna, isto é, com baile de gala, com desfile da Bangu e uma comissão julgadora para coroá-la por intermédio de seu presidente, ainda desta vez o vereador Paschoal Carlos Magno, o mesmo que ia levando as sobras no concurso da Rainha do Cinema. A nova Miss, emocionadíssima, conforme ela declarou, agradeceu os aplausos e manifestações de seus fãs e disse textualmente: "Êste é o momento mais feliz da minha vida". O que não deixa de ser original. Mas, para turbar a felicidade da moça Inalda Carvalho, surgiu logo um contratempo: ela, como vencedora proclamada, terá de assinar um contrato cinematográfico e, como castigo, fazer um filme na Atlântida, pròvàvelmente com um elenco inteiramente novo, onde figurarão Eliana, Fada Santoro, Cil Farney e o super-estreante Oscarito. Nos flagrantes acima vemos: à esquerda, a bela vencedora, e à direita, um grupo das finalistas.



O CHURRASCO DE JOAQUIM RÔLA

● Uma nova fase, que promete ser das mais movimentadas e brilhantes, iniciou o Hotel Quitandinha neste ano de 1954. Após um longo período em que o famoso estabelecimento estêve sob a administração de uma emprêsa norte-americana, voltou o sr. Joaquim Rôla à sua direção. Inaugurando êste novo período para a vida do Quitandinha, Rôla anuncia grandes melhoramentos e interessantes novidades para os inúmeros «habitués» nacionais e internacionais da casa da Rio-Petrópolis. Para a inauguração oficial da nova temporada do Quitandinha, realizada num dos últimos domingos do ano passado, o sr. Joaquim Rôla ofereceu um grande churrasco à imprensa, com a presença de correspondentes estrangeiros e outros convidados. Nos flagrantes, dois aspectos do churrasco.





PORTINARI 50 ANOS

Na têrça-feira última, dia 29, Cândido Portinari completou 50 anos de idade. A data, que os seus amigos e admiradores fizeram festiva, foi encontrá-lo, manhã cedo, no seu «atelier», na av. Atlântica, pintando e, vez por outra, olhando o mar sem tamanho que se estende em frente. Portinari representa, com Vila Lôbos e Manuel Bandeira, o trio que mais profundamente marcou o sentido da arte nova no Brasil, a ela dando característica, fôrça, engenho e criação autêntica. Eis porque o cinqüentenário do grande pintor, mais do que uma simples data na folhinha, é um feriado nacional.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. ......

NOME..............................

RUA.................... Nº. .....

CIDADE............................

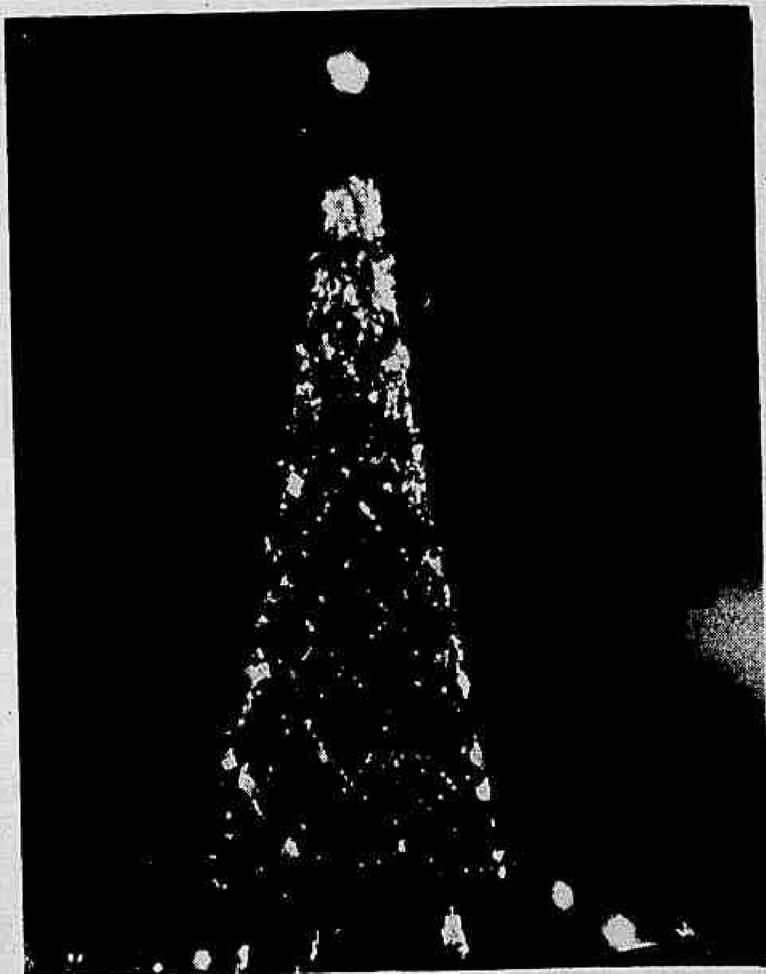
ESTADO............................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

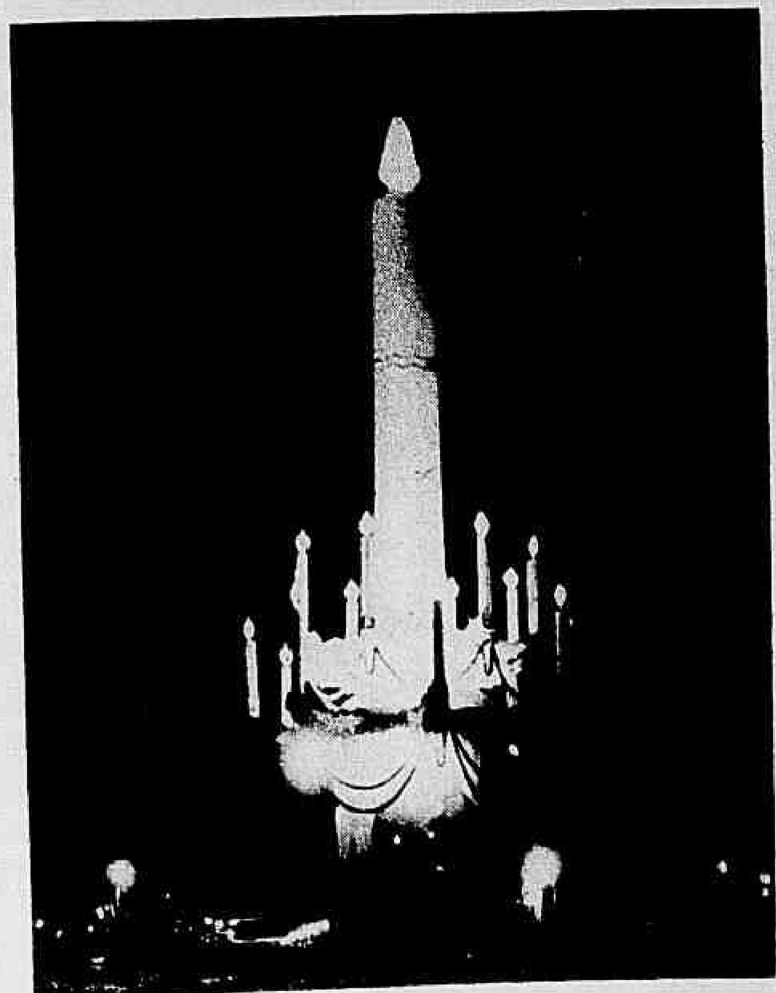


MUITA LUZ NO NATAL

● Roupa nova e colorida vestiu a cidade na semana de Natal. O carioca pôs de lado os pequenos e os grandes dramas do cotidiano para viver em função dos sete dias que culminaram com o amanhecer do primeiro dia de 1954. Vitrinas enfeitadas, papais Noel de todos os tamanhos, um pinheiro gigantesco iluminando a Cinelândia, uma vela imensa no obelisco e a Avenida de ponta a ponta decorada. Os lares abriram a porta da frente para exibir ao transeunte o pinheirozinho luzidio armado em casa. Como se viu, os problemas e as tristezas de 1953, não participaram da última semana do ano, a semana do Nazareno.







MORRE EM ROMA:

CRISTIANO MACHADO



● Cristiano Machado teria sido o presidente mais delicado da história da República. Mas não teria sido sòmente isso: era um homem moderado, conciliador, hábil, profundo conhecedor do ambiente político brasileiro, identificando nos homens suas qualidades e seus defeitos. Poderia ter acertado. Até aqui sua derrota tinha sido atribuída tão sòmente à onda getulista, diante da qual os chefes do PSD não puderam conter o eleitorado. Entretanto, havia outro motivo, talvez tão decisivo quanto o primeiro: o mêdo do Brigadeiro. Muitos políticos pessedistas viram pela frente, nas vésperas do pleito, o fantasma de Eduardo Gomes, e carregaram no anti-Brigadeiro. A perder, perder com esperança. Os fatos mostraram que êles estavam certos. Perderam, ganhando. Cristiano entrou na luta com outra desvantagem: seu estado de saúde, já então precário, vítima que fôra de dois ou três infartos. Quando os resultados do pleito se anunciaram desfavoráveis para êle, todos temeram que seu coração cedesse ante a constatação de que fôra traído. Suportou, porém, a derrota com tranqüilidade. A maior dificuldade da sua campanha foi fazê-lo conhecido, pois, tendo tido embora larga atuação política, sòmente em Minas exercera postos de relêvo; prefeito de Belo Horizonte antes de 1930, secretário do Interior depois de 30 e secretário da Educação durante o govêrno Valadares, quando sua atuação foi forçadamente discreta em face das restrições pessoais que lhe fazia o governador.

Semana POLÍTICA

IMPOSSIBILIDADE DO ACÔRDO MINEIRO

CARLOS CASTELLO BRANCO

Na UDN mineira persiste intacto, na pessoa de seus chefes representantivos, o sentimento cívico que inspirou não pròpriamente o movimento de 29 de outubro, mas a campanha contra a Ditadura, que o precedeu.

Naqueles chefes a preocupação cívica continua a sobrepor-se às exigências de natureza política. A batalha que se trava na UDN, a partir do dia imediato ao da derrota do Brigadeiro em 1945, é uma expressão dessa oposição entre civismo e política e é em Minas que os cívicos vão encontrar sua matéria prima de resistência na influência política que ainda exercem homens como Milton Campos e Pedro Aleixo. A nova tentativa de acôrdo mineiro, de interêsse eminentemente político, terá o seu desfecho na luta que se trava dentro do udenismo local, onde homens de excepcional vocação política como Magalhães Pinto e Gabriel Passos procuram normalizar a vida da UDN, trazendo-a para o convívio dos partidos e integrando-a na rotina que são os acordos, as composições, as transigências na marcha para o poder. Não importa que êsses homens tenham em determinado momento, levado pelas contingências da vida do país, se distinguido pela sua participação honesta e leal numa campanha cívica. A verdade é que o seu reino é outro, muitas vêzes próximo do primeiro, mas substancialmente diferente.

● Terá sido talvez a predominância do espírito cívico que levou a UDN de Minas, depois de instalada no govêrno, a perdê-lo para os políticos do PSD e do PR. A resistência de Pedro Aleixo à composição com o PTB foi um episódio característico.

Em 1950, o segrêdo da oposição udenista à fórmula mineira estava precisamente na intransigência do espírito cívico no considerar a qualidade dos candidatos eventuais do PSD, homens que tudo haviam sacrificado, inclusive os sentimentos republicanos, em favor do êxito político. Coerentes com o combate que lhes haviam dado, julgando-os insuficientes para atender às necessidades de recuperação moral do govêrno e da administração, não havia porque, por simples inclinação regionalista e, portanto, política, os apoiassem para disputar o cargo de Presidente da República. Pois bem, para os chefes da UDN de Minas, enquanto êles se chamarem Milton Campos e Pedro Aleixo, persistem os motivos para não entregar o poder aos dirigentes do PSD. Êsse arranjo político, que poderá ser interessante ou não para o país, tem com condição essencial de êxito que os políticos da UDN suplantem dentro do seu partido a enorme autoridade moral e ainda política dos seus dirigentes cívicos.

JUSCELINO SE ANTECIPA



KUBITSCHEK

O ministro da Justiça, respondendo ao governador de Pernambuco, começou a articular a candidatura do sr. Juscelino Kubitschek à sucessão presidencial, na base da união dos mineiros. A nova fórmula mineira poderia se enquadrar perfeitamente dentro do esquema Etelvino se o objetivo da articulação não fôsse precisamente o de torpedeá-lo. Minas acha que, adiando o problema, terá mais chances em 1955 do que agora. De qualquer forma, o governador de Pernambuco não deixa de ter vencido a parada: a candidatura Juscelino foi antecipada de dois anos, embora com o objetivo de fortalecer dentro do PSD os que não querem antecipar a decisão.

◆

CANDIDATOS À VISTA



CLEOFAS

Neste começo de mês deverão ser conhecidos alguns candidatos aos governos estaduais. No Ceará, o governador Raul Barbosa fará sua última tentativa de acôrdo geral, no qual insiste porque sòmente havendo entendimento poderá deixar o govêrno seis meses antes para candidatar-se ao Senado ou mesmo à Câmara. O mais provável é que fracasse e surja o candidato da aliança UDN-PTB, que poderá ser ou Paulo Sarazate ou um Távora. Em Pernambuco, o ministro Cleofas, assessorado por Alde Sampaio, foi discutir a aplicação do esquema Etelvino, no Estado. A dificuldade está em que o PSD acredita que tem ali nítida supremacia política, alegando os resultados das últimas eleições. Reconhecida a tese, será pessedista o candidato. Acontece que a UDN alega que, tendo sido vitorioso na última eleição o candidato coligado Etelvino Lins, não se pode falar em supremacia, devendo, portanto, o assunto ser discutido. Cleofas tinha esperanças, mas que se apagam. Poderá ser, se quiser, senador. Na Bahia, depois do resultado da reunião do PSD, a situação continua indecisa, Balbino poderá dar o golpe da retirada da sua candidatura.

Goiás já tem candidato: Galeno Paranhos. E Espírito Santo, idem: Eurico Sales.

PERFIL POLÍTICO



ALBERTO DEODATO MEIRA BARRETO — O professor da Faculdade de Direito de Belo Horizonte ficou tão radicado em Minas, que acabou mineiro. Quando chegou ao Rio, feito deputado pela UDN, mesmo os jornalistas estavam com a impressão de que Deodato era nascido em Minas. Deodato é natural de Sergipe, mas, vive em Minas há mais de vinte anos. Êle mesmo conta como foi dar com os costados na capital mineira: Acidentalmente vim a conhecer Raul Soares, então ministro da Marinha. Fui cobrar uma frisa que não fôra paga no espetáculo de minha peça levada no São Pedro: «Flor de Tapuia». Daí surgiu a indicação do meu nome para uma Promotoria no interior de Minas. E valeu a pena, porque o ar da montanha deu-lhe uma côr sanguínea que contrasta muito bem com a cabeleira branca. O deputado Deodato já fêz muita coisa antes de entrar na arena política: foi jornalista, chefe de gabinete do Daniel de Carvalho (Secretário de Minas), vereador, professor catedrático e escritor. Ribeiro Couto teria exercido influência na vida intelectual do estudante Alberto, quando ambos moraram juntos numa pensão no Flamengo. O fato é que o professor de Direito Internacional e Ciência das Finanças já publicou Canaviais (contos), A doce filha do juiz (romance) e está rascunhando outro romance chamado Curral del Rey. A política tem suas correntes, mas a imprensa as tem mais fortes, tanto que Deodato não se libertou dela e continua colaborando no Estado de Minas, no Correio do Dia, de Belo Horizonte.

Durante o tempo de estudante no Rio, Alberto Deodato escreveu três peças para o teatro: Pensão da Nicota, Um bacharel em apuros, e aquela Flor de Tapuia, que tanto influência exerceu na sua vida. Naquele tempo do Rio cômodo, onde ainda existia condução, água, leite e espaço para andar — o deputado recorda saudoso — êle praticou esporte. Foi remador do Clube de Natação e Regatas. Hoje seu esporte consiste em torcer para o Bangu, que neste campeonato de 53 tantos dissabores causou aos seus fãs. Deodato tem hoje 56 anos, seis filhos e é avô de quinze netos. No apartamento de Copacabana o sergipano se recorda das aulas que durante longos anos ministrou na Escola de Belo Horizonte. Os rapazes gostavam dêle. Apesar de afastado do meio universitário, os estudantes ainda o tem na conta de uma boa praça. E por conta disto e de outros títulos sua reeleição à Câmara na próxima legislatura são favas contadas. — D.R.



VIVOS E MORTOS

Esta fotografia, que foi arquivada sem data, tem porém uma data presumível: 1935. Duas pessoas que nela figuram estão mortas, Agamenon Magalhães, então ministro do Trabalho, e Pedro Ernesto, prefeito. Os outros são o jovem Lourival Fontes, de cabeleira negra e basta, diretor do então Departamento de Propaganda, o ex-senador José de Sá e Gustavo Capanema, ministro da Educação. A fotografia foi tirada durante a irradiação da Hora do Brasil, comemorativa do aniversário da revolução de 3 de outubro de 1930.



UM NOME, UMA NOTÍCIA

EDUARDO GOMES acha que, sem êle, pode ser resolvido desta vez o caso da sucessão presidencial. O general Juarez Távora poderia ser um bom candidato, que o próprio Brigadeiro coordenará, se quiserem. Se não fôr possível, entretanto, acredita que o Brasil lucrará caso o futuro presidente fôr Osvaldo Aranha.

ADEMAR DE BARROS diz a seus amigos que não pode ser candidato a governador de São Paulo, pois, como concorrente, dividiria o Estado e suscitaria uma grande oposição ainda que fôsse eleito. Para êle, o interessante é apoiar o candidato que vá vencer, contanto que não seja Jânio Quadros. Seu problema em São Paulo é somar.

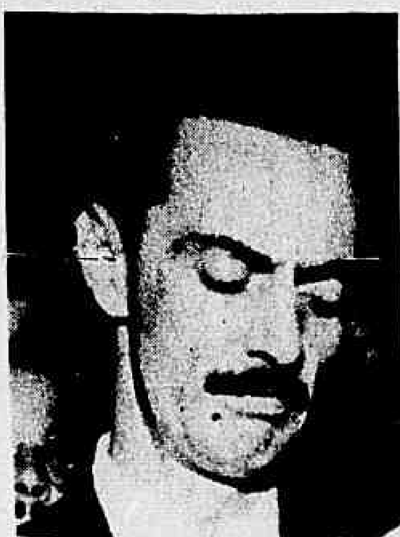
NEIVA MOREIRA será um dos quatro deputados federais que o PSP espera eleger no Maranhão. Dois outros serão Clodomir Millet e Afonso Matos. O quarto lugar está em disputa. A UDN candidatará novamente Antenor Bogéa, mas sem esperança. Odilo Costa, filho, teria mais chances.

JÂNIO QUADROS, a propósito do esquema Etelvino, disse que terá o Catete em 1955 quem tiver São Paulo em 1954. E, para o seu auditório, que se torna dia a dia mais numeroso, o prefeito não teve dúvida de afirmar que em 1954 São Paulo será dêle.

MUNHOZ DA ROCHA tem sua candidatura à presidência da República apoiada por Café Filho. Em compensação Café tem a própria candidatura apoiada por Munhoz da Rocha. A diferença é que, nessa história, o governador do Paraná não acredita em nada, mas o vice presidente acredita.

MARCIAL DIAS PEQUENO, último ministro do Trabalho do govêrno Dutra pretende deixar para a posteridade um documento: suas memórias do Ministério, através das quais ficará comprovada a honestidade do presidente. Em compensação, muitas reputações cairão. Mas ninguém se assiste: a história é para a posteridade.

HENRIQUE LA ROCQUE, derrotado na eleição de senador no Maranhão, vai se candidatar a deputado, coisa que tanto pode ocorrer no Maranhão, como no Distrito Federal. Recebeu êle um abaixo assinado de milhares de pessoas convidando-o a candidatar-se pelo Rio.



QUADROS



MUNHOZ DA ROCHA

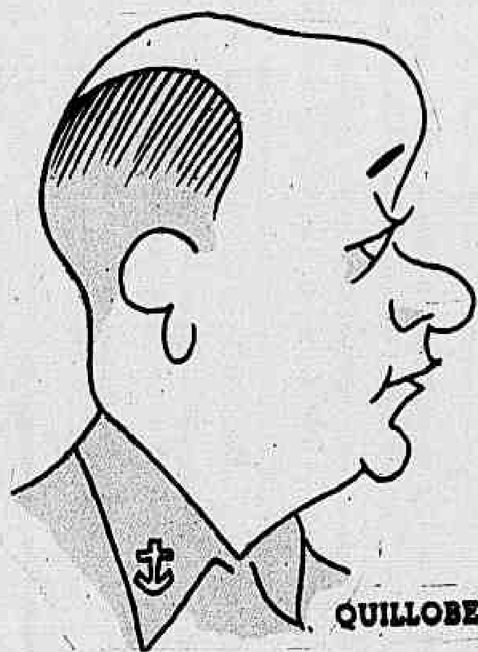


GOMES

DICIONÁRIO POLÍTICO

● MINISTRO DA MARINHA

Substantivo « out-rigger », com patrão (o velho Vargas). Na impossibilidade de resolver os problemas da armada (de grande profundidade, sobretudo nas marés altas) o nosso ministro da Marinha resolveu eliminar os ditos. Quer dizer: em vez de comprar cruzadores e submarinos, está aterrando



o mar. Por enquanto não passou da avenida Brasil, mas confia em que terminará o seu trabalho (aterrador) no govêrno Vargas, que sabemos coisa sempre comprida. Ficaremos, assim, um país central como a Suíça, e então o almirante dos aterros poderá exclamar: para que marinha, se só temos o Mar de Espanha?

● ALMIRANTE AMARAL PEIXOTO

De tanto singrar as águas generosas da família Vargas, o sr. Amaral Peixoto, figura náutica, acabou almirante, governador e genro. Hoje, afastado das atividades marinheiras, o almirante ainda assim dá pasto à sua vocação irresistível, atravessando, em dias calmos, a baía de Guanabara. Há quem diga que enjoa nas barcas da Cantareira, mas isso deve ser intriga dos genros de má sorte dêste país. O sr. Joaquim Rolas pode atestar que o governador Amaral Peixoto sempre atravessou, bravamente, no seu pedalinho capitânea, as águas profundas e revôltas do lago do Quitandinha e que o jôgo ali reinante jamais o pôs em náuseas. Se o almirante está levando o barco do PSD ao fundo, isso não quer dizer que seja um mau comandante: os genros têm razões que o próprio Almirantado Britânico desconhece.

● COLABORACIONISMO

Substantivo adesivo, da categoria chapa-branca. Fita durex da política, o colaboracionismo é o nome pelo qual atende a filosofia-esparadrapo doutrinada e praticada pelo deputado José Cândido Ferraz e outros governistas da oposição. A colaboração administrativa pregada por êsses filósofos práticos tem como bases, quase sempre, o Banco do Brasil e a embaixada brasileira em Paris. Mas há quem dê por mais barato os seus argumentos, havendo casos em que baste uma recepção na casa do sr. Lourival Fontes ou um apêrto de mão do tenente Gregório. De qualquer maneira o colaboracionismo é uma fôrça. Uma fôrça para chegar ao Catete pela entrada de serviço.

● TESOURO NACIONAL

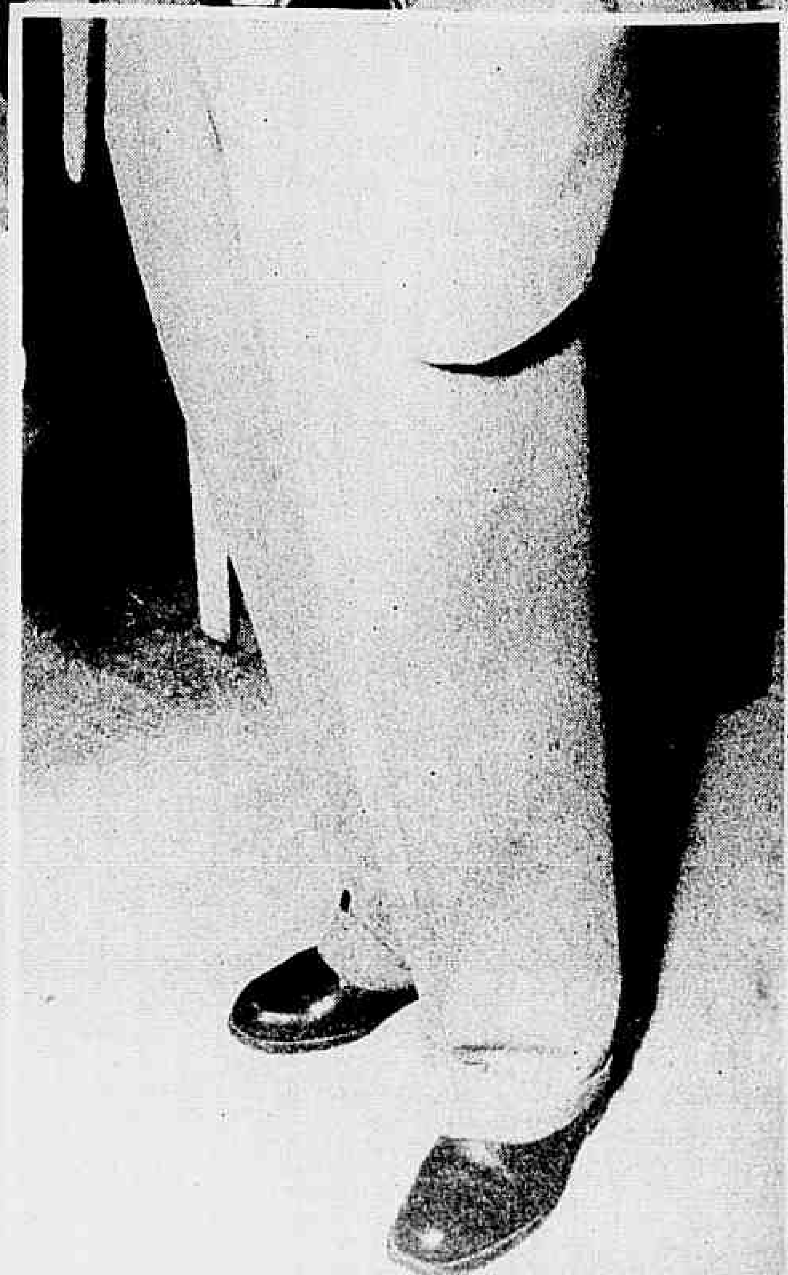
Tesouro que todo mundo sabe onde está e, o que é pior, onde todo mundo põe a mão, o pobre erário público do Brasil é a figura mais exangue dêste país. Uma certa entidade chupadora de hemoglobinas, chamada «fisco», arranca de todos nós, ricos e pobres, o dinheiro que vai nutrir o grande mealheiro da nação. E então nas horas mortas, heróis e salteadores, que descobriram o mapa do tesouro, transferem para os respectivos bolsos os cruzeiros do suor cole-



AMARAL PEIXOTO

tivo. Êsse o mecanismo do chamado sistema tributário brasileiro, do qual, justiça se faça, também resultam, de vez em quando, um banquete ao presidente do Peru, uma recepção ao ministro do Trabalho, uma propaganda eleitoral bem feita e outros benefícios da mesma envergadura.





O CALOR VAI SER O GRANDE INIMIGO DE ZATOPEK

● Fazia 40 graus à sombra no Galeão, quando o grande Zatopek ali desembarcou, trazido pela KLM diretamente das neves de Praga para «fornalha» carioca. Emil Zatopek chegou sorridente e acenou com o seu chapéu desengonçado para a pequena multidão da colônia tcheca que o aclamava aos gritos de «Emil, Emil!». O popular vencedor olímpico de 1948 e 52 (Helsinki) entre outras coisas disse aos repórteres que o seu grande inimigo nas corridas de São Silvestre em São Paulo (seu destino) podia ser o calor. O fato de ser um cidadão da «Cortina de Ferro» também suscitou a curiosidade de todos em tôrno de Zatopek. Major do exército e herói nacional tchecoslovaco, o campeão também exibe qualidades de poliglota e respondeu à altura ao bombardeio de perguntas em meia dúzia de idiomas. Sua espôsa, que não o acompanhou nesta viagem, também é corredora e já alcançou quatro medalhas nas Olimpíadas de Helsinki. Zatopek, loiro, bem humorado, 28 anos de idade, veio a convite dos nossos confrades da «Gazeta Esportiva» de São Paulo, e já trouxe consigo convenientemente estudado o percurso (e as qualidades do terreno) da corrida de São Silvéstre.

Quando São Paulo festeja seu 4º centenario

O Decano dos jornais paulistas

CORREIO PAULISTANO

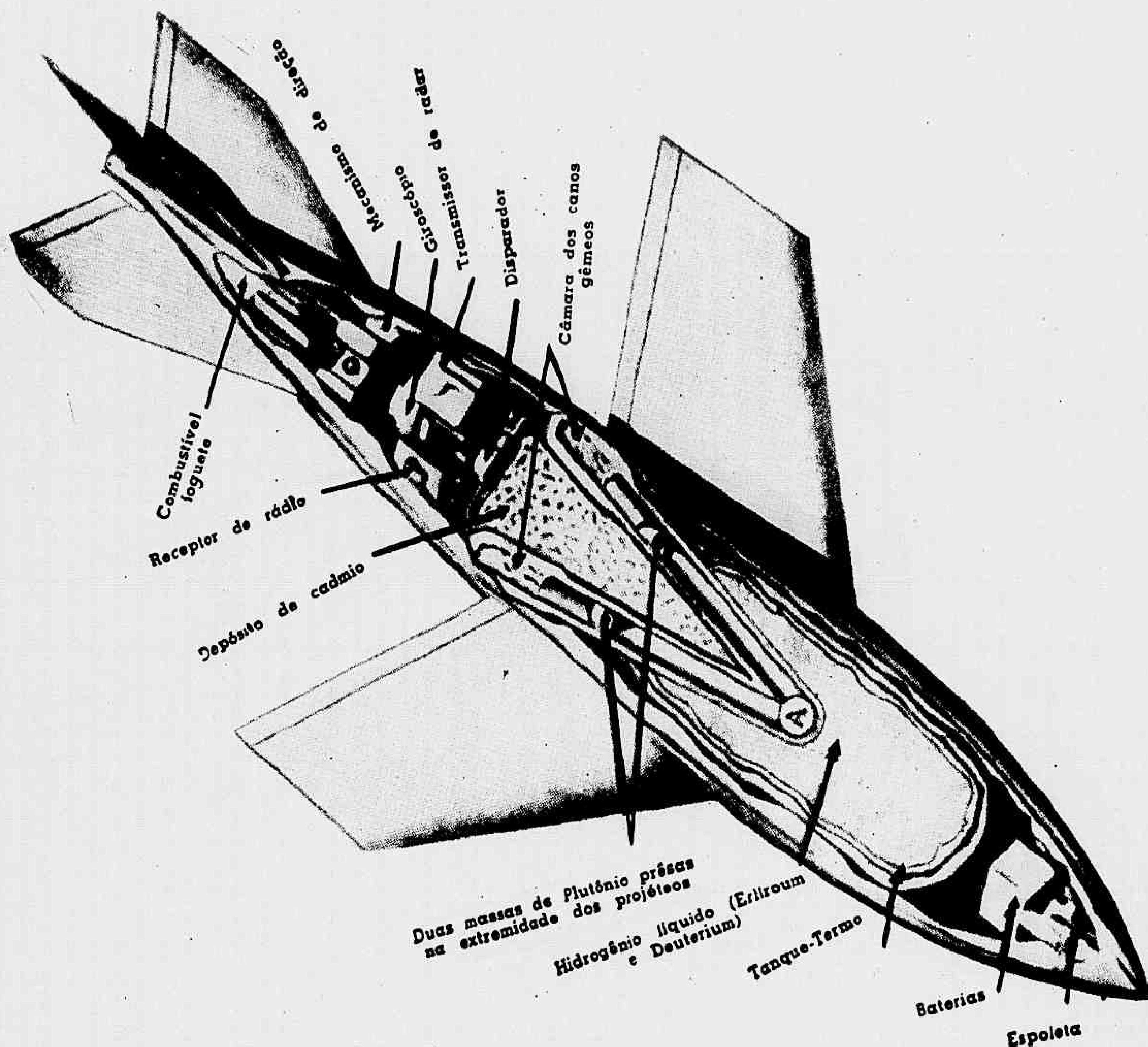
comemora
100 anos
de atividade
ininterrupta

1 Século de tradição a serviço do Brasil



Garantindo um apreciável volume de negócios, porque circula num meio de alto poder aquisitivo

ALMANAQUE EU SEI TUDO PARA 1954



ESTÁ A VENDA EM TODA PARTE

- Um manancial de leitura, contendo entre mil assuntos: Informações sôbre o ANO CRISTÃO, CATÓLICO, EVANGÉLICO, ISRAELITA, AERONÁUTICO, CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, EX-LIBRÍSTICO, AGRICOLA, HOROSCÓPICO, CALENDÁRIOS: CATÓLICO, ISRAELITA E EVANGÉLICO. As origens do mundo e da vida. A verdadeira história da Legião Estrangeira. Como foram decifrados os hieróglifos do antigo Egito. Os restos da Atlântida.. Que é moeda?
- Informações de interêsse geral, para os amantes de: CIÊNCIA, HISTÓRIA, TEATRO AMADOR, NOVELAS POLICIAIS, HISTÓRICAS E DE AMOR, FÁBULAS E CONTOS INFANTIS, AGRICULTURA, QUEBRA-CABEÇAS, EX-LIBRIS, ECONOMIA DOMÉSTICA, TESTES E DECIFRAÇÕES, AVENTURAS, ESTATÍSTICAS, GEOGRAFIA, MEDICINA, ARQUITETURA, VIAGENS, ASSUNTOS RECREATIVOS, AUTOMOBILISMO, MECÂNICA, AVIAÇÃO, INVENÇÕES, etc.
- MAL DE HERANÇA, um belíssimo romance.
- ÊLE CRESCERÁ, uma encantadora comédia, para ser representada.

CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO.